

Marquês de Sade

A FILOSOFIA NA ALCOVA

(La Philosophia. dans le boudoir)

PREFÁCIO À EDIÇÃO ORIGINAL

Habent sua fata libelli. Os maus livros também têm seu destino. A obra que estamos em vias de entregar ao público chocará, sem dúvida, aos leitores menos avisados. A crueza das cenas de deboche e a violência dos ataques a todos os princípios da moral consagrada abalam mesmo ao espírito mais habituado a leituras fortes. A depravada orgia da imaginação do famigerado Marquês é tamanha que ninguém o superou até agora e sua obra é, ainda hoje, o melhor documento dos desvarios a que pode atingir a mente humana. Nada ele respeita. A religião, a moral, os costumes, os mais puros sentimentos de família e amizade, os nobres impulsos do coração humano são vilipendiados por este espírito doentio e degenerado.

Aqueles que tiveram oportunidade de se informar sobre a patologia do espírito humano, os que se interessam pelo estudo das anormalidades sexuais, não estranharão, evidentemente, este pesadelo monstruoso. Para estes, a presente obra valerá como um texto para estudo. Nenhum sexólogo, nenhum psiquiatra, poderá ignorar este documento. Aí está nossa justificação, ao publicá-lo.

Ainda mais. Para os leitores e mesmo para os inexperientes, esta leitura, estamos certos, jamais será perniciosa. O espírito não repelirá sua brutal pornografia e sua álgida libidinagem. Quem dispuser de um sólido patrimônio moral repudiará, automaticamente, as elucubrações extravagantes e infantis do autor e, certamente, robustecerá suas crenças e seus princípios ante a insanidade de seus cínicos argumentos. Aliás, para invocar ainda uma verdade consagrada: é preciso conhecer o mal para saber evitá-lo.

Quem foi, entretanto, o Marquês de Sade?

Donatien Alphonse de Sade nasceu em dois de junho de 1740. Contava quatro anos quando foi viverem companhia de sua avó em Avinhão. Três anos mais tarde, passou a morar com um tio que o educou até 1750, época em que foi enviado ao colégio Luis-le-Grand, em Paris. Ao sair do colégio, ingressa na Cavalaria Ligeira. Chega logo a alferes do Regimento Real e em seguida a capitão do 7º de Cavalaria, com o qual participa, na Alemanha, da Guerra dos Sete Anos. Regressa a Paris em 1763 e no mesmo ano se casa por imposição da família.

Aqui começa o drama. Sade ama, na realidade, a irmã daquela que lhe destinam e seus futuros sogros, percebendo isso, internam-na num convento. O casamento realiza-se, entretanto. Revoltado, Sade se entrega ao deboche - em companhia de conhecidos libertinos, como o Duque de Fronsac e o Príncipe de Lamballe. Em consequência, mas por motivo não perfeitamente esclarecido, é preso e internado em Vincennes por dois meses. Até 1768 decorre sem novidade sua existência. É então que ocorre o célebre caso de Rosa Keller, prostituta ou simples mendiga que Sade sequestra numa sua propriedade e a quem seveicia, chegando mesmo a feri-la em várias partes do corpo com uma navalha.

Segue-se outro período de tranquilidade até 1772: o Marquês vive em suas propriedades da Provença. Sua mulher vem reunir-se, então, a ele e comete a imprudência de trazer consigo a irmã recém saída do convento. Sade não resiste. Faz a corte à sua cunhada e como esta resista, embora o ame, engendra um estratagema para rendê-la. Em Marselha, acompanhado de seu fiel criado, compra uma caixa de bombons e neles mistura cantárida. Vai depois a um meretrício e serve as guloseimas às rameiras que, excitadas pela droga, entregam-se à maior orgia, promovendo grande escândalo. Era o que desejava. De posse de uma ordem de prisão que ele mesmo faz questão de obter de um seu amigo membro da justiça, apresenta-se à sua cunhada e declara-lhe que foi em consequência de sua recusa que praticou aquilo e que se submeterá ao castigo, ao suplício da roda, se ela não o acompanhar na fuga. Recolhe-se com ela em Florença, na Itália, e aí vive alguns anos. Com a morte de sua companheira volta para a França, onde é

detido em consequência do escândalo de Marselha. Foge da prisão com auxílio de sua fiel e dedicada esposa, que tudo lhe perdoava. Não pode, entretanto, viver pacificamente em seu lar. Ligando-se a uma rameira, volta à Itália e aí permanece até 1777, quando retorna à França. Em 1778, ainda com auxílio da esposa, consegue a revisão do processo de Marselha mas a sogra, que não o quer ver solto, consegue que seja anulada a decisão que o inocentava e Sade é recolhido de novo a Vincennes. Passa seis anos nesta prisão (1778-1784), quatro na Bastilha (1785-1789) e um Charenton, de onde em 29 de março de 1790, em consequência de um decreto da Assembléia Constituinte, é libertado. Suas atividades no desenrolar da Revolução tomam-no suspeito e ele é novamente preso em 93. Só consegue de novo a liberdade em 94. Até 1801 vive tranquilamente ocupado em atividade literárias. Nesta data, tendo publicado um folheto dirigido contra Josefina de Beauharnais e Napoleão, é detido e internado como louco no hospício de Sainte-Pélagie. Nunca mais verá a liberdade. Em 2 de dezembro de 1814, morre, aos setenta e quatro anos de idade.

"A Filosofia na Alcova" (*La Philosophie dans le boudoir*) apareceu pela primeira vez em 1795 como "obra póstuma do autor de Justina", em dois volumes ilustrados. Constitui o mais expressivo dos escritos do Marquês nas práticas do vício. É uma antologia da libertinagem.

Outras obras do autor: "Justine, ou les Malheurs de la Vertu", "Juliette, ou la Suite de Justine", "Soloé et ses Deux Acolytes".

AOS LIBERTINOS

Voluptuosos de todas as idades e de todos os sexos, é a vós somente que dedico esta obra; alimentai-vos de seus princípios que favorecem vossas paixões; essas paixões que horrorizam os frios e tolos moralistas, são apenas os meios que a natureza emprega para submeter os homens aos fins que se propõe. Não resistais a essas paixões deliciosas: seus órgãos são os únicos que vos devem conduzir à felicidade.

Mulheres lúbricas, que a voluptuosa Saint-Ange seja vosso modelo; segui seu exemplo, desprezando tudo quanto contraria as leis divinas do prazer, que dominaram toda sua vida.

Jovens, há tanto tempo abafadas pelo liames absurdos e perigosos duma virtude fantástica, duma religião nojenta, imitai a ardente Eugênia; destruí, desprezai, com tanta rapidez quanto ela, todos os preceitos ridículos inculcados por pais imbecis.

E vós, amáveis devassos, vós que desde a juventude não tendes outros freios senão vossos desejos, outras leis senão os vossos caprichos, que o cínico Dolmancé vos sirva de exemplo; ide tão longe quanto ele, se como ele desejais percorrer todas as estradas floridas que a lubricidade vos prepara; convencei-vos, imitando-o, de que só alargando a esfera de seus gostos e suas fantasias, e, sacrificando tudo à volúpia, o infeliz indivíduo, conhecido sob o nome de homem e atirado a contragosto neste triste universo, pode conseguir entremear de rosas os espinhos da vida.

PRIMEIRO DIÁLOGO

Madame de Saint Ange, Cavalheiro de Mirvel..

MADAME - Bom dia meu irmão; Dolmancé não vem? MIRVEL - Chegará às quatro em ponto. Como jantamos somente às sete, teremos muito tempo para conversar.

MADAME - Sabe que me arrependo um pouco da minha curiosidade e dos projetos obscenos que fizemos para hoje? Você é muito indulgente, querido! Justo quando eu deveria ser bem comportada é que se me aquece a imaginação, e mais libertina me tomo: como você me perdoa tudo, fico cada vez mais mimada... Aos vinte e seis anos, já deveria ser uma beata e não passo da mais devassa de todas as mulheres... Não se pode ter uma idéia de tudo quanto imagino, de tudo quanto quisera fazer; acreditava que, me limitando às mulheres, conseguiria tranquilidade; que meus desejos, uma vez concentrados em meu sexo, não transbordariam sobre o seu. Quiméricos projetos, meu amigo, os prazeres de que desejava me privar pareceram-me ainda mais tentadores e me apercebi de que, quando se nasceu para a libertinagem, é inútil querer dominar-se: os fogosos desejos irrompem com mais força. Enfim, querido, sou um animal anfíbio: gosto de tudo, tudo me diverte; quero conhecer todos os gêneros; confesso que é uma extravagância completa de minha parte querer conhecer esse singular Dolmancé, que, como diz você, nunca possuiu as mulheres como o costume o prescreve, que, sodomita por princípio, idolatra o próprio sexo e só se rende ao nosso sob a cláusula especial de lhe oferecermos os encantos que está acostumado a encontrar entre os homens. Veja, meu irmão, que bizarra fantasia! Quero ser o Ganimede desse novo Júpiter, quero gozar de seus gostos, de seus deboches, quero ser a vítima dos seus erros. Saiba que, até agora, dessa maneira só a você me entreguei, por prazer, ou a certo criado que, pago para me possuir desse modo, só o fazia por interesse. Hoje, não é mais por complacência nem por capricho, mas sim por puro gosto... Creio que haverá uma notável diferença entre as duas experiências e quero conhecê-la. Descreva-me bem Dolmancé, afim de que o tenha na idéia antes que ele chegue; sabe que o conheço apenas por tê-lo encontrado durante alguns minutos numa casa onde estivemos.

MIRVEL - Dolmancé acaba de completar trinta e seis anos; é alto, lindo aspecto, olhos vivos e espirituosos; mas algo de dureza e de maldade transparece nos seus traços. Tem dentes lindíssimos; um certo dengue no mover a cintura e no andar, certamente pelo hábito de imitar as mulheres. É elegantíssimo, tem voz agradável, várias habilidades e sobretudo espírito filosófico.

MADAME - Bem, espero que ele não acredite em Deus...

MIRVEL - Que idéia! É o mais célebre ateu, o homem mais imoral, a corrupção mais completa e integral, o mais celerado dos indivíduos que possam existir.

MADAME - Como tudo isso me excita! Vou adorar esse homem. Quais os seus gostos?

MIRVEL - Você bem sabe: as delícias de Sodoma, tanto passivas como ativas, são-lhe sempre agradáveis. Prefere os homens, e se consente em se divertir com mulheres é sob a seguinte condição: trocar de sexo com ele, prestando-se a todas as inversões. Falei-lhe de você, eu o preveni de suas intenções; aceita as suas propostas mas, por sua vez, avisa-a das suas condições. Você não obterá nada dele se pretender induzi-lo a outra coisa. "O que consinto em fazer com sua irmã", diz ele, "é uma extravagância... Uma brincadeira que me repugna e à qual só me entrego raramente e tomando muitas precauções".

MADAME - Repugnância... Precauções... Que interessante a linguagem desses moços amáveis! Nós, as mulheres, temos também palavras como estas, particularíssimas, que provam o profundo horror que nos domina por tudo quanto não se refira ao culto de nossa devoção... Diga-me, meu caro, ele já o possuiu? Com seu lindo corpo e seus vinte anos pode, creio, cativar um homem como esse!

MIRVEL - Creio que posso revelar as extravagâncias que juntos praticamos: você tem suficiente espírito para não os censurar. Geralmente amo e prefiro as mulheres; entrego-me a este gozo bizarro apenas quando tentado por um homem excepcionalmente encantador. Nesse caso nada há que eu não faça. Não estou absolutamente de acordo com a ridícula pretensão dos nossos rapazolas que respondem com bengaladas a semelhantes propostas. O homem é senhor de suas próprias inclinações? Não devemos jamais insultar os diferentes, mas lamentá-los; os seus defeitos são defeitos da natureza. Eles não são culpados de ter nascido com gostos diferentes, assim como ninguém tem culpa de ser coxo ou bem feito de corpo. Aliás, quando um homem confessa que nos deseja, diz-nos, por acaso, uma coisa desagradável? Evidentemente que não; é um cumprimento que ele nos faz; para que, pois, responder com injúrias ou insultos? Só os imbecis pensam assim, nunca um homem razoável dirá coisa semelhante. Isto acontece porque o mundo está povoado por idiotas que se julgam ofendidos quando a gente os considera aptos para o prazer e que, mimados pelas mulheres, sempre ciumentas de seus direitos, imaginam ser os Dom Quixotes desse falsos privilégios, brutalizando aqueles que não os reconhecem.

MADAME - Beije-me, meu caro. Eu não o reconheceria como meu irmão se você pensasse de outra maneira. Dê-me, entretanto, mais informações sobre o aspecto desse homem e sobre os prazeres que juntos gozaram.

MIRVEL - Dolmancé tinha sido informado por um dos meus amigos do soberbo membro que possuo, e fez com que o Marquês de V. nos convidasse a cear. Uma vez em casa do Marquês tive que exhibi-lo; pensei, a princípio, que fosse apenas curiosidade mas em breve percebi que era outro o motivo quando Dolmancé voltou-me um lindo cu, pedindo-me que gozasse dele. Eu o preveni das dificuldade da empresa. Ele nada temia. "Posso suportar um aríete", disse-me, "e não tenha você a pretensão de ser o mais temível dos homens que o penetraram". O Marquês estava presente e nos estimulava, acariciando, apertando e beijando tudo que nós puxávamos para fora.

Penho-me a prepará-lo enquanto apresento armas... Mas o Marquês me avisa: "Nada disso, você tiraria metade do prazer que Dolmancé espera; ele quer uma violenta estocada, quer que o rasguem". Pois será satisfeito, exclamei, mergulhando cegamente no abismo... Pensa, minha irmã, que tive trabalho; nada disso, meu membro enorme desapareceu sem que eu sentisse e eu toquei o fundo de suas entranhas sem que o tipo desse qualquer sinal de sofrimento. Tratei-o como amigo, torcia-se no excesso da volúpia, dizia palavras doces, e parecia felicíssimo quando o inundei. Quando me desocupei dele, voltou-se com os cabelos em desordem e o rosto em chamas: veja em que estado você me pôs, querido disse-me, oferecendo um membro seco e vibrante, muito longo e fino. Suplico-lhe, meu amor, queira servir-me de mulher depois de ter sido meu macho, para que eu possa dizer que nos seus braços divinos experimentei todos os prazeres do culto que venero. Cedi a seu pedido achando tudo isso bastante fácil, mas o Marquês, tirando as calças, suplicou-me que o enrabasse enquanto era fodido pelo seu amigo. Tratei-o como Dolmancé, que me devolvia ao cêntuplo todos os golpes com os quais eu abatia nosso parceiro e logo me derramou no fundo do cu o celeste licor com que eu regava ao mesmo tempo o eu do Marquês de V.

MADAME - Que prazer delicioso deve ser esse entre duas picas! Dizem que é gostosíssimo!

MIRVEL - Certamente, meu anjo, é um orifício delicioso, mas tudo isso não passa duma extravagância que eu nunca preferirei ao prazer que me dão as bocetas.

MADAME - Pois bem, meu caro, para compensar hoje sua delicada atenção, vou entregar aos seus ardores uma jovem, virgem e linda como os amores.

MIRVEL - Como? Então Dolmancé vai encontrar mais uma mulher nesta casa?

MADAME - Trata-se de educar a menina que conheci no convento o ano passado, enquanto meu marido fazia uma estação de águas. Lá nada ousamos fazer, éramos o alvo de todos os olhares. Prometemos reciprocamente nos unirmos assim que fosse possível. Perseguida por esse desejo, para satisfazê-lo, travei conhecimento com toda a família. O pai é um libertino que eu consegui cativar. A linda menina chega hoje e passaremos dois dias juntas, dois dias deliciosos. A maior parte desse tempo empregarei em educá-la. Dolmancé e eu inculcaremos nessa linda

cabecinha todos os princípios da libertinagem mais desenfreada; abraçá-la-emos com o nosso ardor. Alimentando-a com a nossa filosofia, inspirar-lhe-emos nossos desejos. Quero juntar a prática à teoria, quero demonstrar, à medida em que eu dissertar. Você está destinado a colher os mirtos de Cítéra e Dolmancé as rosas de Sodoma. Terei dois prazeres a um tempo, dando lições e gozando eu própria dessas volúpias criminosas, inspirando esse gosto x amável ingênua que cairá na minha rede. Não acha esse projeto digno de minha imaginação?

MIRVEL - Essa idéia só a você poderia ocorrer, prometo-lhe representar com perfeição o papel encantador que me destina. Ah, malandra, como você vai gozar fazendo a educação da pequena! Que delícia corrompê-la, abafar nesse jovem coração todas as sementes de virtude e religião, aí colocadas por suas mestras. Na verdade, mesmo para mim, essa idéia seria ousada.

MADAME - Nada pouparei para pervertê-la, para degradá-la, para pôr de pemas para o ar todos os princípios de moral que já começam a atordoá-la. Em duas lições quero que se tome tão celerada, ímpia e debochada como eu. Avise Dolmancé, ponha-o ao par do que se deve passar. Que o veneno da sua imoralidade circule nesse jovem coração junto ao que eu mesma lá instilarei. Havemos de desenraizar em poucos instantes todas as sementes de virtude que lá pudessem germinar.

MIRVEL - Seria impossível encontrar homem mais adequado. A irrelição, a impiedade, a desumanidade, a libertinagem, fluem dos lábios do Dolmanoé como outrora a unção mística fluía dos lábios do arcebispo de Cambrai; é o mais inveterado sedutor, o homem mais corrompido e perigoso.. Ah! minha cara, que a sua discípula corresponda aos cuidados do mestre e garanto que estará perdida num abrir e fechar de olhos.

MIRVEL - Diga-me, porém, não receia nada da parte de seus pais? E se ela der com a língua nos dentes?

MADAME - Não tenha receio, eu já seduzi o pai, pertence-me. Confesso que me entreguei a ele para que fechasse os olhos. Ignora os meus desígnios e nunca ousará penetrá-los. Domino-o.

MIRVEL - Os seus processos são horríveis.

MADAME - E assim devem ser para que sejam eficazes.

MIRVEL - Diga-me, afinal, de quem se trata.'

MADAME - Chama-se Eugênia, é a filha de um tal Mistival, um dos mais ricos arrecadadores de impostos. Tem trinta e seis anos, a mulher trinta e dois, a filha quinze. Mistival é tão libertino quanto sua mulher é beata. Quanto à Eugênia, em vão tentaria pintá-la, faltam-me os pincéis. Pode estar convencido de que nem você nem eu vimos no mundo criatura tão maravilhosa.

MIRVEL- Já que você não a pode pintar, ao menos faça um esboço para que alimente a minha imaginação com o ídolo em cujo altar sacrificarei.

MADAME - Pois bem, os longos cabelos castanhos, que descem até as coxas, a pele é de uma brancura de neve, o nariz aquilino, os olhos ardentes e negros como ébano, aos quais ninguém resiste. Quanto a mim, não imagina as tolices que faria por eles. Os cílios são traçados a pincel, até as pálpebras são expressivas, a boca é pequena, úmida e fresca, os dentes perfeitos. Um de seus maiores encantos está na elegância com que sua linda cabeça se ergue dos ombros, no ar de nobreza que tem quando a volve. Eugênia é desenvolvida para sua idade, parece ter dezessete anos; a cintura é fina e os peitinhos cheios, de uma beleza incomparável! Dão apenas para encher a mão de um homem honesto, tão macios e brancos... Perco a cabeça quando os beijo! Sob as minhas carícias ela se anima, a alma transparece no brilho de seus olhos. Não conheço o resto, mas a julgar pelo que já vi, jamais teve o Olimpo semelhante divindade... Ouço barulho: é ela! Saia pela porta do jardim para não a encontrar e venha na hora exata.

MIRVEL - Como não hei de chegar na hora, para contemplar o que você tão bem descreveu? Nem sei como sair no estado em que me encontro... veja só, dê-me ao menos um beijo, minha irmã, para que me satisfaça até então! (Madame beija-o, acaricia-lhe o pênis intumescido sob as calças, e ele sai precipitadamente).

SEGUNDO DIÁLOGO

Madame de Saint Ange e Eugênia:

MADAME - Bom dia, minha querida! Esperava por você, com uma impaciência que adivinhará facilmente se é capaz de ler meu coração.

EUGÊNIA - Tal era a minha pressa de cair nos seus braços que me parecia impossível chegar aqui! Ainda há uma hora apenas, tremia de medo que tudo mudasse. Minha mãe não se resolvia a me deixar sair de casa; acha que moça de minha idade não deve sair desacompanhada. Meu pai, que a tinha maltratado na véspera, estava ainda tão zangado com ela, que num só de seus olhares severos decidiu tudo. Madame de Mistival cedeu a tudo quanto meu pai exigiu e corri para cá. Tenho dois dias inteiros, mas é preciso que depois de amanhã volte à casa no seu carro, com uma das suas saias.

MADAME - Que prazo curto, meu anjo! Em tão pouco tempo poderei apenas exprimir o que você me inspira e conversar sobre os tópicos principais. Quero iniciá-la nos secretos mistérios de Vênus. Dois dias bastarão para tanto?

EUGÊNIA - Fique tranquila, enquanto não tiver aprendido tudo não irei embora. Quero tornar-me mestra no assunto.

MADAME, beijando-a - Ah, meu amor, quantas coisas faremos e diremos uma a outra! Vamos almoçar primeiro, pois a lição é complicada...

EUGÊNIA - Nem me fale nisso, só desejo ouvi-la e aprender! Já almocei e até oito da noite não pensarei mais em comer.

MADAME - Passemos então ao toucador onde estaremos mais à vontade. já preveni meus criados, ninguém ousará nos interromper... (Saem abraçadas).

TERCEIRO DIÁLOGO

Madame, Eugênia e Dolmancé, num delicioso toucador.

EUGÊNIA, surpresa ao encontrar ali um moço inesperadamente - Meu Deus, querida, que traição é essa?

MADAME, fingindo surpresa - Que idéia foi essa? Você não devia chegar antes das quatro horas?

DOLMANCÉ - Quem não chegaria antes para ter a alegria de encontrá-la? Foi seu irmão quem me avisou, achando que minha presença seria útil nas suas lições a esta senhorita. Sabendo que neste liceu a senhora faria um curso, aqui me introduzi secretamente, pensando que não a desagradaria. Ele virá logo, quando chegar o instante das suas demonstrações, que só serão necessárias depois das dissertações teóricas.

MADAME - Foi realmente uma surpresa, Dolmancé...

EUGÊNIA - Não me iludo, minha amiga, tudo foi preparado por você. Mas por que não me consultou?... Agora estou com uma vergonha tal que talvez atrapalhe nossos projetos...

MADAME - Asseguro que esta surpresa foi obra de meu irmão, mas agora não fique assustada. Dolmancé, que reputo um homem gentilíssimo, tem o grau de filosofia necessário para sua instrução, ele só pode ser útil aos nossos projetos; sua discrição é igual à minha. Você ficará logo familiarizada com o homem que nasceu para formá-la, para conduzi-la, na carreira da felicidade e dos prazeres que desejamos gozar juntas.

EUGÊNIA, enrubecida - Sinto-me ainda tão acanhada... DOLMANCÉ - Oh, minha bela Eugênia, fique à vontade. O pudor é uma virtude que está caindo de moda e não fica bem numa criatura que possui seus encantos...

EUGÊNIA - E a decência?

DOLMANCÉ - Coisa pré-histórica, gótica.. Tudo o que contraria a natureza está fora da moda. (Dolmancé agarra Eugênia, apertando-a nos braços e beijando-a).

EUGÊNIA, defendendo-se mal - Não, chega! Tenha dó de mim, poupe-me!

MADAME - Ora, Eugênia, não sejamos fingidas com esse moço encantador. Conheço-o há muito pouco tempo, e entretanto veja como me entrego aos seus ardores. Siga meu exemplo. (Assim dizendo beija-o lubrificamente na boca, enfiando-lhe a língua).

EUGÊNIA - Tem razão, ninguém me poderá dar melhores exemplos: vou imitá-los! (Entregando-se ao rapaz que a beija doidamente na boca).

DOLMANCÉ - Que deliciosa criatura!

MADAME, beijando também a moça, do mesmo modo - Então, a canalhinha pensa que também não terei uma parte do festim? (Dolmancé agarra ambas, e durante um quarto de horas as línguas dentro das bocas se revezam e se trocam).

DOLMANCÉ - Este prelúdio está voluptuoso e prometedor. Mas que calor está fazendo! Vamos, meus amores, tiremos estas roupagens cacetes para melhor conversarmos.

MADAME - Boa idéia, aqui estão estas túnicas de gaze, que ocultarão somente aquilo que se deve esconder ao desejo.

EUGÊNIA - Quantas coisas você me induz a fazer...

MADAME, ajudando-a a se despir - Acha-as por acaso ridículas?

EUGÊNIA - Não, mas um tanto indecentes... Como seus beijos são fogosos!

MADAME - A culpa é dos seus seios, botões de rosa apenas entreabertos...

DOLMANCÉ, contemplando os seios da moça sem os tocar - E como prometem delícias mil vezes mais estimuláveis!

EUGÊNIA - Mais estimuláveis? Por que?

DOLMANCÉ - Muito mais! (Agarra a moça tentando voltá-la de costas para examinar o traseiro).

EUGÊNIA - Ah, não, ainda não... Suplico-lhe!

MADAME - Ainda não, Dolmancé. Espere. Essa parte do corpo exerce sobre você um tal império que você perderia completamente a cabeça e não saberia mais refletir a sangue frio. Antes disso precisamos de suas lições. Vamos a elas; em seguida, os mirtos que deseja colher incontinenti formarão sua coroa.

DOLMANCÉ - Consinto, mas ao menos a senhora, Madame, terá a bondade de se prestar ao meu desejo para dar a essa linda criança as primeiras aulas de libertinagem.

MADAME - Pois não. Aqui metem nuazinha: pode fazer sobre mim todas as experiências.

DOLMANCÉ - Que lindo corpo! É a própria Vênus, embelezada pelas Graças!

EUGÊNIA - Querida, quantos atrativos! Quisera percorrê-los todos, um a um, cobrindo-os de beijos. (Se bem o diz, melhor o faz).

DOLMANCÉ - Você mostra excelentes disposições... Contenha-se um pouco, porém, só quero, por enquanto, que me preste toda a sua atenção.

EUGÊNIA - Estou ouvindo tudo quanto diz, mas minha amiga é tão bela, tão fresca, tão gorduchinha... Não a acha linda, senhor Dolmancé?

DOLMANCÉ - Claro que acho, perfeitamente bela, mas tenho a certeza de que você em nada lhe cede a palma. Quero que me ouça com atenção, como jovem aluna; se não for dócil e atenta usarei amplamente dos direitos que confere o título de professor.

MADAME - Ela é sua, entrego-lha, ralhe muito com ela se não tiver juízo...

DOLMANCÉ - É que não ficarei somente nos ralhos... Irei mais longe.

EUGÊNIA - Meu Deus, estou ficando apavorada. Que faria então de mim?

DOLMANCÉ, balbuciando e beijando a boca de Eugênia - Ai, esse lindo cu vai ser responsável por todas as loucuras que eu cometer. (Agarra o traseiro de ambas).

MADAME - Aprovo o projeto mas não o gesto. Comecemos logo, o tempo voa e Eugênia tem que partir. Não o percamos em preliminares, ou não a educaremos...

DOLMANCÉ, tocando, em madame, todas as partes nas quais vai falando - Começo. Aqui estes globos de carne que se chamam peitos, seios ou mamas, são indispensáveis ao prazer; o amante deve contemplá-los, manuseá-los, acariciá-los. Há homens que fazem deles a sede do gozo, introduzem o membro entre essas duas colinas de Vênus; com alguns movimentos apenas conseguem derramar sobre eles o bálsamo delicioso que, ao fluir da fonte, faz a delícia de todos os libertinos. Não acha, madame, que antes de tudo devemos mostrar à menina como é feito esse membro sobre o qual somos obrigados a falar continuamente?

MADAME - Tem toda a razão.

DOLMANCÉ - Pois bem, senhora. Vou deitar-me sobre o canapé; ambas se colocarão junto a mim; a senhora tomará do meu membro e explicará à nossa jovem aluna todas as suas propriedades. (Dolmancé deita-se enquanto Madame começa a explicação).

MADAME - Você está contemplando aqui o centro de Vênus, o primeiro agente dos prazeres amorosos, o membro por excelência., que se pode introduzir em todos os lugares do corpo humano. Sempre dócil às paixões do seu possuidor, às vezes se aninha entre as pernas, na boceta (toca a de Eugênia) seu trilho preferido, o mais percorrido e usado; às vezes, porém, prefere um caminho mais misterioso e penetra por aqui (afasta as nádegas mostrando o orifício do cu). Mais tarde lhe explicarei melhor esse gozo, dos mais íntimos e deliciosos. A boca, os seios, as axilas também são altares onde ele queima incenso, enfim, por onde quer que penetre, seja qual for o local preferido, ele se agita até lançar o licor da vida, esbranquiçado e viscoso, cujo fluir mergulha o macho no mais vivo delírio, no mais doce prazer que possa esperar da vida.

EUGÊNIA - Deixe-me, por favor, pegar nesse lindo membro e acariciá-lo.

DOLMANCÉ - Ceda-lhe a vez, senhora, essa ingenuidade produz-me louca tensão.

MADAME - Não, oponho-me a tal ansiedade. Tenha juízo, Dolmancé, se você esportar terá diminuído a atividade do seu espírito e suas dissertações perderão o calor.

EUGÊNIA, acariciando os testículos do moço - Nossa amiga resiste aos meus desejos! E essas bolas para que servem? Como se chamam

MADAME - A palavra técnica é culhão, a artística é testículo. Esses bagos contêm o reservatório da semente prolífera na qual falei, é a ejaculação dentro da matriz da mulher que produz a espécie humana; mas deixemos essas minúcias que mais pertencem à medicina do que à libertinagem. Uma linda mulher só se deve ocupar em foder e nunca em gerar. Passemos de leve sobre tudo quanto diz respeito ao prosaico mecanismo da multiplicação da espécie para nos ocuparmos principal e unicamente das volúpias libertinas, cujo espírito é oposto ao povoamento da terra.

EUGÊNIA - Querida amiga, como é possível que esse membro enorme, que eu mal consigo abarcar com a mão, possa penetrar, como você me afirma, num orifício tão minúsculo como o do teu traseiro? Que dor horrível deve causar a uma pobre mulher!

MADAME - Quando a mulher ainda não está acostumada sente muita dor, quer a introdução se faça pela frente ou por detrás. A natureza se compraz em nos fazer chegar à felicidade pelo caminho doloroso, mas uma vez a dor vencida, nada mais delicioso do que o prazer. A introdução do membro no cu é incontestavelmente preferível a tudo, mesmo à introdução bocetal. Além disso, quantos perigos evita à mulher, que arrisca menos a saúde e não corre perigo de engravidar. Neste momento não me quero alongar nessa volúpia, pois nosso mestre a analisará inteiramente, juntando a prática à teoria, e estou certa de que ficará convencida, minha cara, que de todos os prazeres, é o que se deve preferir.

DOLMANCÉ - Suplico-lhe, senhora, que seja rápida nas suas demonstrações, ou não me será possível aguentar, farei a descarga mau grado meu, e o meu belo membro reduzido a nada, de nada servirá nestas lições.

EUGÊNIA - Como é possível que fique reduzido a nada ao perder o esperma? Estou louca para ver essa transformação, sem falar no prazer que terei vendo correr o celeste licor.

MADAME - Nada disso, Dolmancé, levante-se. Isso deve ser o prêmio do seu trabalho; faça-o por merecê-lo antes que eu lho entregue.

DOLMANCÉ - Está bem, mas para melhor convencer Eugênia de tudo quanto lhe dissermos sobre o prazer, que inconveniente haveria, por exemplo, em que a senhora a masturbasse diante de mim?

MADAME - Nenhum inconveniente, pelo contrário, vou fazê-lo com alegria pois pode até ser útil às nossas demonstrações. Sente-se neste canapé, querida.

EUGÊNIA - Oh! Que delicioso ninho! Mas para que tantos espelhos?

MADAME - Isso é para que, refletindo as posições em mil sentidos diversos, eles multipliquem ao infinito os mesmos prazeres aos olhos das pessoas que as observam neste divã. Nenhuma das mais lidas partes dos dois corpos se esconde, tudo fica em evidência, dir-se-iam grupos diversos que o amor encadeia, quadros deliciosos que excitam a lubricidade e servem para completá-la.

EUGÊNIA - Que maravilhosa invenção!

MADAME - Dolmancé, você mesmo despirá a vítima do doce sacrifício...

DOLMANCÉ - Nada mais fácil, basta tirar esta gaze para distinguir os mais íntimos e atraentes refolhos. (Despe-a e seu olhar concentra-se nas nádegas). Vou vê-lo enfim, o cu divino e precioso que tanto ambiciono! Queima-me o desejo. Como é rechonchudo, fresco, brilhante e bem feito! Nunca vi mais belo!

MADAME - Ah, canalha, vê-se de que lado se inclinam seus prazeres e suas preferências!

DOLMANCÉ - Poderá haver no mundo algo comparável? Onde teria o amor seu mais divino altar? Eugênia, que minhas carícias mais doces caíam sobre ele, com todo o arroubo! (Acaricia-o e beija-o com transporte e efusão).

MADAME - Basta, libertino. Não se esqueça que tenho a primazia, somente depois que eu receber suas homenagens é que lhe darei recompensa. Pare com esse ardor pois, do contrário, me zangarei

DOLMANCÉ - Safadinha, não é necessário tanto zelo! Pois bem, dê-me seu cu que lhe renderei as mesmas homenagens. (Arranca-lhe a túnica para acariciar-lhe as nádegas). Também é lindo, meu anjo, e delicioso. Quero compará-los, admirá-los ao mesmo tempo um junto ao outro, corno Ganimede ao lado de Vênus! (Distribui beijos inflamados). Para que meus olhos se fartem

no espetáculo de tanta beleza, quero que se enlacem e ambas me apresentem essas maravilhosas nádegas que fazem meu enlevo; cus divinos que adoro!

MADAME - Pronto, seu desejo será satisfeito. Aqui nos tem. (Enlaçadas, voltam para Dolmancé a parte diletta).

DOLMANCÉ - Impossível presenciar mais belo espetáculo, é justamente com o que sonhava. Quero que se acariciem reciprocamente as bocetinhas, pois assim os cus se agitarão nas mais lúbricas labaredas voluptuosas; que se levantem e se abaxem em cadência, que sigam as comoções do prazer. Ó gostosura, assim, assim!

EUGÊNIA - Como isto é gostoso, querida! Como se chama o que estamos praticando?

MADAME - Chama-se masturbação, querida, mas agora examine melhor minha boceta ou vagina, que são os nomes mais familiares do templo de Vênus. Vou entreabrir para você, como a corola duma flor, essa gruta encantada. Esta elevação é o monte de Vênus, que se veste de pelos aos quinze anos, quando a mulher começa a menstruar. Essa lingueta ao alto chama-se clitóris, que em grego quer dizer colina, nesse ponto se concentra a sensibilidade da mulher; é o foco, a chave do cofre do amor. A menor carícia me transporta e me dá espasmos de prazer. Veja, toque-me! Ai! Como sabe acariciar, dir-se-ia que você passou a vida inteira nessa doce tarefa! Pare um pouquinho, não aguento mais, não quero gozar já. Dolmancé, ajude-me, estou perdendo completamente a cabeça com as carícias dessa menina encantadora.

DOLMANCÉ - Para retardar o prazer, passe agora você a titilá-la e que ela seja a primeira a gozar. Assim, nessa postura. Esse lindo cu se coloca naturalmente ao alcance da minha mão; enfiarei ao menos um dedo. Vamos, Eugênia, abandone-se, entregue-se inteiramente, com todos os sentidos, ao prazer. Que somente ele seja o Deus da sua existência, única divindade à qual uma jovem deve sacrificar tudo. Que somente o prazer seja sagrado aos seus olhos!

EUGÊNIA - Ó gostosura, ó delícia, nem posso exprimir o que sinto, nem sei o que digo, o que faço, todos os meus sentidos estão inebriados!

DOLMANCÉ - Como está gozando! Que descarada gostosa! O ânus se fecha de tal modo que quase me machuca o dedo! Seria divino enrabá-la neste instante de gozo! (Levanta-se, apresentando o caralho à entrada do cu).

MADAME - Não, não, ainda um momento de paciência, quero que nos ocupemos somente em educá-la, sem egoísmo. É tão delicioso ensiná-la, formar semelhante aluna!

DOLMANCÉ - Está vendo, cara Eugênia, depois duma excitação as glândulas seminais se incham, tornam-se túrgidas e acabam por exalar um licor cujo fluir transporta a mulher ao paraíso. É o que se chama descarga. Quando nossa amiga consentir, hei de mostrar-lhe quão mais imperiosa e enérgica é no homem essa operação.

MADAME - Espere um pouco, Eugênia, quero lhe mostrar mais um meio de mergulhar a mulher num abismo de extremo gozo. Abra bem as coxas. Veja Dolmancé, coloco-a de maneira que o cu seja todo seu. Brinque com ele enquanto eu a lambo bem na bocetinha; ela gozará assim duplamente e várias vezes em seguida. Que lindo monte de Vênus, que sedosos pelinhos. O clitóris não está ainda completamente formado mas já é muito sensível; está agitado como um peixe n'água! Venha, quero que abra as pernas, assim; vê-se bem que é virgem. Diga-me o que sente quando, ao mesmo tempo, minha língua entrar na sua boceta e a de Dolmancé no seu Cu, cumulando ao mesmo tempo essas duas aberturas. (Executam o que dizem).

EUGÊNIA, gemendo de prazer - Ai, queridos, delícia inefável, inexprimível. Nunca poderia dizer qual das duas línguas é mais gostosa, ou qual delas me mergulha em maior delírio.

DOLMANCÉ - Nesta posição tenho o membro junto à mão de madame. Peço-lhe encarecidamente, senhora, que o acaricie enquanto eu sugo esse cu saboroso, como o colibri ou a abelha sugam uma flor. Enfie sua língua mais ainda, que ela penetre além do clitóris, até à matriz, é o melhor meio de provocar completa descarga, ela ficará toda orvalhada...

EUGÊNIA, gozando - Não posso mais, vou morrer, não me abandonem, desfaleço!... (Tem o espasmo supremo entre ambos os sugadores).

EUGÊNIA - Morro! Não posso mais, não aguento! Ai, ai!... Não entendi duas palavras que acabo de ouvir pela primeira vez. Em primeiro lugar, o que é "matriz"?

MADAME - É uma espécie de vaso em forma de garrafa, cujo gargalo abarca o membro do homem e recebe o líquido produzido pelas glândulas da mulher e a porra do homem. Logo lhe demonstraremos como se produz; da mistura desses licores nasce o germen que dá origem às crianças, de ambos os sexos.

EUGÊNIA - Ah, essa definição explica-me ao mesmo tempo o que quer dizer "porra", que eu não tinha compreendido. A união dessas duas sementes é necessária para a formação do feto, não é?

MADAME - Certamente, embora já se tenha afirmado que o feto deva sua existência tão somente ao esperma do homem. Acho, porém, que ejaculado só, sem o licor feminino, não seria suficiente para a concepção. Nosso licor não faz senão elaborar, não cria nada, ajuda a criação sem ser sua causa. Muitos naturalistas modernos pretendem que o líquido da mulher é inútil, daí, os moralistas concluem que a criança, sendo formada só pelo esperma do pai, só pelo pai sente ternura. Essa afirmação parece verdadeira e, embora eu seja mulher, não a contesto nem a combato.

EUGÊNIA - Sinto no meu coração a prova do que foi exposto. Amo meu pai com loucura e sinto que detesto minha mãe.

DOLMANCÉ - Essa predileção não me admira: penso do mesmo modo. Ainda não me consolei da morte do meu pai e, quando perdi minha mãe, fiquei alegre; detestava-a cordialmente. Adote sem temor esses mesmos sentimentos que são naturais. Formados unicamente do sangue de nossos pais, nada devemos às nossas mães, elas apenas se prestaram ao ato de amor enquanto que nossos pais o solicitaram. O pai quis que nascessemos, enquanto a mãe apenas consentiu nisto. Quanta diferença entre esses dois sentimentos!

MADAME - Você então, Eugênia, tem mil razões a seu favor. Se há no mundo mãe que deva ser detestada é a sua. Geniosa, supersticiosa, beata, ralhadora e dum fingimento revoltante! Aposto que essa idiota nunca deu um mau passo na vida. Ah, querida, quanto abomino as tais mulheres virtuosas! Voltarei depois ao assunto.

DOLMANCÉ - Não acha que agora Eugênia, dirigida por mim, deve retribuir-lhe a gentileza e masturbá-la enquanto eu fico a contemplá-las?

MADAME - Consinto, creio mesmo que seja necessário. Enquanto isso, aposto que você também desejará ver minha bunda.

DOLMANCÉ - Não duvide um instante, senhora, do prazer com que lhe renderei as mais efusivas homenagens.

MADAME, apresentando-lhe o traseiro - Que tal me acha assim?

DOLMANCÉ - Maravilha! Desse modo lhe poderei prestar os mesmos serviços que tanto agradaram a Eugênia. Coloque agora, louquinha, a cabeça bem entre as pernas de sua amiga, e devolva-lhe com a língua os mesmos prazeres que ela lhe proporcionou. Assim! Vejo agora que nesta posição posso gozar ao mesmo tempo dos dois cus, agarrando e apalpando deliciosamente o de Eugênia e chupando o da linda amiga. Assim, muito bem. Que harmonioso grupo, o nosso!

MADAME, gozando - Creio que vou morrer de delícias... que gostosura ter o espasmo enquanto agarro uma pica como a sua! Queria ser inundada de esperma!... Bata punheta, chupe, mais, assim... esporre... Adoro sentir-me puta quando me vejo regada pelo seu esperma. Ai, não posso mais, já acabei; ambos encheram-me as medidas, creio que jamais na vida tenha gozado tanto.

EUGÊNIA - Felicito-me de ter sido causa desse gozo extraordinário. Ainda uma palavra me escapou e não quero perder nada: que quer dizer "puta"? Desculpem-me a pergunta, mas cá estou para me instruir inteiramente.

MADAME - Chama-se assim, querida, toda a mulher que é vítima da volúpia dos homens, que está sempre pronta para se entregar às exigências do temperamento ou do interesse. Felizes e respeitáveis criaturas que a opinião condena mas que a volúpia coroa., São muito mais úteis à sociedade do que as hipócritas; têm a coragem de sacrificar, para servi-la, a consideração que essa mesma sociedade tão injustamente lhes nega. Vivam as putas que honram esse título a nossos olhos! São as mulheres verdadeiramente amáveis, as únicas verdadeiras filósofas! Quando a mim, que há doze anos trabalho para merecer esse título, longe de me escandalizar,

dele me orgulho. Preciso que assim me chamem quando me fodem, para que meu prazer atinja o auge.

EUGÊNIA - Compreendo, querida. Também eu, embora longe de merecer tal título, não ficaria zangada se o portasse. Não crê, porém, que a virtude nos proíbe de assim nos comportarmos? Não a ofendemos com todos os atos que aqui temos praticado?

DOLMANCÉ - Renuncie de vez à virtude, Eugênia! Haverá jamais um só sacrifício imposto por essa falsa divindade que valha um minuto dos prazeres fruídos quando a ultrajamos? A virtude é uma quimera cujo culto consiste em perpétuas imolações e sacrifícios, em revoltas sem número contra tudo quanto o nosso temperamento exige. Como poderiam ser naturais semelhantes impulsos? Como poderia a natureza aconselhar que agíssemos contra todas as suas regras? Eugênia, nunca seja vítima dessas mulheres que se dizem virtuosas. Talvez elas não sirvam às mesmas paixões que nós, servem, porém, a paixões mais desprezíveis e mais baixas; a ambição, o orgulho, os interesses particulares e mais frequentemente um temperamento glacial que nada exige. Para que, pois, copiarmos semelhante criaturas? Por que razão há de ser mais honesto fazer sacrifícios no altar do egoísmo do que no altar da paixão? Elas obedecem apenas, cegamente, o amor de si próprias... Creio, pois, que entre essas duas paixões uma não pode ser inferior a outra, escutemos a voz da natureza que tem sempre razão, é a única que vem do fundo do nosso ser, enquanto a outra é bobagem e preconceito. Uma só gota de porra que minha pica ejacula, Eugênia, é mais preciosa para mim do que os atos mais sublimes duma virtude que eu desprezo.

(Pouco a pouco nossos personagens se acalmam, as mulheres vestem novamente as túnicas e deitam-se no canapé, enquanto Dolmancé senta-se numa poltrona).

EUGÊNIA - Há, porém, virtudes de várias espécies. Que me dizem, por exemplo, da piedade?

DOLMANCÉ - Ora, pequena, que significa essa virtude para quem não tem religião? E quem pode crer em religião? Reflita um pouco: não se chama religião o pacto que liga o homem ao seu criador e que o solicita a lhe testemunhar, por um culto, o reconhecimento que tem pela existência recebida desse sublime autor de seus dias?

EUGÊNIA - Não pode haver melhor definição.

DOLMANCÉ - Pois bem. Desde que demonstremos que o homem só deve sua existência aos caprichos irresistíveis da natureza, tão antigos sobre o globo como o próprio globo, o homem é, como o leão, o carvalho, os minerais que se acham nas entranhas da terra, uma produção indispensável à existência desse globo e não deve sua existência a ninguém mais. Desde que demonstrem que esse Deus que os imbecis olham como autor e produtor de tudo quanto vemos, não passa do "nec plus ultra" da razão humana, não passa dum fantasma criado no momento em que a razão sossobra; se demonstrarmos que a existência desse Deus é impossível, que a natureza sempre agindo, sempre em movimento, tira de si própria o que os idiotas lhe querem dar gratuitamente; se é certo que, supondo que esse ser exista, seria o mais ridículo de todos, pois que teria servido apenas um dia e estaria em desprezível inatividade há milhares de séculos; supondo que existisse, como as religiões no-lo descrevem, seria o mais detestável de todos os seres, pois permitiria sobre a terra todo o mal que está nas suas mãos todo-poderosas impedir. Se tudo isso fosse provado, como incontestavelmente o é, crê então, Eugênia, que a piedade que liga o homem a esse Criador imbecil, insuficiente, feroz e desprezível, fosse virtude necessária?

EUGÊNIA a Madame - Então, querida amiga, também acha que a existência de Deus é quimera.?

MADAME - E das mais desprezíveis, sem dúvida.

DOLMANCÉ - Só os imbecis podem crer nessas balelas. Deus é ora criado pelo medo, ora pela fraqueza. Fantasma abominável, inútil ao sistema terrestre. Só poderia ser nocivo à vida: se a sua vontade fosse justa, nunca se poderia estar de acordo com as injustiças essenciais às leis da natureza. Deus deveria desejar somente o bem e a natureza só o deseja apenas como compensação do mal que está ao serviço das suas leis. Deus deveria agir continuamente e a natureza, cuja ação constante é lei fundamental, não poderia concorrer com ele em perpétua oposição. Dirão talvez: Deus e a natureza são a mesma coisa. Que absurdo! Como pode a coisa criada ser igual à criadora? Como pode um relógio ser igual ao relojoeiro? Dirão ainda: a

natureza não é nada e Deus é tudo. Outro absurdo: como negar que há necessariamente duas coisas no universo, o agente criador e o indivíduo criado? Ora, qual o agente criador? Eis a única dificuldade a resolver, a única pergunta à qual é necessário responder.

Se a matéria age, move-se por combinações que desconhecemos, se o movimento é inerente à natureza, se só ela pode, enfim, em razão de sua energia, criar, produzir, conservar, manter, mover nas planícies imensas do espaço todos os planetas cuja órbita uniforme nos surpreende, nos enche de respeito e admiração. Qual a necessidade de procurar um agente estranho a tudo isso, se essa faculdade ativa somente se encontra na própria natureza que não é outra coisa senão a matéria que age? A quimera desta virá esclarecer o mistério? Desafio que alguém me possa provar. Supondo que eu me engane sobre as faculdades internas da matéria, pelo menos só terei uma dificuldade. Que farei eu com o Deus que me oferecem? É apenas uma dificuldade a mais.

Como querem que eu admita, para explicar o que não compreendo, uma coisa que compreendo ainda menos? Por meio dos dogmas da religião cristã, como posso examinar, como posso representar vosso horrível Deus? Vejamos como essa religião nô-lo descreve...

O Deus desse culto infame deve ser inconsequente e bárbaro: cria hoje um mundo de cuja construção se arrepende amanhã. É tão fraco que jamais consegue imprimir no homem o cunho que deseja. O homem, dele emanado, domina-o, pode ofendê-lo e por isso merecer eternos suplícios. Que Deus fraco! Como pôde criar tudo quanto vemos, se não conseguiu criar o homem à sua imagem! Dirão talvez: se ele tivesse criado o homem perfeito, o homem não teria mérito. Que chatice! Que necessidade tem o homem de merecer alguma coisa de seu Deus? Se ele o tivesse criado perfeito, o homem nunca poderia praticar o mal e só então essa obra teria sido digna dum Deus. Deixar ao homem a escolha é tentá-lo. Deus, na sua infinita paciência, sabia o resultado disso; em conseqüência, foi de propósito que ele perdeu a criatura por ele mesmo formada. Que Deus horrível esse, que monstro! Que celerado, digno do nosso ódio, da nossa implacável vingança! E não contente com o que fez, ainda para convertê-lo, condena-o ao batismo, maldizendo-o, queimando-o no fogo eterno...

Mas nada disso modifica o homem. Um ser mais poderoso do que Deus, o Diabo, conservará sempre seu império, desafia o Criador, e consegue, por suas seduções, debochar o rebanho que o Eterno tinha reservado para si mesmo. Nada vencerá jamais o poder do demônio sobre o homem. Então o Deus horrível, louvado pelos idiotas, imagina coisa mais horrível ainda: tem um filho, um único filho que lhe nasceu não sabemos como, pois o homem fode e quis que Deus também fodesse ilegalmente e separasse do céu essa parte de si mesmo. Imagina-se talvez que essa descida do céu se fizesse num raio celeste entre um cortejo de anjos, à vista do Universo inteiro... Nada disso: foi no seio duma puta judia, e numa pocilga, que o Deus redentor dos homens apareceu entre eles! Sua honrosa missão será melhor que o lugar em que nasceu?

Sigamos um instante esse personagem. Que diz que faz? Que missão sublime dele recebemos? Que mistério nos revela? Que dogma nos prescreve? Em que atos transparece sua grandeza? Infância ignorada, serviços certamente libertinos prestados pelo moleque aos padres do templo de Jerusalém. Em seguida, desaparece durante quinze anos, aproveitados para se envenenar com todas as demências da escola do Egito, que ele transporta para a Judéia. Assim que reaparece, a loucura começa a se manifestar: declara-se filho de Deus, igual a seu pai, associa a essa aliança um outro fantasma que chama de Espírito Santo, e essas três pessoas, assegura ele, formaram um só Deus verdadeiro. Quanto mais esse mistério assusta a razão, tanto mais ele assegura que há mérito em adotá-lo, perigo em repudiá-lo! Foi por todos nós, afirma o imbecil, que ele se encamou, embora sendo Deus, no seio duma mulher. O universo se convencerá disso, à vista dos incríveis milagres que vai realizar. Num jantar de bêbados, dizem que o safado mudou a água em vinho; no deserto alimentou alguns celerados com provisões escondidas pelos seus secretários; um dos seus camaradas finge que morreu para que ele o ressuscite; transportou-se a uma montanha onde, diante de dois ou três apenas de seus partidários, faz umas mágicas das quais se envergonharia hoje um péssimo prestidigitador. Amaldiçoando com furor todos os que não acreditam nele, o safado promete o céu a todos os

idiotas que lhe prestam ouvidos. Nada escreve, pois é ignorante; fala pouco, pois é burro; age ainda menos, pois é fraco. Cansa os magistrados que se impacientam ao ouvir seus discursos sediosos, embora espaçados. O charlatão acaba morrendo numa cruz depois de ter assegurado aos vilões que o seguem que, cada vez que for invocado, descerá de novo entre eles. Deixa-se suplicar sem que seu pai, o Deus sublime do qual afirma descender, lhe dê o menor socorro; é tratado como o último de todos os celerados do qual era realmente digno de ser o chefe. Seus satélites reúnem-se: "Estamos perdidos, dizem, e nossas esperanças malogradas, se não conseguirmos salvá-lo de maneira brilhante. Embriaguemos os guardas que lhe cercam o túmulo, roubemos-lhe o corpo, publiquemos que ressuscitou; é um meio seguro. Assim conseguiremos que acreditem nessa farsa, nossa religião ficará apoiada, será propagada no mundo inteiro... trabalhemos!..." A farsa se propala; a ousadia e a tenacidade tomam o lugar do verdadeiro mérito; o corpo é roubado, os bobos, as mulheres, as crianças gritam que é um milagre, mas na própria cidade onde tão grandes maravilhas se operam, na cidade regada pelo sangue dum Deus, ninguém crê nesse Deus, ninguém se converte. Mais ainda: o fato é tão pouco digno de nota que nenhum historiador a ele se refere. Tão somente os discípulos, os cúmplices desse impostor, pensam em tirar partido da fraude, mas não imediatamente.

Essa consideração é essencial. Deixam correr vários anos a fim de melhor usar o insigne disfarce; só então erigem sobre ele o edifício combalido de tão nojenta doutrina. Os homens gostam de qualquer mudança. Cansados do despotismo dos imperadores, estavam loucos por uma revolução. Ouvem os hipócritas e o progresso dos discípulos é rápido: eis a história dos maiores erros deste mundo. Os altares de Vênus e de Marte transformam-se nos de Jesus e Maria, publica-se a vida do impostor; esse romance absurdo encontra crédulos; inventam que o Cristo disse mil coisas que nem sequer pensou. Algumas dessas imbecilidades formam a base da sua moral. Como a maior parte dos adeptos fossem pobres, a caridade tomou-se a primeira das virtudes. Instituíram-se ritos bizarros sob o nome de "sacramentos". O mais digno e criminoso de todos é o seguinte: um padre coberto de crimes, em virtude dumas palavras mágicas, tem o poder de criar um Deus dentro do pão! Não duvide: esse culto, desde o seu albor, teria sido destruído inexoravelmente se o povo tivesse empregado contra ele o desprezo, única arma que merecia; mas uns imbecis o perseguiram, intensificando-o por esse meio infalível. Mesmo hoje, se o cobríssemos de ridículo ele cairia. Voltaire, o perspicaz, nunca empregou outro método; é de todos os escritores o que se pode gabar de ter obtido maior número de prosélitos. Em uma palavra, Eugênia, tal é a história de Deus e da sua religião. São fábulas que não merecem crédito: veja como pretende agir.

EUGÊNIA - A escolha não é difícil;. Desprezo essas nojentas fantasias; o próprio Deus, ao qual somente me ligavam a fraqueza e a ignorância, não é para mim senão objeto de horror.

MADAME -Jure-me então nunca mais pensar nele, não mais o invocarem momento algum de sua vida, e nunca voltar para ele.

EUGÊNIA, lançando-se nos braços da amiga - É nos seus braços que faço solene juramento. Vejo que é para meu bem que você exige isso, não quer que tristes reminiscências venham perturbar meu prazer, minha tranqüilidade.

MADAME - Que outro motivo poderia eu ter?

EUGÊNIA - Ainda uma última pergunta a Dolmancé. Foi a análise das virtudes que nos conduziu à análise da religião; não haveria nessa religião, por mais ridícula que ela seja, algumas virtudes que pudessem contribuir para nossa felicidade?

DOLMANCÉ - Vamos examinar. Seria por acaso a castidade? Você é de uma tal beleza que parece a imagem da castidade, mas ao vê-la ninguém mais desejaria ser casto! Acha digna de veneração a idéia de combater os mais naturais impulsos, sacrificando-os à honra ridícula e vã de não ter tido jamais uma fraqueza? Seja justa, linda, amiga: alguém poderia achar nessa absurda e perigosa pureza d'alma todos os prazeres do vício que lhes é oposto?

EUGÊNIA - Não, confesso. A castidade não me seduz; as minhas inclinações lhe são contrárias. Mas a caridade e a beneficência, não poderiam infundir paz e alegria às almas sensíveis?

DOLMANCÉ - Longe de nós, Eugênia, as virtudes que provocam a ingratidão! Nunca se engane, cara amiga. A beneficência é antes orgulho do que virtude. Só movido pelo prazer o

homem auxilia a seus semelhantes, nunca ele tem o desejo de fazer a boa ação e ficaria danado se essa ação não tivesse toda a publicidade; ele só faz o bem para que os outros o saibam. Nem creia que essa boa ação terá bons efeitos; a caridade é a maior das hipocrisias, acostuma o pobre a um socorro que lhe mata a energia; não trabalha mais, à espera da esmola, e quando esta lhe falta, toma-se ladrão ou assassino. Ouço de todos os lados pedidos para que se suprimam a mendicância, entretanto, continuam fazendo todo o possível para que ela se alastre. Se não quiser atrair moscas, não espalhe mel. Quer suprimir de verdade os pobres da França? Que nunca mais ninguém dê esmolas e sejam fechados todos os asilos de caridade. O indivíduo nascido na pobreza, vendo-se privado desses perigosos recursos, encher-se-à de coragem e empregará todos os meios que recebeu da natureza para sair do estado em que nasceu. Não mais importunará os ricos. É preciso destruir sem piedade todas essas abomináveis casas onde se têm a audácia de esconder os frutos da libertinagem do pobre; cloacas horrendas que vomitam diariamente no seio da sociedade um nojento enxame de novas criaturas ávidas de nossa bolsa. Para que conservar cuidadosamente esse rebotalho? Receiam por acaso o despovoamento da França? Receio idiota! Um dos maiores vícios do governo é consentir numa população demasiadamente numerosa. O supérfluo não dá lucro algum ao Estado. Esses seres extranumerários são como ramos parasitas que vivem à custa do troco e acabam por extenuá-lo. Todas as vezes que, em qualquer país, a população for superior aos meios de subsistência, esse país perecerá. Examinemos bem a França: o resultado é o que se vê. O chinês, sabiamente, impede que a população cresça; nada de asilos para os frutos vergonhosos do deboche, da devassidão; esses frutos são abandonados como o vômito duma indigestão. Nesse país nunca houve asilos para mendigos; todos trabalham, todos são felizes, nada altera a energia do pobre e cada um ali pode dizer como Nero: "Quid est pauper?"

EUGÊNIA a Madame - Cara amiga, meu pai pensa exatamente como este senhor e nunca praticou na vida uma só "boa obra". Ralha sempre com minha mãe, que se abandona a essas práticas, pertencendo a todas as associações filantrópicas e maternais. Meu pai forçou-a a deixar tudo isso, afirmando que lhe reduziria a pensão mensal se ela insistisse em tais asneiras ou nelas recaísse.

MADAME - Nada mais ridículo e ao mesmo tempo mais perigoso do que tais associações. A elas, às escolas gratuitas e às casas de caridade devemos a catástrofe na qual nos encontramos. Peço-lhe que jamais dê uma esmola, querida.

EUGÊNIA - Não tenha receio, já o prometi há muito tempo a meu pai. A caridade tenta-me pouco e não o desobedecerei, seguindo facilmente seus desejos e meu coração.

DOLMANCÉ - Não dividamos a porção de sensibilidade que recebemos da natureza; dividi-la é diminuí-la. Que me podem importar as desgraças alheias? Não me bastarão as minhas para que me sobrecarregue com as de estranhos? Que nossa sensibilidade fique toda reservada aos prazeres! Sejamos sensíveis tão somente ao que fala aos nossos sentidos, à nossa volúpia; esqueçamos o resto inflexivelmente. Desse estado resulta uma espécie de crueldade que tem suas delícias. Nem sempre é possível fazer o mal, entretanto. Privados desse prazer, tenhamos ao menos a sensação agradável e picante de nunca fazer o bem!

EUGÊNIA - Suas lições extasiam. Creio que preferiria morrer a praticar uma boa ação.

MADAME - E se uma ação má se apresentasse, estaria pronta a praticá-la?

EUGÊNIA - Cale-se, sedutora amiga... Só responderei quando estiver completamente instruída. Recapitulando: Dolmancé explicou que nada tem importância na terra, nem bem nem o mal; devemos tão somente escutar nossos desejos, nossos gostos e seguir nosso temperamento. Não é assim?

DOLMANCÉ - Não duvide, Eugênia, as palavras vício e virtude são idéias puramente locais. Não há ação, por mais singular que pareça, que seja verdadeiramente criminosa, nenhuma realidade virtuosa. Tudo está na razão de nossos costumes e do clima em que vivemos. O que aqui se chama crime será virtude mais além; as virtudes dum outro hemisfério podem ser crimes aqui. Não há horror que não possa ser divinizado, nem virtude que não possa ser impugnada. Dessas diferenças puramente geográficas nasce o pouco caso que devemos fazer da estima ou do desprezo dos homens, sentimentos ridículos e frívolos acima dos quais nos devemos colocar.

Prefiramos sem temor o desprezo dos homens, sobretudo quando for motivado por aquilo que nos enche de volúpia ou prazer.

EUGÊNIA - Mas não haverá ação bastante perigosa, suficiente malvada em si própria, que possa ser considerada criminosa e punida no universo inteiro?

MADAME - Nenhuma, querida, nem mesmo o roubo, o incesto, o assassinio, o parricídio.

EUGÊNIA - Como? Há na terra algum lugar onde se possa desculpar esses crimes?

DOLMANCÉ - Tudo isso já foi honrado, decantado, coroado, considerado excelente, enquanto em outros lugares a humanidade, a candura, a beneficência, a castidade, todas as virtudes enfim, foram consideradas monstruosas.

EUGÊNIA - Explique-me melhor, não entendo bem. Exijo uma curta análise de cada um desses crimes. Comece por me dizer algo sobre a libertinagem das moças e em seguida sobre o adultério das mulheres casadas.

MADAME - Ouça-me, Eugênia. É absurdo dizer que, mal uma moça sai do seio da mãe, deve se tomar vítima da vontade dos pais e assim permanecer até o último suspiro. Não é num século em que a extensão dos direitos do homem é cuidadosamente ampliada que as moças devem continuar na escravidão da família, pois o poder da família é uma quimera. Ouçamos a voz da natureza sobre coisa tão interessante; que os animais (que dela muito mais se aproximam) nos sirvam de exemplo. Neles, os deveres paternos não vão além das primeiras necessidades físicas. Assim que podem andar e comer sozinhos gozam de toda a liberdade, de todos os direitos e não mais reconhecem os autores dos seus dias nem o débito para quem os pôs no mundo. Por que então, a raça humana deve permanecer acorrentada a outros deveres, fundados tão somente na avareza e ambição dos pais? Por que uma moça que começa a refletir e a sentir tem que ser dominada pelo freio paterno?

Não foi apenas um preconceito imbecil que criou tais cadeias? Haverá coisa mais ridícula do que uma menina de quinze ou dezesseis anos, consumida por desejo que é obrigada a conter, esperando em tormentos inúteis, piores que os do inferno, que seus pais consentam, depois de lhe ter estragado a mocidade, em associá-la a um marido que não é do seu gosto, que ela não pode amar pois nada tem de amável, que tudo tem para ser odiado e para importunar e desmanchar todos os prazeres da sua idade madura? Não, tais laços não podem durar, é necessário libertar a moça da casa paterna desde a idade da razão. A educação devia ser dada pelo governo e aos quinze anos todas as mulheres deviam ser senhoras do seu nariz e do seu destino, livres para cair até mesmo no vício.

Os serviços que a mulher pode prestar, consentindo em fazer a felicidade de todos quantos se dirijam a ela, são infinitamente mais importantes dos que ela pode prestar isolando-se e servindo apenas a um marido. O destino das mulheres é o da loba, o da cadela, deve pertencer a todos quantos a desejem. Encadeá-las no laço absurdo de um himeneu solitário é ir contra a destinação que a natureza lhes impõe.

Esperamos que um dia os olhos se abram, que a liberdade de todos os indivíduos seja assegurada sem esquecer a das pobres moças. Se elas forem esquecidas, que ao menos não sejam idiotas; coloquem-se acima dos preconceitos, dos usos e costumes; que calquem aos pés os grilhões, triunfando ao hábito e à opinião. O homem se tornará mais ajuizado por que será mais livre, sentirá a injustiça de desprezar as mulheres que assim agissem, cedendo aos impulsos sagrados da natureza só julgados criminosos entre os povos cativos e jamais entre os livres. Parta, pois, da legitimidade desses princípios, Eugênia, quebre as algemas a todo e qualquer custo, despreze os conselhos vãos de uma mãe imbecil, à qual só deve votar desprezo e ódio. Se seu pai, como bom libertino, quiser gozá-la, consinta, mas sem se tornar sua escrava; revolte-se contra o jugo se ele quiser assenhoreá-la; muitas filhas assim procedem. Você só está neste mundo para gozar, o único limite ao prazer deve ser o limite da sua força, da sua resistência física, da sua vontade. Não faça exceção alguma quanto a tempo, lugar ou pessoa, todas as horas são propícias, todos os locais, todos os homens podem servir de instrumentos à sua volúpia. A continência é a mais impossível virtude, é contra a natureza, e esta, violada nos seus direitos, castiga-nos logo de mil modos, por mil desgraças. Enquanto as leis forem imbecis

como as de hoje, temos que usar de certos véus, constrangidos pela opinião pública, mas vinguemo-nos em silêncio da cruel castidade que somos forçados a fingir em público.

Todas as moças devem procurar uma amiga livre que frequente a sociedade e lhe faça secretamente experimentar todos os prazeres do amor; se isso for impossível, que ela trate de seduzir os Argus que a cercam, pedindo-lhes que a prostituam, nem que seja preciso pagar-lhes com o dinheiro que ela vai receber. Há também certas mulheres que se chamam "alcoviteiras" e que lhes podem prestar os mesmos serviços. Que enganem toda a família, irmãos, primos, parentes, se for necessário, que durma com todos aqueles que possam esconder sua conduta. Para se prostituir, que faça o sacrifício mesmo de seus gostos e de suas opiniões. Às vezes a moça cai numa intriga que não lhe agrada mas que, mais tarde, a conduzirá aos braços de quem a poderá cumular de gozo, e ei-la "colocada". Que ela nunca mais volte aos tolos preconceitos da infância: ameaças, exortações, deveres, virtudes, religião, conselhos, devem ser desdenhados. Que ela repudie e despreze tudo que a possa ligar de novo aos velhos vínculos, tudo aquilo que não a conduzir diretamente ao seio de impudícia e da volúpia.

Não há maior extravagância do que as predições dos pais contra os caminhos da libertinagem; em todas as carreiras há espinhos, mas rosas só desabrocham onde há vício, e nunca ninguém as colherá nas sendas enlameadas da virtude. O único rochedo a temer na estrada libertina é a opinião do mundo, mas com pouco de espírito e reflexão quem não se alçará acima da desprezível opinião pública? Os prazeres que nos proporciona a estima são apenas morais e convém a poucas pessoas, os da foda agradam a todos, tais são seus atrativos que tornam fácil desprezar a opinião pública, desafiá-la como fizeram tantas mulheres inteligentes para as quais isso até se torna um incentivo. Eugênia, seu corpo é a coisa que mais lhe pertence na terra, você tem pleno direito de gozá-lo e de fazer gozar a quem bem lhe parecer.

Aproveite o melhor tempo da vida, são tão curtos os anos felizes da juventude! Quem não os perde, colhe as mais deliciosas recordações, que bastam para preencher e divertir a velhice! Quem perde a mocidade nunca se consolará; remorso, e pesares inúteis consumir-lhe-ão a velhice, juntar-se-ão aos achaques e o funesto aproximar do féretro será precedido de lágrimas. Tenha a loucura da imortalidade, cultive-a, Eugênia!

É desprezando a opinião dos homens que você permanecerá na lembrança deles. Quem jamais esquecerá Teodora e Messalina, que fornecem até hoje assuntos para longas conversas? Como não havemos de preferir um tal partido que nas coroa a vida de flores, àquele que só nos deixa a esperança do culto do além-tumulo? Para que havemos de vegetar estupidamente na terra, e ser esquecidos ao fechar os olhos?

EUGÊNIA - Ah, querida amiga, esse discurso encantador me inflama e seduz! Nem poderei exprimir o estado em que me encontro. Quero conhecer algumas dessas mulheres que me poderão ajudar no caminho da prostituição, sim, querida?

MADAME - Por enquanto, até que tenha mais experiência, eu sozinha me encarregarei de tudo, tomando todo o cuidado e precaução para impedir excessos. Meu irmão e este amigo fiel serão os primeiros aos quais você se entregará, depois encontraremos outros felizardos. Não tema, querida, você passará de prazer em prazer, será mergulhada num mar de rosas, meu anjo, até se fartar!

EUGÊNIA, abraçando-a, querida, adoro-a, você jamais terá discípula mais dócil. Mas você não me disse que é difícil uma mulher atirar-se à libertinagem e depois casar sem que o marido perceba que ela já gozou muito?

MADAME - É verdade até certo ponto, mas conheço segredos que fecham todas as brechas. Hei de ensiná-los e quando quiser se casar estará tão virgem como no dia em que nasceu.

EUGÊNIA - Deliciosa amiga! Continue. Diga-me qual deve ser a conduta da mulher quando se casa?

MADAME - Qualquer que seja o estado duma mulher, solteira, casada ou viúva, ela deve ter uma só preocupação, um só desejo: ser fodida desde manhã até a noite; somente para isso ela está no mundo. Para cumprir tal missão é preciso esmagar todos os preconceitos da infância: deve desobedecer formalmente às ordens da família, desprezar os conselhos dos parentes,

romper todos os freios e sobretudo o do casamento. A moça, apenas saída da casa paterna ou do colégio, nada conhece e sem experiência alguma é obrigada a passar aos braços dum marido que nunca viu, ao qual é obrigada a jurar obediência e fidelidade. Coisa injusta e absurda pois que, no fundo d'alma, já imagina bem que vai faltar, que deseja faltar à sua palavra. Não há mais triste sorte; uma vez ligada para sempre, quer o marido lhe agrade quer não, quer seja temo ou grosseiro, a honra da mulher depende desses juramentos: perde-a se os infringe e para não a perder tem que suportar o jugo até morrer de dor. Não, Eugênia, não é para isso que nascemos, não nos devemos submeter a leis absurdas que os homens fizeram. Nem o divórcio conseguirá melhorar nada, pois quem está certo de achar num segundo vínculo o que não encontrou no primeiro?

Vinguemo-nos em segredos dessas peias absurdas, certas de que nossos excessos de amor, por maiores que sejam, longe de ultrajar a natureza, são a mais sincera homenagem que lhe possam prestar. Ceder aos desejos lúbricos é obedecer suas leis. O adultério que os homens consideram crime, que ousam punir até matando, é um direito que nenhum desses tiranos jamais conseguirá evitar. Os maridos acham horrível acariciar como filhos os produtos de outras ligações, é a objeção de Rousseau; convenho que é a única que tem certo fundamento. Mas é possível ser libertina e não conceber, e, se a imprudência dum gravidez acontecer, é também possível destruir-lhe os frutos. Hei de voltar ao assunto; agora vamos ao mais profundo da questão. Esse argumento que parece especial não é senão quimérico.

Em primeiro lugar: enquanto a mulher dormir com o marido e sentir-lhe o sêmen dentro da matriz, mesmo que ela tenha relações com outros dez homens, ninguém poderá provar que o filho não seja do marido. Seja ou não seja, também colaborou e não deve desprezar uma criatura para cuja existência contribuiu. Se um homem se considerar infeliz por tão pouco, ele o será mesmo que sua mulher seja uma vestal, pois é absolutamente impossível responder pela virtude dum mulher. Mesmo a que foi puríssima durante dez anos, pode mudar num só instante. Se o homem for desconfiado, nunca se julgará realmente pai do filho que está beijando; e se é sempre desconfiado, que mal pode haverem tomar realidade essa desconfiança? Ele seria tão infeliz antes como depois do fato consumado. Mesmo se ele beijar o fruto da libertinagem de sua mulher, que mal há nisso? Se os bens são comuns, a criança que goze dum parte deles! Mas, dirão, enganar um marido é uma falsidade atroz. Não, é apenas fazer justiça, pois foi a mulher a sofrer os vínculos forçados que não queria. Vingá-se, eis tudo. Mas é um ultraje à honra do marido! Preconceito! Os erros são pessoais e em nada podem desonrar o marido. Preconceitos do século passado. Hoje, os erros da mulher não degradam o marido como os dele não podem degradar a mulher; poderia foder com o mundo inteiro sem lhe fazer um arranhão. De duas coisas uma: ou o marido é bruto e ciumento ou é homem sensível. No primeiro caso, o melhor a fazer é vingar-se. No segundo, eu não poderia ofendê-lo e se ele é honesto e bom ficará contente vendo-me gozar a vida. Um homem delicado goza vendo gozar a mulher que ama. Mas se o ama, gostará que ele faça o mesmo? Claro! Só uma idiota pode ser ciumenta. A mulher deve se contentar com o que dá o marido sem exigir mais; senão tornar-se-á logo por ele detestada. Se a mulher tem juízo nunca se amolará com o deboche do marido. Cada um que faça o que quiser e reinará paz no lar.

Resumindo: qualquer que seja o efeito do adultério, mesmo que introduza na casa um filho que não seja do marido, basta que o seja da mulher para ter direito a .uma parte do dote desta. O marido deve considerá-lo como filho dum casamento precedente da mulher. Se ele o ignora não sofrerá, e se o adultério não tiver outra consequência, nenhum jurisconsulto o poderá provar. O adultério é completamente indiferente para um marido que ignore; perfeitamente bom para a mulher que com ele se deleitou, e se o marido descobre, o adultério não é um mal, pois não o era antes e não poderia ter mudado de natureza. O mal é a descoberta e não a coisa em si. Esse mal só provém do marido que o descobriu, sua mulher não tem nisso culpa alguma. Os que outrora puniam o adultério eram carrascos, tiranos, invejosos; só pensavam em si mesmos. Bastava alguém os ofender para serem criminosos como se uma injúria pessoal pudesse jamais ser considerada crime, como se fosse possível chamar crime um ato que, longe de ultrajar a natureza e a sociedade, só pode ser útil a ambas. Há um caso em que o adultério, fácil de provar,

toma-se mais cacete para a mulher sem ser por isso criminoso: é quando o marido é impotente ou tem gostos sexuais contrários à reprodução. Como a mulher goza e o marido não, este fica ainda mais zangado. Mas, que tem ela com isso? A única precaução que deve tomar é não conceber, ou então provocar aborto. Quando o marido tem gostos antinaturais e ela complacentemente se presta a eles, é mais que justo pagar as complacências da mulher permitindo que se satisfaça com outros, se não lhe pode dar prazer. A simples razão deve conceder-lhe ampla liberdade. O marido recusa ou consente; se consente, como fez o meu, a gente se põe a gozar a vida dobrando para com ele o carinho e a condescendência aos seus caprichos; se recusa, a gente se envolve discretamente em espessos véus e fode na sombra com maior gosto ainda! Se o marido é impotente, a gente se separa dele mas sem deixar de foder com quem bem nos parecer, pois não nascemos para outro fim; é a lei da natureza. Ir contra ela só seria digno de desprezo. Os vínculos idiotas do casamento não devem impedir a mulher de se entregar a todos os amores, só a tola recearia a gravidez, o ultraje ao marido, ou a macula (mais vã ainda) à sua reputação. Jamais se deve imolar, Eugênia, aos preconceitos imbecis, às delícias da vida, à suprema ventura. A mulher tem que foder, deve foder impunemente. A glória passageira da boa fama e uma frívola esperança religiosa não podem compensá-la do sacrifício da renúncia. Virtude e vício têm o mesmo cheiro no caixão. Ao cabo de poucos anos, quem se lembra do vício ou da virtude? A desgraça que viveu sem prazer, expira sem recompensas.

EUGÊNIA - Anjo querido, como sabe persuadir e triunfar de todos os preconceitos! Como sabe destruir os falsos princípios que uma mãe tola me tinha inculcado! Quisera casar-me amanhã para pôr logo em prática suas sábias máximas; sedutoras e verdadeiras e que tanto me agradam. Só uma coisa ainda me inquieta, não compreendo o que seu marido faz e que não a pode engravidar. Explique-me, sim?

MADAME - Meu marido já era velho quando se casou. Desde a noite de núpcias avisou-me das suas fantasias, assegurando-me logo que me deixaria fazer tudo quanto desejasse. Jurei obediência e desde então vivemos ambos na mais deliciosa liberdade. O gosto de meu marido consiste no seguinte: quer ser chupado. Assim fazemos: enquanto eu me curvo sobre ele, coloco minha bunda sobre o seu rosto. Ao mesmo tempo que sugo com ardor a porra dos culhões devo cagar-lhe na boca. Ele engole tudo!

EUGÊNIA - Mas que extraordinária fantasia!

DOLMANCÉ - Todas as fantasias se encontram na natureza. Criando os homens, ela fez o gosto de cada um tão diverso quanto o rosto. Nunca nos devemos admirar dessa diversidade, nem da extravagância infinita que ela colocou nas nossas predileções. A fantasia que Madame acaba de descrever está muito em moda, sobretudo entre homens de certa idade. Se um deles exigisse isso, Eugênia, você recusaria?

EUGÊNIA, enrubescendo - Segundo as máximas que me são ensinadas aqui, devo por acaso recusar alguma coisa? Só peço perdão pela surpresa que tudo isso me causa, é a primeira vez que ouço falar em tanta lubricidade. Preciso um instante de reflexão para concebê-las, mas, da solução do problema à execução do processo, creio que meus mestres podem estar seguros: só haverá a distancia que eles mesmos exigirem. Em todo o caso foi tendo essa complacência que minha amiga conseguiu a liberdade dentro do matrimônio?

MADAME - Liberdade completa, Eugênia. Tenho feito tudo quanto quero sem encontrar obstáculos, mas nunca tive um amante: amo demais o prazer para ter uma só afeição séria. A mulher que ama é uma infeliz, um amante pode fazer sua desgraça, enquanto as cenas de libertinagem podem ser repetidas diariamente mas se desvanecem na noite do silêncio assim que são consumadas, só deixando a deliciosa lembrança. Rica, posso pagar todos os jovens que* me fodem sem saber de quem se trata. Tenho criados escondidos, aos quais posso conceder prazeres infinitos se souberem calar, e que serão despedidas à primeira palavra indiscreta. Nem pode você imaginar a torrente de delícias na qual, desse maneira, mergulhei; essa é a conduta que aconselharei a todas as mulheres. Há doze anos que me casei, e já fui possuída por mais de dez ou doze mil indivíduos... e na sociedade passo por santa. Outra qualquer que tenha amantes está perdida no segundo ano.

EUGÊNIA - É realmente o melhor caminho: vou segui-lo. Quero, como você, desposar um homem rico e cheio de fantasias. E seu marido, nunca exigiu outra coisa?

MADAME - Nem um dia sequer, em doze anos, somente quando estou menstruada sou substituída por uma bonita moça que é minha empregada. Tudo corre às maravilhas.

EUGÊNIA - Mas isso não lhe bastará certamente. Outros objetos exteriores devem concorrer para variar seus prazeres, não?

DOLMANCÉ - Claro, Eugênia, o marido da nossa amiga é um dos maiores libertinos do século, gasta anualmente mais de cem mil escudos nesses prazeres obscenos.

MADAME - Para dizer a verdade, confesso que não acredito nisso, mas pouco me importa. O que eu quero é gozar tranquilamente dos meus prazeres.

EUGÊNIA - Quero saber todas as minúcias que impedem uma jovem, casada ou não, de engravidar. Confesso que tenho horror a isso, seja com o marido, seja na carreira da libertinagem. Você me descreveu o modo pelo qual seu marido goza. Acredito que isso pode ser delicioso para ele, mas não para a mulher que chupa. Quero que me discorra sobre o gozo intenso da mulher, isento dos perigos da gravidez.

MADAME - A mulher só se arrisca a engravidar quando mete pela boceta. Basta evitar esse modo de gozar; que ela acabe oferecendo a mão, a boca, os seios, ou o orifício anal. De qualquer modo ela consegue prazer, mas tomando no cu este será intensíssimo. Com a mão você já viu há pouco; a gente sacode o membro e ao fim de alguns movimentos o esperma jorra. Enquanto isso o homem a enche de carícias e beijos, regando o lugar do corpo que você quiser. Para recebê-lo entre os seios a mulher se estende no leito com o membro bem no meio; no fim de alguns instantes está tudo inundado até o rosto. Esse modo só pode servir para mulheres experientes, cujos seios adquiriram a flexibilidade necessária para comprimir o membro. O gozo pela boca é delicioso para ambos; o melhor meio é deitar-se um contra o outro em sentido inverso, o homem introduz o membro na boca da mulher e a língua na boceta, chupando-lhe o clitóris. Enquanto isso, reciprocamente, um agarra a bunda do outro, titilando o orifício, carícia que sempre causa infinito prazer e é necessária para o gozo completo. Os amantes ardorosos engolem toda secreção que lhes entra na boca e ficam reciprocamente irrigados por esse precioso licor da vida, roubado ao seu destino normal.

DOLMANCÉ - É um processo delicioso, experimente logo, Eugênia. Assim fazemos perder à porra o direito de propagar a vida, enganando o que os idiotas chamam leis da natureza. As coxas e o sovaco também servem de doce asilo ao membro viril, sem que a mulher se arrisque a engravidar.

MADAME - Algumas mulheres introduzem esponjas na vaginas, a esponjas fecha o colo do útero como o gargalo dum frasco e recebe todo o esperma. Mas qual, não há nada que se compare a tomar no cu! Quem lhe poderá descrever vivamente um prazer pelo qual daria a vida é justamente Dolmancé.

DOLMANCÉ - Confesso o meu fraco. Não há gozo que se lhe possa comparar! Amo-o num e noutro sexo, mas confesso que o cu de um rapazinho dá-me ainda maior prazer que o de uma moça; chamam de anormais os moços que tomam no cu. Penetrar o das mulheres é apenas metade do vício incomparável; essa faritasia deve ser praticada com homens, é assim que o preferem os verdadeiros amadores. Que absurdo dizer que isso degrada o homem, que ultraja a natureza! Pelo contrário, nesse ato o homem serve à natureza talvez mais santamente. A propagação da espécie é apenas sequência das suas primeiras intenções, se a espécie fosse destruída, novas construções inventadas pela natureza se tornariam primordiais.

MADAME - Por esse sistema Dolmancé provará que a extinção total da raça humana seria um serviço prestado à natureza.

DOLMANCÉ - E quem o pode duvidar, senhora?

MADAME - Então as guerras, a peste, a fome, o assassínio seriam apenas acidentes necessários às leis da natureza? O homem, agente ou paciente dessas causas não mais seria nem o criminoso nem a vítima?

DOLMANCÉ - Vítima é o homem toda vez que se submete aos golpes do destino; criminoso nunca.. Falaremos nisso mais tarde. Agora passemos a analisar o gozo sodomita. A melhor

postura para a mulher que deseja ser enrabada é deitada sobre o ventre na beira da cama, as nádegas bem abertas e a cabeça mais baixa. O felizardo depois de contemplar o lindo eu que lhe é apresentado, dá-lhe tapinhas, beijos, mordidas, depois umedece com a língua o lindo orifício que vai perfurar e prepara a introdução com saliva ou com uma pomada. Com uma mão conduz o membro, com a outra afasta as nádegas, e assim que sente o membro entrar deve prosseguir com coragem, sem medo de perder terreno; nesse instante a mulher jovem e inexperiente sente dores que se transformarão logo em prazer. É preciso não recuar, pelo contrário, empurrar gradativamente até que o pêlo do membro acaricie os rebordos do orifício. Todos os espinhos foram já colhidos, agora restam só rosas: para que tudo se mude em prazer é necessário que o fodeador acaricie a frente do fodido, se é um rapaz deve punheteá-lo até que ele ejacule, se é mulher deve titilar o clitóris. Nesse momento, o fodido sente tal prazer que o cu se contrai, aumentando assim o prazer do fodeador, que cumulado de volúpia não tarda a esporrar abundantemente, por causa de tão lúbricas minúcias. Há outros que não permitem que o paciente goze: é o que vamos explicar.

MADAME - Permita um instante, Dolmancé que eu seja sua discípula. Em que estado é preciso que se encontre, para completamento dos prazeres do agente, o cu do paciente?

DOLMANCÉ - Claro que deve estar bem cheio e com vontade de defecar. A glândula deve atingir o troço, mergulhar nele afim de esporrar bem quente. Isso enche o paciente de tanto ardor e alegria.

MADAME - Pensei que assim o paciente não gostasse

DOLMANCÉ - É um erro. Esse gozo é tal que nada o pode diminuir, o paciente é transportado ao sétimo céu. Nenhum gozo lhe é comparável, quem o atingiu nunca mais poderá preferir outro. Esses são, Eugênia, os processos de gozar sem temer a gravidez, pois mais delicioso ainda que o gozo real é tudo que prepara o gozo: lambidas, mordidas, punhetas, chupadas... A imaginação acoisa o prazer, dela é que provém as mais picante volúpias.

MADAME - Certo. Mas, Eugênia, tome cuidado, a imaginação só se aquece quando desprezamos os preconceitos; um só deles basta para tudo arruinar. Essa caprichosa parte do nosso espírito é de uma libertinagem que nada pode conter; seu maior triunfo consiste em romper todos os freios. É inimiga da regra, idolatra a desordem e tudo quanto se aproxima do crime. Daí proveio a resposta duma mulher cheia de imaginação que seu marido fodia friamente - "Por que tanta frieza?" perguntou-lhe. - "Por que você só conhece o que é simples demais".

EUGÊNIA - Adoro essa resposta! Estou completamente disposta a conhecer os arroubos da mais desregrada imaginação! Vocês estão longe de imaginar todas as idéias voluptuosas que meu espírito acaricia neste poucos momentos em que os estou conhecendo melhor... Como compreendo agora o mal! Como o desejo do fundo do coração!

MADAME - Nunca se espante, querida, dos mais odiosos crimes, do que houver de mais sujo, mais infame, mais proibido: é isso justamente que aquece a imaginação e nos faz gozar completamente até o espasmo supremo.

EUGÊNIA - Eu só imagino o que você tem feito na vida! Conte-me tim-tim por tim-tim!

DOLMANCÉ, beijando-a e bolinando-a - Linda Eugênia, prefiro mil vezes fazê-la sentir tudo e não perder o tempo em vãs palavras...

EUGÊNIA - Acha que eu devo permitir que você me faça sentir tudo?

MADAME - Não sei que conselho lhe dar, Eugênia.

EUGÊNIA - Posso dispensar Dolmancé de outras minúcias, mas exijo que minha amiga me conte todas as coisas extraordinárias da sua vida amorosa.

MADAME - Já fodi sozinho com quinze homens ao mesmo tempo, já fui fodida, em vinte e quatro horas, noventa vezes. Quantos metros de pica traguei! Tudo isso pela frente e por detrás.

EUGÊNIA - Mas isso são apenas provas de resistência! Imagino que conhece coisas mais singulares.

MADAME - Sim, já estive num bordel.

EUGÊNIA - Que quer dizer bordel?

MADAME - São casas públicas onde, mediante pagamento, cada homem escolhe moças ou mulheres prontas a satisfazer todos os seus caprichos e paixões.

EUGÊNIA - E lá você se entregou?

MADAME - Como a última das putas. Durante uma semana inteira satisfiz a toda a casa, encontrando as mais singulares inclinações. Por princípio de libertinagem, como Teodora, a imperatriz, mulher de Justiniano¹ forniquei no canto das ruas, nos passeios públicos, arriscando depois na loteria o dinheiro assim ganho.

(1) ver as historietas de Procópio

EUGÊNIA - Agora que a conheço bem imagino coisas ainda mais arriscadas...

MADAME - Seria possível?

EUGÊNIA - Sim, sim, eis o que penso: você não me disse que as mais deliciosas sensações morais vêm da imaginação?

MADAME - Disse sim.

EUGÊNIA - Pois bem. Deixando vagar essa imaginação, dando-lhe liberdade de transpor os últimos limites da religião, da decência, da humanidade, da virtude, de todos os nossos supostos deveres, enfim, não é verdade que os desvarios da imaginação seriam prodigiosos?

MADAME - Sem dúvida alguma.

EUGÊNIA - Não é na razão da imensidade de tais desvarios que ela mais se excita?

MADAME - Nada mais verdadeiro.

EUGÊNIA - Se assim é, quanto mais nos agitarmos, mais desejaremos emoções violentas. Temos que dar asas à nossa imaginação sobre as coisas as mais inconcebíveis, nosso gozo se aperfeiçoará na medida em que o caminho da imaginação tiver sido percorrido.

DOLMANCÉ, beijando Eugênia - Criatura deliciosa!

MADAME - São incríveis os progressos que fez em poucas horas! Encantadora! Sabe que irá longe nessa carreira.?

EUGÊNIA - É justamente o que pretendo. Sem freio algum, que larga meta!

MADAME - É capaz de chegar aos crimes mais negros, mais tremendos.

EUGÊNIA, em voz baixa e entrecortada - Você me disse que os crimes não existem... Só quero arquitetar-los na cabeça, sem os executar.

DOLMANCÉ - Mas haverá coisa melhor do que executar aquilo que se concebeu?

EUGÊNIA, enrubescendo - Pois bem, executarei... Terão vocês a coragem de me persuadir que não executaram tudo quanto delinearam?

MADAME - Claro que muita coisa executei.

EUGÊNIA - Então, eu bem dizia.

DOLMANCÉ - Que cabeça, hein? Que aluna!

EUGÊNIA - Eis o que quero saber: o que planejou? o que executou?

MADAME, balbuciando - Eugênia, um dia lhe contarei toda a minha vida, mas neste momento vamos continuar nossas aulas, senão receio dizer coisas...

EUGÊNIA - Verifico que você não é suficientemente minha amiga para me abrir sua alma; esperarei ainda até que me julgue à altura. Agora, diga-me: qual o feliz mortal a quem entregou sua virgindade?

MADAME - Foi a meu irmão que me adorava desde pequenina. Em criança já brincávamos de amor sem o poder realizar. Prometi-lhe que me entregaria quando me casasse e cumpri minha palavra. Teve todas as primícias pois meu marido nunca me tocou na cama. Continuamos a gozar juntos sem nos importunarmos reciprocamente, nunca desdenhamos todos os mais divinos excessos de libertinagem e mutuamente nos ajudamos; eu arranjo-lhe mulheres, ele apresenta-me homens.

EUGÊNIA - Que ótimo arranjo! Mas o incesto não é um crime?

DOLMANCÉ - Como considerar como tal uma das mais doces uniões da natureza, por ela mesmo prescrita e aconselhada! Ora, Eugênia, como foi que a espécie humana, depois de grandes catástrofes do nosso globo, pôde refazer-se e reproduzir? Pelo incesto! Temos exemplo e prova nos livros mais respeitadas pelo cristianismo. Como as famílias de Adão¹ e de Noé se puderam reproduzir senão pelo incesto? Examine e compulse os costumes universais, em toda parte verá o incesto autorizado, olhado como lei sábia, feita para cimentar os laços da família. Se o amor nasce da semelhança, poderá ser mais perfeito do que entre irmão e irmã, entre pai e

filha? Uma política mal compreendida, proveniente do temor de torrar certas famílias superpoderosas, interdiz o incesto nos hábitos modernos, mas não sejamos tolos de tomar como lei natural o que é ditado apenas pelo interesse e pela ambição. Consultemos nossos corações (sempre mando os pedantes moralistas consultarem esse órgão sagrado) e reconheceremos que nada há mais delicado do que a união carnal na família. Não nos enganemos sobre os sentimentos que ligam o irmão à irmã, o pai à filha. Tudo isso é apenas disfarçado sob o véu da ternura legítima; o mais violento amor os inflama, posto pela natureza dentro dos corações. Dupliquemos, tripliquemos sem temor o delicioso incesto, quanto mais parente nosso, mais delicioso será o objeto do nosso desejo. Tenho um amigo que vive agora com a filha que engendrou com a própria mãe. Há oito dias desvirginou um rapazinho de treze anos, fruto de seus amores com a filha, e seu maior desejo é que esse rapazinho, dentro de poucos anos, foda com sua mãe. Como ainda é jovem, espera ter outros filhos da própria filha para depois fodê-los. Veja, Eugênia, esse meu pobre amigo quantos crimes teria praticado se isso fosse considerado tal! Só um preconceito estúpido pode se opor a semelhantes e deliciosas ligações. Sobre todas essas coisas eu só parto dum princípio: se a natureza realmente proibisse o gozo sodomita, o incesto, as poluições, etc, como poderia ela permitir que eles nos dessem tão incomparável prazer? A natureza nunca admite aquilo que realmente a ofende.

(1) Adão foi, coma Noé, um restaurador do gênero humano. Um terrível transtorno deixou Adão sozinho sobre a terra, da mesma forma como aconteceu com Noé; mas a tradição de Adão se perdeu, enquanto a de Noé ao conservou.

EUGÊNIA - Oh, mestres adoráveis, bem vejo que, segundo vocês, não há crimes sobre a terra, que poderei ouvir todas as vozes da luxúria por mais singulares que pareçam aos imbecis, idiotas a quem tudo alarma, tudo ofende e que tomam as instituições sociais por leis divinas da sábia natureza. Entretanto, não haverá certas ações absolutamente revoltantes e decididamente criminosas, embora ditadas pela natureza? A natureza é tão singular nas suas produções quanto variada nas inclinações, e às vezes nos conduz a atos cruéis. Se, entregues à depravação, atentássemos à vida de um semelhante, tal ação não seria crime?

DOLMANCÉ - Qual, Eugênia, sendo a destruição uma das primeiras leis da natureza, tudo que destrói não pode ser crime. O que tão bem sirva à natureza não a pode ofender. Aliás essa destruição que lisonjeia o homem é uma quimera, o assassinio não é destruição; o assassino apenas varia a forma, faz voltar à natureza elementos dos quais ela se serve para recompensar outros seres. Aquele que mata prepara um gozo para a natureza, dando-lhe ocasião de criar; esses materiais, a natureza os emprega incontinenti e o assassino adquire um mérito a mais aos olhos desse agente universal. Só o nosso orgulho erigiu o assassinato em crime. Pensamos ser as mais importantes criaturas do universo e imaginamos que destruir tão sublime criatura deve ser um crime enorme; pensamos que a natureza pereceria se nossa espécie desaparecesse da terra; a inteira destruição da nossa espécie, restituindo à natureza a faculdade criadora que ela dispendeu conosco, lhe daria uma energia que lhe tiramos com a propagação da espécie. Um soberano ambicioso pode, sem escrúpulo, destruir todos os inimigos nocivos aos seus projetos de grandeza; leis cruéis, arbitrarias, imperiosas, podem do mesmo modo assassinar em cada século milhões de indivíduos, e nós, fracos particulares, não poderemos sacrificar um ou alguns seres à nossa vingança e ao nosso capricho? Nada mais bárbaro, mais ridículo. Sob o véu do mistério devemos nos vingar dessa inépcia!¹

(1) Este assunto agirá extensamente desenvolvido mais adiante; a momento nos contentarmos em resumir as bases do sistema que será, em breve, objeto de longa dissertação

EUGÊNIA - Como não? Aprecio sua moral, Dolmancé. Mas por quem é, confesse que você já assim procedeu!

DOLMANCÉ - Não me force a revelar minhas faltas; são tão numerosas e tão graves que me deixaram ruborizado. Um dia lhe contarei minuciosamente.

MADAME - Dirigindo a espada da lei, o celerado, muitas vezes, pôs essa espada ao serviço das próprias paixões.

DOLMANCÉ - Se eu pudesse só ter essas culpas...

MADAME, saltando-lhe ao pescoço - Homem divino, adoro-o. Quanto espírito e coragem são necessários para gozar a vida como você a entende! Somente ao homem de gênio é dado romper os freios da ignorância e da estupidez! Dê-me um beijo, querido! Você é um encanto.

DOLMANCÉ - Seja franca, Eugênia, nunca desejou a morte de ninguém?

EUGÊNIA - Como não? Vejo diariamente uma abominável criatura cuja morte me faria feliz.

MADAME - Creio que advinho quem seja... Sua mãe...

EUGÊNIA - Deixe-me esconder a cabeça no seu seio. Que vergonha!

DOLMANCÉ - Voluptuosa criatura, também eu quero mostrar, pelo ardor das minhas carícias, quanto aprecio a sua energia e o seu caráter! (Dolmancé beija-a pelo corpo inteiro, dá-lhe tapinhas no cu e fica de pau duro. Madame agarra e sacode o membro de Dolmancé, oferecendo-lhe a bunda que ele apalpa com delícias. Um tanto mais tranqüilo, depois de alguns minutos, o moço continua).

DOLMANCÉ - Por que não havemos de pôr em prática a idéia sublime de Eugênia?

MADAME - Detestei minha mãe como você detesta a sua, e não hesitei.

EUGÊNIA - Faltam-me os meios.

MADAME - Diga que lhe faltou a coragem.

EUGÊNIA - Perdão, eu era tão moça ainda

DOLMANCÉ - Mas agora, Eugênia, teria a coragem necessária, não é assim?

EUGÊNIA - Tudo ousaria. Basta que vocês me forneçam os meios. Verão!

DOLMANCÉ - Fornecerei todos os meios, só com uma condição, Eugênia.

EUGÊNIA - Que condição? Bem sabe que estou pronta a aceitar qualquer uma!

DOLMANCÉ - Venha aos meus braços, linda celerada! Não aguento mais! Que seu lindo cu seja o meu prêmio, que um crime pague o outro! Ou antes, venham ambas, extingamos com jorros de porra o fogo divino que nos inflama e acende!

MADAME - Procedamos com ordem nas nossas orgias. A ordem não deve faltar, nem no delírio, nem na infâmia

DOLMANCÉ - Nada mais simples. Quero esporrar dando a essa moça o maior prazer possível. Enterrarei no seu cu, Eugênia, todo o meu membro, enquanto, curvada nos seus braços, Madame lhe fará uma punheta. Na posição em que a colocarei você lhe restituirá a mesma carícia. Podem até beijar-se reciprocamente as babaquinhos róseas e assanhadas. Depois variaremos o quadro, eu enrabarei Madame enquanto você, tendo a cabeça entre suas pernas, me oferecerá o clitóris para chupar; assim ela gozará pela segunda vez. Eu me colocarei então no seu ânus; Madame me apresentará o cu em lugar da boceta que você apresentava. Madame terá assim sua cabeça entre as pernas; eu sugarei seu orifício como suguei o seu clitóris. Madame e eu gozaremos ao mesmo tempo enquanto minha mão, titilando-lhe o clitóris, fará com que você tenha mais um espasmo.

MADAME - Mas uma coisa deliciosa lhe faltará,

DOLMANCÉ - É verdade, uma boa pica dentro do meu cu

MADAME - Não faz mal, se você não a tem esta manhã, terá de noite. Meu irmão aqui estará para nos prestar auxílio e nossos prazeres chegarão ao auge. Vamos à obra!

DOLMANCÉ - Eugênia, faça-me uma boa punheta (ela obedece). Assim, mais depressa, queridinha, deixe sempre bem nua essa cabecinha cor de rosa, nunca a cubra. A ereção é tanto mais forte quanto mais o freio estiver distendido; nunca se deve cobrir o membro que se punheteia.- Você mesmo deve preparar com amor o pênis que a vai perfurar. Veja como ele está animado; dê-me sua língua, safadinha; coloque as nádegas sobre minha mão direita enquanto a esquerda titila seu clitóris.

MADAME - Eugênia, você quer lhe dar todo o gozo possível

EUGÊNIA - Sem dúvida. Quero fazer tudo para agradá-lo.

MADAME - Pois então ponha-lhe a boca no pênis e chupe bem.

EUGÊNIA, obedecendo - Assim? Está bem?

DOLMANCÉ - Ó deliciosa boca, incomparável calor! É tão boa que vale o melhor dos cus! Mulheres voluptuosas e hábeis, nunca recusei uma boca sequiosa a um pênis mais sequioso ainda. Isso prende para sempre um amante!

MADAME - Quanta blasfêmia, meu amigo!

DOLMANCÉ - Dê-me o cu, Madame, quero beijá-lo enquanto Eugênia me chupa. Não se incomode com minha blasfêmia; é uma delícia injuriar a Deus de pica dura! Nesse instante meu espírito exaltado, melhor aborrece e despreza essa nojenta quimera. Quisera encontrar expressões novas para melhor ultrajá-la! Quero ressuscitar esse fantasma para mais execrá-lo. Faça como eu, mulher encantadora, e verá que seu gozo aumentará. Por mais gostosa que seja sua boca, chega, Eugênia, senão gozarei dentro dela. Vamos, coloque-se em posição, quero executar meu plano, que nos mergulhará na mais divina embriaguez dos sentidos. (Arranjam-se como Dolmancé determinou).

EUGÊNIA - Receio que não seja possível, a desproporção é colossal.

DOLMANCÉ - Qual nada, eu sodomizo diariamente muitos meninos. Ainda ontem um de sete anos foi enrabado por este membro em três minutos. Coragem, amiga!

EUGÊNIA - Você me arrebenta!

MADAME - Cuidado, Dolmancé, poupe-a, coitadinha. Pense na minha responsabilidade.

DOLMANCÉ - Faça uma punheta forte que ela sentirá menos dor. De resto tudo vai bem. Veja! Já penetrei até tocar-lhe o cu com meus pelos.

EUGÊNIA - Ai, céus, não foi sem grande custo e sem grandes dores; nunca senti tanto, veja como o suor goteja-me na testa!

MADAME - Enfim, já está desvirginada pela metade. Já é mulher e essa glória vale bem alguma dor, que minha titilação acalmará.

EUGÊNIA - Sem ela creio que não poderia resistir, faça mais cócegas, meu anjo, para transformar a dor em prazer. Dolmancé, empurre mais, senão morro!

DOLMANCÉ - Ai, caralho! Mudemos. Não resisto mais a seu cu, senhora. Por favor, vamos nos colocar como planejei. (Arranjam-se e Dolmancé continua). Ai, aqui posso me conter melhor. Como meu pau penetra! Nem por isso é um cu menos delicioso, madame.

EUGÊNIA - Estou bem nesta posição, Dolmancé?

DOLMANCÉ - As mil maravilhas, essa linda babaquinha virgem deliciosamente se me oferece! Sou culpado, talvez, mas não resisto, tais atrações não são feitas para os olhos, quero dar a essa criança as primeiras lições de completa volúpia. Quero vê-la cansada. (Titila o clitóris, e chupa loucamente).

EUGÊNIA - Você me faz morrer de gozo! Não aguento mais, não resisto!

MADAME - Ai, estou gozando! É agora, Dolmancé, ai, ai!

EUGÊNIA - Eu também, querida, como ele chupa gostoso, ó delícia!

MADAME - Blasfeme um pouco, putinha, sim? Quero ouvi-la blasfemar!

EUGÊNIA - Porra, como estou gozando, que deliciosa embriaguez!

DOLMANCÉ - Ponha-se de novo no seu lugarzinho, Eugênia. (Ela obedece). Eis-me de novo no seu cu divino; enquanto isso, madame, mostre-me o seu, quero chupá-lo todo. Como é gostoso a gente beijar o cu que acabou de penetrar! Quero lambê-la loucamente enquanto esporro bem no fundo do cu de Eugênia. Desta segunda vez penetrei com facilidade, ai como ela sabe apertar o cu! Que prazer! Não aguento mais, estou esporrando, morro!

EUGÊNIA - E me faz morrer também, asseguro-lhe, minha amiga.

MADAME - Safada, como goza, como se habituou logo!

DOLMANCÉ - Quantas moças conheço que não querem gozar de outro modo. Só a primeira vez custa um pouco, depois não querem outra coisa... Estou esgotado, deixem-me repousar ao menos alguns minutos!

MADAME - Assim são os homens, querida, apenas nos olham e se saciam. Quase nos desprezam depois de satisfeitos seus desejos...

DOLMANCÉ - Que injustiça, que injúria! (Abraça ambas). As duas são feitas para as mais calorosas homenagens, em qualquer estado que me encontre!

MADAME - Consolemo-nos, Eugênia. Se eles têm o direito de nos desprezar quando satisfeitos, nós faremos a mesma coisa, obrigadas por eles. Se Tibério em Capri sacrificava as criaturas que serviam ao seu gozo¹, também Zíngua, rainha africana, imolava seus amantes²

DOLMANCÉ - Esses excessos tão simples, que eu tão bem compreendo, não devem entretanto ter voga entre nós, pois o provérbio bem o diz: "os lobos não se devoram entre si". Por mais trivial que pareça, é justo. Não temam, amigas, farei com que vocês causem muitos males, mas nunca lhes causarei mal algum.

1 Ver Suetônio e Dion Cassio de Nicéia.

2 Ver a História de Zíngua, rainha de Angola.

EUGÊNIA - Ouso responder; Dolmancé nunca abusará dos direitos que lhe damos sobre nós. Creio que ele tem a probidade dos velhacos, é a melhor. Mas voltemos aos nossos princípios, ao plano que nos inflamava quando começamos a nos acalmar.

MADAME - A carvalhinha de nada se esquece. Pensei que fosse apenas divagação.

EUGÊNIA - Nada disso, é o mais certo impulso de minha alma. Não sossegarei enquanto não consumir esse desígnio.

MADAME - Não será melhor perdoá-la? Lembre-se de que é sua mãe.

EUGÊNIA - Que grande título!

DOLMANCÉ - E ela tem toda a razão. Essa mãe pensou em Eugênia, quando a pôs no mundo? A safada se deixava foder porque nisso encontrava prazer, mas pouco pensava na filha, que deve agir nesse ponto como bem lhe parecer. Em qualquer excesso que caia, nunca se tomará culpada de nenhum mal.

EUGÊNIA - Detesto-a, abomino-a. Mil razões legitimam este ódio. Hei de tirar-lhe a vida, custe o que custar.

DOLMANCÉ - Pois bem. Já que suas resoluções são inabaláveis, asseguro que ficará satisfeita. Mas antes de agir, é preciso que lhe dê conselhos úteis: que seu segredo jamais lhe escape do peito, que aja sozinha; nada mais perigoso do que um cúmplice. É preciso desconfiar mesmo daqueles com os quais melhor contamos. Maquiavel bem o disse: "Urge não ter nenhum cúmplice, ou matá-lo desde que ele nos tenha servido". E não basta: num projeto como o seu, o fingimento é indispensável. Aproxime-se da vítima antes de a imolar, agrade-a, console-a, partilhe de suas dores, jure-lhe que a adora, mais ainda; persuada-a do seu amor. Nesse caso jamais a falsidade seria excessiva. Nero acariciava Agripina na barca que devia levá-la ao fundo do mar: imite esse exemplo, use todas as imposturas que o seu espírito lhe sugerir. A mentira é sempre a arma feminina, sobretudo quando há necessidade de enganar.

EUGÊNIA - Essas lições preciosas serão retidas e empregadas oportunamente. Aprofundemos agora o seu conselho às mulheres: a falsidade é essencial na sociedade?

DOLMANCÉ - Não há virtude mais necessária na vida, verdade certa que por si só prova sua indispensabilidade. Toda gente a emprega; basta isso para que um indivíduo sincero, sendo único, sossobre no meio duma sociedade em que só há gente falsa! Se é verdade, como pretendem, que as virtudes sejam de alguma utilidade na vida civil, como quer você que a pessoa sem vontade, nem poder ou dom de virtude (o que acontece com a maior parte) possa deixar de ser hipócrita e obrigada a fingir, para obter, por sua vez, um pouco da porção de felicidade que seus concorrentes lhe roubam? De fato, é seguramente a virtude, ou a aparência da virtude, que se toma necessária ao homem da sociedade? Não há a menor dúvida: basta a aparência. O homem que possui essa aparência possui tudo; no mundo, as pessoas apenas roçam de leve o homem, por isso basta uma casquinha. A prática da virtude é útil tão somente ao homem que a possui, os outros nada aproveitam dela; basta parecer virtuoso, é inútil sê-lo. A falsidade é o melhor meio para obter êxito, quanto mais falso mais o homem sobe, tudo obtém deslumbrando os restantes com falsas aparências. Os que se enganam com os falsos nem se queixam para não dar o braço a torcer; o falso tem sempre razão, ele avançará na vida deixando para trás os sinceros; enriquecerá à custa alheia, cativará a opinião pública e se alguém falar mal dele ninguém acreditará. Que a mais insigne falsidade seja continuamente nosso empenho; ela

é a chave de todas as graças, favores, reputações, riquezas. Ser canalha é um prazer incomparável, que de tudo nos consolará.

MADAME - A matéria está perfeitamente explicada. Eugênia, convencida, encorajada, tranquila, pode agir quando bem lhe aprouver. Vamos continuar agora nossas dissertações sobre a libertinagem; é preciso percorrer todo esse vasto campo sem negligenciar, nem a teoria, nem a prática.

DOLMANCÉ - As minúcias das paixões do homem são pouco suscetíveis de servir de instrução a uma moça que, como Eugênia, certamente se casará. Ela não será destinada ao ofício de mulher pública; se casar, há probabilidades de que o marido não tenha essa inclinação e, se a tiver, é preciso que ela o compreenda e tolere. Em recompensa disso poderá ser falsa quanto quiser. Essa palavra encerra tudo. Se Eugênia deseja conhecer melhor a libertinagem masculina, resume-se em três palavras: a sodomia, as fantasias sacrílegas e os gostos cruéis. A primeira é hoje universal; divide-se em duas classes, ativa e passiva. O homem que enraba, seja um rapaz ou uma rapariga, comete sodomia ativa; é passivo quando se deixa foder ou enrabar. Discutem muito para saber qual desses dois modos dará maior prazer: é certamente o modo passivo pois, nesse caso, se reúnem as duas sensações, a da frente e a de trás. É tão gostoso mudar de sexo, arremedando as putas, entregando-se a um macho que nos trata como se fosse mulher, sentindo-nos como uma amante nos braços do seu amante! Que volúpia inefável! Agora, Eugênia, alguns conselhos para as mulheres que gostam de se metamorfosear em homens e querem, a nosso exemplo, gozar desse delicioso prazer. Ataquei-a de rijo, Eugênia, e vejo que você fará carreira: percorra essa estrada como uma das mais deliciosas do país de Citera. Mais uns conselhos essenciais: é indispensável que quem a estiver sodomizando não se esqueça de bem esfregar-lhe o clitóris; não vá ao bidê, nem se limpe para melhor deixar o rego aberto; para prolongar o prazer esqueça os cuidados da limpeza. Evite também os ácidos; inflamam as hemorróidas e tomam a introdução dolorosa. Não deixe, porém, vários homens gozarem sucessivamente dentro do ânus; essa mistura de espermas, embora voluptuosa, é nociva à saúde; é preciso pôr para fora cada ejaculação à medida que ela se efetuar.

EUGÊNIA - E quando for na boceta? Posso guardar várias ejaculações consecutivas?

MADAME - Mas também não haverá mal algum se você exercer o coito sem deixar que o esperma tome o caminho natural. A propagação da espécie não é o alvo da natureza, mas apenas uma tolerância; quando não procriamos servimo-la melhor. Eugênia, seja inimiga figadal da reprodução, ponha fora esse pérfido licor que só serve para nos empenhar, estragar nossa cintura fina, nossos lindos seios, que nos envelhece, nos fana, diminui a sensação voluptuosa! Que seu marido saiba conduzi-la por outros caminhos; diga-lhe que você detesta crianças e não as quer fabricar. Cuidado, eu tenho disso tal nojo que deixaria de ser sua amiga no instante em que você engravidasse. Se essa desgraça lhe acontecer, avise-me nos dois primeiros meses que tudo arranjaréi. Não receie o infanticídio, crime imaginário; nós temos o direito de destruir o que se encontra dentro de nós. É a mesma coisa que tomar um bom purgante quando temos algo a expelir dos intestinos.

EUGÊNIA - E se o feto já chegou ao nove meses

MADAME - Mesmo que já tivesse nascido, seríamos ainda senhoras de destruí-lo. Não há no mundo direito mais seguro que o da mãe sobre seus filhos; verdade fundada sobre a razão, reconhecida por todos os povos.

DOLMANCÉ - Direito incontestável da natureza. A extravagância do sistema deísta foi a fonte de todos esses erros crassos: os imbecis que acreditam em Deus, persuadidos de que ele nos concede a existência, acham que uma alma, dele emanada, vem incontinenti habitar o embrião. Esses idiotas consideram um crime destruir uma coisa que pertence a Deus. Depois que o facho da filosofia dissipou essas imposturas, depois que a quimera divina foi esmagada, depois que, melhor instruídos nos segredos da física, desenvolvemos o princípio da geração e vimos que esse mecanismo nada oferece de mais admirável que a geração de um grão de trigo, voltamos para a natureza. Desenvolvendo nossos direitos, reconhecemo-nos perfeitamente livres de retomar àquilo que só tínhamos dado, de má vontade ou por acaso; não se pode exigir de ninguém que se tome pai ou mãe sem desejá-lo. Uma criatura a mais ou a menos na terra não

tem menor consequência; somos senhores dela antes e depois de nascida, podemos eliminá-la como a unha que cortamos dos dedos, o excesso de digestão que tiramos dos intestinos, pois tudo isso é nosso, nos pertence, e disso podemos dispor à nossa vontade. Já lhe expliquei que um assassinio não tem a menor importância; a mesma coisa se dá com o infanticídio, mesmo que a criança já tivesse a idade da razão. Sua inteligência, Eugênia, vale ainda mais do que as provas que lhe ofereço: a leitura da história dos costumes de todos os povos da terra lhe mostrará que o infanticídio é um costume universal. Só os tolos ainda condenam tão simples ocorrência.

EUGÊNIA a Dolmancé - Estou inteiramente persuadida. (A Madame): já se serviu do remédio que me aconselha para destruir interiormente o feto?

MADAME - Duas vezes e com inteiro êxito. Foi no começo da gravidez, mas conheço mulheres que o empregaram depois de vários meses com o mesmo resultado. Pode contar comigo, mas o melhor ainda é não engravidar. Continue, Dolmancé, chegamos agora às fantasias sacrílegas.

DOLMANCÉ - Suponho que Eugênia esteja agora completamente libertada da estupidez religiosa. Saiba que jamais terão consequência os atos que zombarem de tudo quanto constitui o culto dos imbecis. Essas fantasias aquecem as cabecinhas jovens para as quais toda a violação de freios é um gozo; volúpias que se tomam frias quando já se teve tempo de estudar, de se instruir, de se convencer da nulidade desses ídolos que escarnecemos. Profanar relíquias, imagens de santos, a hóstia, o crucifixo, tudo isso aos olhos do filósofo é o mesmo que degradar estátuas do paganismo. Toda essa baboseira só deve merecer nosso desprezo; só devemos usar a blasfêmia, embora nem essa tenha serventia. Pois, desde que Deus não existe, o que adianta insultá-lo? Mas é essencial e agradável pronunciar nomes sujos e fortes para aumentar a embriaguez do prazer, para auxiliar a imaginação, não poupemos coisa alguma para essa finalidade, tenhamos o luxo de expressões que escandalizem o mais possível. É tão doce escandalizar... Triunfo do orgulho que não se deve desprezar! É uma das minhas secretas volúpias; há poucos prazeres morais que influam mais na minha imaginação. Experimente, Eugênia e verá o resultado: ostente a mais prodigiosa impiedade quando em companhia de moças de sua idade, ainda envoltas nas trevas da superstição, ostente o deboche; a libertinagem; porte-se como puta, mostre os peitos, levante as saias se forem juntas à privada, ponha à mostra as partes mais secretas do seu corpo e exija reciprocidade. É preciso seduzi-las, fazer-lhes sermão ridicularizando os seus preconceitos. Induza-as ao que se chama erradamente de mal, blasfeme como um carroceiro, agarre-as à força, corrompa-as por conselhos e exemplos, perversa-as, seja extremamente livre com os homens, fale de irrelição, de safadagem, conceda tudo quanto a divirta sem a comprometer, masturbe e seja masturbada, empreste-lhes o cu. Uma vez casada, não tenha amante, pague criados jovens e discretos, assim tudo ficará secreto. Sua reputação continuará intacta, ninguém suspeitará. Eis a arte de fazer tudo quanto nos apraz. Continuemos.

Os prazeres da crueldade são os terceiros que prometemos analisar. Muito comuns entre os homens de hoje, eis os argumentos dos quais se servem para legitimá-los: o alvo das pessoas que se entregam à volúpia é ficarem excitadas; queremos nos excitar por meios mais ativos; assim sendo, pouco nos importa se nossos procedimentos agradarão ou não ao objetivo que serve; só se trata de pôr em movimento a massa dos nossos nervos pelo choque mais violento possível. Ora, como a dor afeta mais vivamente que o prazer, o choque resultante dessa sensação produzida sobre o parceiro será de vibração mais vigorosa e repercutirá mais energicamente em nós; o espírito animal entrará em circulação e inflamará os órgãos da volúpia predispondo-os ao mais intenso prazer. Ora, os efeitos do prazer são mais difíceis na mulher, um homem feio ou velho jamais logrará produzi-los; por isso preferem a dor, cujas vibrações são mais ativas. Objetação certamente: os homens que têm essa mania não refletem que é falta de caridade fazer sofrer o próximo, sobretudo para obter maior gozo? É que, nesse ato, os canalhas só pensam em si próprios, seguem o impulso da natureza e desde que gozem bastante o resto não lhes importa, nunca sentimos as dores alheias. Pelo contrário, ver sofrer, é uma grande sensação. Para que poupar um indivíduo com o qual não nos importamos? Essa dor não nos

custará uma só lágrima e nos ocasionará um prazer. Haverá na natureza um só impulso que nos aconselhe preferir o próximo a nós mesmo?

Cada um de nós não é para si mesmo o mundo inteiro, o centro do universo? Nem me falem na voz quimérica que diz "não façais aos outros o que não quereis que se vos faça". Grandes imbecis! A natureza não nos aconselha outra coisa senão que gozemos, que nos divertamos; não conhecemos outro impulso, outra aspiração. Nunca devemos nos incomodar com o que pode suceder aos outros... A natureza é a nossa mãe e só nos fala de nós mesmos, sua voz é a mais egoísta. O mais claro conselho que nos dá é que tratemos de gozar, de nos deleitar, mesmo a custo de quem quer que seja! Os outros nos podem fazer o mesmo, é verdade, mas o mais forte vencerá. A natureza nos criou para o estado primitivo de guerra, de destruição perpétua, único estado em que devemos permanecer para realizar seus fins.

Eis, querida Eugênia, como raciocinam os libertinos; acrescento por experiência, por estudos particulares, que a crueldade, longe de ser um vício, é o primeiro sentimento que a natureza imprime no homem. A criança quebra seus brinquedos, morde o mamilo da ama, e estrangula pássaros muito antes de atingir a idade da razão. Todos os animais respiram crueldade, pois neles as leis da natureza são ainda mais fortes que no homem, assim como nos selvagens elas falam mais alto ainda do que no homem da cidade. Nascemos com uma dose de crueldade que só a educação consegue modificar, mas a educação nada tem a ver com a natureza, pelo contrário, é nociva a ela como a cultura é nociva às árvores. Compare nos nossos pomares a árvore que cresce livre com as árvores podadas e cuidadas artisticamente. Qual a mais bela, a que oferece melhores frutos? A crueldade é a energia do homem que a civilização ainda não corrompeu, é, portanto, uma virtude e não um vício. Tiremos as leis, os usos, e a crueldade não terá mais efeitos perigosos, nunca agirá sem poder ser afastada pelas mesmas armas. Só é perigosa no estado de civilização porque o ser lesado não tem força, ou meios, para vingar a injúria. No estado de incivilização, se ela age sobre o forte será por ele sobrepujada, se age sobre o fraco não tem o menor inconveniente, pois o fraco deve ceder ao forte pelas leis dessa mesma natureza.

Não analisaremos a crueldade nos prazeres lúbricos do homem. Verá, linda Eugênia, os diferentes excessos aos quais ele se entregou; sua imaginação ardente compreenderá logo que, nas almas fortes e estóicas, essa crueldade não deve ter limites. Nero, Tibério e Heliogábalo imolavam meninos para ficarem de pau duro; o marechal de Retz, Charolais, o tio de Condé cometeram assassinios em lúbricas orgias. O primeiro confessou no seu interrogatório que não conhecia volúpia mais deliciosa do que supliciar crianças de ambos os sexos; acharam mais de oitocentas, imoladas nos seus castelos da Bretanha. Tudo isso se concebe perfeitamente, como acabei de demonstrar. Nossa constituição, nossos órgãos, o curso dos humores, a energia dos espíritos animais, eis as causas, físicas que criaram Titos ou Neros, as Messalinas ou as Chantal. Não há motivo algum da gente se orgulhar da virtude, nem de se arrepender do vício, assim como é inútil acusar a natureza de ter criado um justo ou um facínora; ela terá agido segundo seus planos aos quais nos devemos submeter. Examinemos a crueldade das mulheres, bem mais ativa que a dos homens, em razão do poder excessivo da sensibilidade de seus órgãos.

Nós distinguimos, em geral, duas espécies de crueldade: a que nasce da estupidez que, sem razão e sem análise, assimila o indivíduo às feras, não produz prazer algum; é apenas uma inclinação natural; as brutalidades por ela causadas não são perigosas, pois é fácil delas nos defendermos. A outra espécie de crueldade, fruto da extrema sensibilidade dos órgãos, não é conhecida senão pelos seres extremamente delicados; é uma delicadeza extrema e refinada que põe em movimento todos os recursos da maldade. Poucas pessoas podem perceber tais diferenças, poucas a podem sentir; entretanto, elas existem. É este segundo gênero de crueldade que mais se encontra entre as mulheres; são conduzidas por excesso de sensibilidade, a força do espírito torna-as ferozes; por isso mesmo são encantadoras, fazem todos perderem a cabeça por elas. Infelizmente a rigidez absurda dos nossos costumes deixa pouco terreno a essa crueldade, obrigando-as a se esconder, a dissimular, a cobrir suas inclinações naturais por atos ostensivos de beneficência que elas no fundo odeiam. É apenas veladamente, com precaução, auxiliadas por amigos certos, que conseguem satisfazer seus desejos, coitadinhas! Se quisermos

conhecê-las será preciso vê-las assistindo a um duelo, um incêndio, um combate, uma batalha; mas tudo isso é pouco para elas e as coitadas têm que se conter.

Falemos de algumas mulheres desse gênero: Zíngua¹, rainha de Angola, a mais cruel das mulheres, imolava seus amantes logo depois de gozá-los; assistia combates entre guerreiros, entregando-se ao vencedor; para se distrair fazia moer num pilão todas as mulheres que tivessem engravidado antes dos trinta anos!. Zoé, mulher dum imperador chinês, não sentia prazer maior do que assistir à execução de criminosos; se não os houvesse, imolava escravas enquanto era fodida, e tanto mais gozava nesse instante quanto mais as infelizes sofriam; foi inventora da famosa coluna de bronze oca que fazia aquecer em brasa. depois de aí ter encenado a vítima. Teodora, mulher de Justiniano, adorava presenciar à castração dos eunucos. Messalina se fazia punhetar enquanto, pelo processo da masturbação, seus escravos extenuavam vários homens diante dela. As floridianas faziam engrossar o membro dos maridos colocando sobre a glândula pequenos insetos venenosos, amarravam-nos para essa operação e reuniam-se em grupo para efetuar essa operação mais rapidamente. Quando os espanhóis chegaram a esse país, elas próprias agarravam os maridos para que fossem assassinados pelos conquistadores. La Voisin, La Brinvilliers, envenenavam apenas por prazer. A história fornece milhares de exemplos da crueldade feminina, acho que por isso elas se deixavam ser flageladas, o que causa grande prazer ao homem. Seria uma válvula natural à crueldade das mulheres, e a sociedade com isso ganharia, pois não podendo expandir-se desse modo, elas inventam mil outros modos piores para derramar o veneno que as habita, fazendo o desespero dos pobres maridos e da família inteira. A maior parte delas recusa sempre a fazer uma boa ação quando se apresenta a ocasião de socorrer algum infortúnio, mas essa válvula não chega para tanta maldade. Elas precisam exercer maldades maiores. Haveria, sem dúvida, outros meios para lhes contentar a malvadez inata, mas não sei se eu poderia aconselhá-lo... Que tem você, menina? Em que estado está!

1 Ver a História de Zíngua rainha de Angola, por um Missionário

EUGÊNIA, masturbando-se - É o efeito de todas essas suas histórias!

DOLMANCÉ - Ajude-nos, senhora, não é possível que ela goze sem que a auxiliemos!

MADAME - Realmente, seria injusto! Venha aos meus braços, deliciosa e sensível criatura. E como fica linda no momento de gozar!

DOLMANCÉ - Ocupe-se da vanguarda, Madame, eu tratarei do cu, enfiando a língua no orifício róseo e dando-lhe uns tapinhas. Assim pode descarregar na nossa mão umas sete ou oito vezes. Vai ver que lindo!

EUGÊNIA, quase gozando - Sei que não me será difícil!

DOLMANCÉ - Na posição em que se encontram, cada uma de vocês pode me chupar o membro alternadamente, assim excitado procederei com muito mais ardor e aumentarei o prazer da nossa jovem e talentosa discípula.

EUGÊNIA - Querida, disputo-lhe a honra de sugar tão linda pica! (Pendura-se nela).

DOLMANCÉ - Que delícia, que voluptuoso calor. Eugênia, porte-se bem no momento em que eu esportar, ouviu?

MADAME - Sim, ela vai engolir tudo, respondo por ela. Se negligenciasse os deveres impostos pela luxúria veria...

DOLMANCÉ, animadíssimo - Nem há duvida, não a perdoaria, que castigo exemplar havia de receber! Creio que a chicotearia até sair sangue. Pronto, estou esportando, como escorre... Engula, não perca uma gota, querida, assim... Madame, entrego-lhe meu cu, cuide bem dele, está todo escancarado o danadinho, boceja anelante. Enfie os dedos assim até o pulso. Ai, esta menina encantadora chupou-me como um anjo e engoliu tudo!

EUGÊNIA - Querido e adorado mestre, sim, não perdi uma só gota de sua porra! Beije-me agora que ela está no fundo das minhas entranhas.

DOLMANCÉ - Que deliciosa menina! Com que abundancia descarregou!

MADAME - Está completamente inundada. Mas, céus, o que ouço? Estão batendo! Quem ousará nos interromper? É meu irmão, que imprudência!

EUGÊNIA - Mas, minha querida, isso é uma traição!

DOLMANCÉ - Traição sem exemplo! Porém, nada tema, Eugênia, nós só buscamos seu maior prazer.

MADAME - Ela ficará logo convencida disso. Aproxime-se, querido irmão, e ria-se desta menina que se esconde para que você não a veja.

QUARTO DIALOGO

Madame, Eugênia Dolmancé e Mirvel.

MIRVEL - Nada receie, peço-lhe. Minha discrição é completa, bela Eugênia; meu amigo e minha irmã podem testemunhar o que afirmo.

DOLMANCÉ - Eis o melhor meio de terminar logo as apresentações. Estamos educando esta moça, acostumando-a aos prazeres sensuais. Para que ela saiba tudo e fique completamente instruída, unimos a teoria à prática. Agora chegamos ao capítulo em que ela precisa ver um membro a esporrar; sirva-nos de modelo, sim?

MIRVEL - Como recusar tão lisonjeira proposta? A senhorita tem atrativos que precipitarão os efeitos desejados.

MADAME - Vamos! Mãos à obra, imediatamente!

EUGÊNIA - Não acham que abusam demasiadamente da minha juventude? Que pensara de mim o cavalheiro?

MIRVEL - Pensarei que é a mais encantadora das mulheres, Eugênia, a mais adorável criatura que até hoje encontrei. (Beija-a acariciando-lhe todo o corpo). Tudo é lindinho, gostoso, atraente, apetitoso!

DOLMANCÉ - Fale menos, cavalheiro, e aja mais! Vou dirigir a cena, é meu direito. Queremos que Eugênia aprecie bem o fenômeno da ejaculação. Sendo difícil observar tal fenômeno de sangue frio, vamos nos colocar os quatro bem em frente um do outro. Madame, punheteie Eugênia, eu me encarregarei de Mirvel; quando se trata de fazer esporrar um homem ajo melhor do que uma mulher. Sei o que lhe convém, por isso dirijo melhor o homem... Coloquemo-nos (Obedecem todos).

MADAME - Parece-me que estamos juntos demais, não?

DOLMANCÉ, agarrando Mirvel - Não, é bem pertinho que devemos estar, quero que os seios de Eugênia fiquem inundados de porra, das provas da virilidade de seu irmão; é o que se chama "descarregar no nariz". Senhor da bomba, dirigirei o fluxo de modo a que ela fique completamente inundada. Enquanto isso, faça-lhe uma boa punheta, titilando-a em todos as partes mais sensíveis do corpo. Eugênia, não pense noutra coisa senão no prazer libertino; vai ver um dos seus mistérios patenteados aos seus olhos. Despreze os últimos restos do pudor, que jamais foi virtude; a natureza nos criou nus porque jamais entendeu que devêssemos estar cobertos; vestir-se é contrário às suas leis. As crianças que ignoram o sexo e, por conseguinte, a necessidade de o tomar mais apetitoso pela modéstia, mostram tudo possuem. Há ainda casos mais singulares: em certos países as criaturas andam cobertas como no Taiti, mas as mulheres levantam as saias e se despem ao menor sinal.

MADAME - O que adoro em Dolmancé é que ele não perde tempo, vai falando e agindo. Veja como examina o soberbo eu do meu irmão; com que habilidade e volúpia o punheteia. Vamos, Eugênia, atenção! O tubo da bomba já está no ar, logo nos inundará com o benéfico licor.

EUGÊNIA - Ai, querida amiga, que membro monstruoso! Nem o posso abarcar. Não há maior!

DOLMANCÉ - O meu é bem menor; uma pica dessas é temível para uma donzela, não a perfuraria sem perigo iminente...

EUGÊNIA, bem punheteada por Madame - Mas eu enfrentaria qualquer um para gozar!

DOLMANCÉ - E tem toda a razão; uma boa pica jamais deve intimidar uma mulher; a natureza é cúmplice, e a torrente de prazer que a inunda faz esquecer todas as pequenas dores precedentes. Já vi donzelas mais jovens que você agüentarem picas maiores ainda. Com coragem e paciência todos os obstáculos são vencidos. É loucura imaginar que se deve tirar o cabaço com membros pequenos; pelo contrário: penso que uma virgem deve entregar-se a uma pica possante e grossa, assim a membrana do hímen é rasgada de uma só vez, e a sensação de

prazer virá mais depressa. É verdade que, uma vez conhecendo as grandes, ela não mais se contentará com as pequenas, mas se uma mulher é bela, rica e jovem sempre achará uma, do tamanho que lhe apetecer. Quando forem pequenas, deve sempre metê-las no cu.

MADAME - Sem dúvida, e será ainda mais feliz quando se servir de ambas ao mesmo tempo. Recebendo na babaca as agitações voluptuosas de uma pica, você precipitará o espasmo da outra que lhe estará enfiada no cu. Inundada pelo esperma de ambas, morrerá de prazer.

DOLMANCÉ (não interrompendo o gozo durante o diálogo) - Ainda há lugar para mais duas ou três picas. A mulher que Madame descreve pode agarrar uma em cada mão, e ter ainda outra dentro da boca.

MADAME - Também poderia ter mais duas sob as axilas, outras nos cabelos, uma quantidade em redor dela. Nesses momentos nunca as há em demasia. Que delícia tocá-las todas, devorá-las, chupá-las, só ter picas em redor de si, ser inundada por todas conjuntamente no instante em que a gente também ejacula! Dolmancé, por mais libertino que seja, desafio-o nesse campo. É impossível que alguém me sobrepuje nos deliciosos combates da luxúria. Nesse gênero já fiz tudo quanto é possível fazer neste mundo.

EUGÊNIA, sempre punheteada pela amiga, como Mirvel o é por Dolmancé - Ai, querida, como a invejo, como

quero gozar todos esses prazeres, entregar-me a todos os machos gostosos e potentes. Ó deliciosa deusa do prazer, que punheta! E esta pica como está túrgida! Que cabeça majestosa e rubicunda!

DOLMANCÉ - Ele está quase a acabar.

MIRVEL - Eugênia... minha irmã... aproximem-se, ai que seios divinos, que coxas macias e roliças! Acabem, acabem, que minha porra se reunira ao vosso gozo... Eis que me escorre toda, vejam queridas (Dolmancé tem o cuidado de dirigir o jato sobre as duas mulheres, principalmente sobre Eugênia, que fica toda inundada).

EUGÊNIA - Que lindo espetáculo, que nobreza, que majestade! Eis-me toda inundada! Algumas gotas entraram-me até nos olhos!

MADAME - Vamos colher essa preciosa gema, pérola do amor. Com ele esfregarei seu clitóris e isso apressará e aumentará seu gozo.

EUGENIA - Sim, querida, que grande idéia, vou gozar nos seus braços.

MADAME - Divina criatura! Beije-me mil vezes, chupe-me a língua, quero respirar seu sopro cálido, abrasado pelo prazer amoroso. Ai, estou para descarregar! Meu irmão, ajude-me, por favor.

DOLMANCÉ - Vamos, Mirvel, faça uma gostosa punheta em sua irmã.

MIRVEL - Prefiro fodê-la, veja como ainda estou rijo, e cheio de tesão.

DOLMANCÉ - Muito bem! Foda-a e dê-me seu cu ao mesmo tempo; assim foderei durante esse voluptuoso incesto. Eugênia, armada com este godemiché consolador, me enrabará. Destinada a representar todos os papéis na luxúria, tem que se aplicar nestas lições para ser digna delas, para ficar à altura de todos eles.

EUGÊNIA, armando-se do consolador - Com todo o prazer. Nunca me encontrarão indiferente ou relapsa quando se tratar do deboche. Ele é de hoje em diante meu único Deus, minha única regra de conduta, única base de todas as minhas ações. (Enraba Dolmancé). É assim, caro mestre? Sou boa discípula?

DOLMANCÉ - Ótima, isso mesmo, safada, sabe enrabar como um macho. Enfim, estamos os quatro ligados pela cadeia do amor! Vamos, gozando!

MADAME - Estou para morrer, nunca me acostumarei às deliciosas sacudidela da gostosa pica fraterna! É mesmo deliciosa!

DOLMANCÉ - Ó, cu encantador, pródigo em prazeres! Vamos, acabemos os quatro ao mesmo tempo! Ai, morro, expiro, não aguento... Está gozando, Mirvel ?

MIRVEL - Veja essa babaca cheia da minha porra!

DOLMANCÉ - Ai, amigo, quem me dera tanta no cu!

MADAME - Quero descansar um pouco para não morrer de gozo!

DOLMANCÉ, beijando Eugênia - Esta deliciosa menina fodeu-me como um Deus da foda!

EUGÊNIA - E, na verdade, também tive prazer.

DOLMANCÉ - A um verdadeiro libertino todos os excessos causam prazer. É preciso inventá-los, multiplicá-los, até o impossível!

MADAME - Já coloquei quinhentos luíses num tabelião para premiar o indivíduo capaz de me ensinar um vício que eu desconheça, ou de acordar no meu peito volúpia que eu já não tivesse experimentado.

DOLMANCÉ, enquanto todos acalmados só pensam em conversar - Tomarei nota dessa idéia bizarra. Creio porém que o singular desejo que você persegue não se compara às delícias que acaba de gozar, mas que me parecem bem insignificantes.

MADAME - Como assim?

DOLMANCÉ - Confesso que nada conheço tão fastidioso quando o gozo pela boceta. A senhora, que sabe o que significa tomar no cu, não deveria mais foder pela frente.

MADAME - São velhos hábitos. No meu caso o que quero é ser fodida, seja qual for o orifício pelo qual se introduza uma respeitável pica. Entretanto, também sou dessa opinião: todas as mulheres de forte temperamento preferirão sempre ser enrabadas a serem fodidas pela boceta. Que elas ouçam a minha voz, a voz da mulher mais fodida de toda a Europa! Certifico que não há comparação; quem conhece o prazer pelo cu sempre o preferirá ao prazer pela babaca.

MIRVEL - Não penso do mesmo modo. Embora me preste a tudo quanto me pedirem, prefiro sempre o altar natural que a natureza indicou para foder.

DOLMANCÉ - Pois esse altar é o cu. Perscrute cuidadosamente as leis da natureza: ela não indicou outro altar, e embora permita o resto, fez para isto o cu. Se tal não fosse sua intenção como poderia ter criado esse orifício tão de acordo com o nosso membro, redondinho como ele? Só um inimigo do bom senso poderia imaginar um buraco oval feito para o membro rotundo... Os sacrifícios realizados na frente só servem para multiplicar a propagação da espécie à qual a natureza se opõe, e apenas tolera, mas que a desagrada. Continuemos porém a educação de Eugênia. Depois de ter sido iniciada nos mistérios da ejaculação, é preciso que aprenda agora a dirigir o jato.

MADAME - Não será agora, no estado em que você e Mirvel se encontram...

DOLMANCÉ - De acordo, mas não haverá na sua casa algum jovem robusto que pudesse nos servir de manequim, e sobre o qual pudéssemos demonstrar nossas teorias?

MADAME - Tenho justamente a criatura da qual precisamos.

DOLMANCÉ - Não será por acaso o jovem jardineiro, de dezoito a vinte anos, e de belo porte, que vi há pouco trabalhando no seu pomar?

MADAME - Agostinho? Ele mesmo. Dono dum membro de treze polegadas de comprimentos sobre oito e meia de circunferência!

DOLMANCÉ - Que monstro! E fica bem duro? E esporra em abundância?

MADAME - É uma torrente de esperma. Vou chamá-lo.

QUINTO DIÁLOGO

Dolmancé, Mirvel, Agostinho, Eugênia e Madame,

MADAME, trazendo Agostinho - Eis o moço do qual lhes falei. Vamos nos divertir: que seria a vida sem a luxúria? Venha, tolinho. Parece incrível que há seis meses trabalho para ensiná-lo a ser desembaraçado e ainda não o consegui!

AGOSTINHO - Qual o que! Madame já me disse que eu começo a entender do riscado. Já me prometeu dar trabalho em todas as charnechas que aparecerem...

DOLMANCÉ - Que engraçado! \$ tão fraco e natural quanto jovem e ingênuo! (Mostrando Eugênia). Esta charneca é coberta de flores, quer trabalhar nela?

AGOSTINHO - Ai, senhor, uma gostosura dessas não é para o meu bico...

DOLMANCÉ - Vamos, Eugênia.

EUGÊNIA - Incrível! Creio que estou com vergonha...

DOLMANCÉ - Repudie sentimento tão pusilânime. Todos os nossos atos, sobretudo os da libertinagem, são inspirados pela natureza e não há do que ter vergonha. Eugênia, seja a puta desse jovem, provoque-o como pede a natureza. Só é digna do seu sexo a mulher que se prostitui ao nosso. Assim como você nasceu de uma foda, só pela foda deve viver, só assim merece ter visto a luz do dia. Você mesma deve tirar as calças desse lindo jovem, levantar-lhe a camisa; assim, a frente e o cu (que ele tem tão bonito) ficarão ambos à sua disposição. Que uma de suas mãos lhe agarre a vasta manjuba que, sob suas carícias, vai inchar até lhe causar medo, e que a outra lhe faça cócegas nas nádegas e no orifício anal, assim, veja... Descubra bem essa glândula rubra, nunca a deixe ficar coberta. O freio está teso quase a se romper. E você, tolo, não fique de mãos desocupadas, veja os tesouros que se lhe oferecem; passeie as mãos sobre os peitos e as nádegas da moça.

AGOSTINHO - Gostaria de cobrir de beijos essa moça que tanto prazer me dá!

MADAME - Pois beije! Faça com ela o que você faz comigo quando dormimos juntos.

AGOSTINHO - Ai que boca fresca! Parece que estou cheirando as rosas do meu jardim. Veja o efeito que produz em mim (mostra o enorme membro entesado).

EUGÊNIA - Meu Deus, está enorme, até dá medo.

DOLMANCÉ - Que seus movimentos se tornem regulares, Eugênia, e mais enérgicos. Olhe, ceda-me o lugar um momento, veja corno procedo: mais firme e ao mesmo tempo mais suavemente. Tome, não cubra a glândula; pronto, agora está em toda a sua energia. Veja quanto é maior que o de Mirvel.

EUGÊNIA - Nem há dúvida, não o posso abarcar.

DOLMANCÉ, medindo-o - A medida é exata, treze por oito e meio! Nunca vi mais grosso! É o que se pode chamar de "soberbo". E Madame o aguenta?

MADAME - Regularmente, todas as noites, quando estou nesta minha propriedade.

DOLMANCÉ - Mas na boceta, no cu não é possível.

MADAME - Recebo-o mais freqüentemente no cu do que na boceta.

DOLMANCÉ - Como é libertina! Confesso que não sei se o agüentaria...

MADAME - Deixe de prosa, ele entraria tão bem no seu cu como entra no meu.

DOLMANCÉ - Veremos logo, espero que Agostinho se digne a lançar-me um pouco de esperma no cu; eu lhe pagarei a gentileza. Vamos, Eugênia, a serpente vai lançar seu veneno; prepare-se, contemple a cabeça deste membro sublime! Quando se aproximar o momento da ejaculação, ficará ainda mais rubro e mais grosso. Que seus movimentos se tornem mais vivos e apressados, que seus dedos se enfiem pelo ânus! Abandone-se por completo! Procure-lhe a

boca, morda-lhe os beijos, que todos os encantos da sua mocidade corram a encontrar-lhe a porra... Está gozando, Eugênia, eis o instante do seu triunfo total.

AGOSTINHO - Ai, ai, não posso mais, mais forte e depressa! Assim... Que porra!

DOLMANCÉ - Redobre de cuidados, Eugênia, não o poupe, está embriagado de gozo. Que abundância de esperma! Que jato! Com que vigor foi lançado a mais de dez pés! O quarto está inundado. Nunca vi tanta porra. E a senhora diz, Madame, que esta noite ele a fodeu?

MADAME - Umas nove ou dez vezes. Há muito tempo que deixamos de contar...

MIRVEL -A bela Eugênia está completamente inundada de porra.

EUGÊNIA, - Quisera estar por ela coberta e submersa! Meu mestre, está satisfeito?

DOLMANCÉ - Está indo muito bem para uma estréia, mas há ainda algumas minúcias que você negligenciou.

MADAME - Ora, espere um pouco, tudo virá com a prática. Pela minha parte, confesso que estou contentíssima com a discípula, tem as mais felizes disposições e merece gozar agora dum maravilhoso espetáculo. Que ela veja os efeitos de um caralho no cu. Dolmancé, ofereço-lhe o meu: estarei nos braços de meu irmão que me meterá na boceta, enquanto você me enraba. Eugênia terá a honra de preparar seu membro, de colocá-lo no meu cu, de regularizar-lhe os movimentos e de tudo observar afim de que se familiarize com esta operação, à que se deve em seguida submeter, tragando o enorme membro de Agostinho.

DOLMANCÉ - Estou encantado ao pensar que esse lindo cu, quase virginal, será logo dilacerado pela sacudidela enérgica do valente Agostinho. Aprovo sua idéia, senhora, mas ainda há uma cláusula: Agostinho, que eu deixarei novamente de pau duro com alguns passes da minha mão, há de me enrabar enquanto eu estiver sodomizando a senhora.

MADAME - Aprovo essa cláusula da qual aproveitarei; para a nossa discípula são duas excelentes lições em vez de uma.

DOLMANCÉ, agarrando Agostinho - Venha cá, quero reanimá-lo. Como é lindo! Beije-me, querido amigo. Está ainda banhado em porra e é porra que eu peço! Quero fazer-lhe uma punheta enquanto lhe enfio os dedos no olho do cu.

MIRVEL -Aproxime-se, querida irmã. Anuindo aos seus desejos vou deitar-me neste sofá. Você se deitará nos braços expondo as lindas nádegas e abrindo as pemas o mais possível. Assim, podemos começar.

DOLMANCÉ - Não ainda, espere, primeiro tenho que enrabar Madame, só depois é que você e sua irmã se casarão, meus dedos vão ligá-los. Cuidemos de todas as minúcias; não esqueçamos que uma principiante nos observa e que lhe devemos dar as mais escrupulosas lições. Eugênia, venha punhetear-me enquanto procedo à ereção deste membro descomunal. Sustente minha ereção esfregando-me sua bunda.

EUGÊNIA, obedecendo - Assim está bem?

DOLMANCÉ - É preciso mais energia nos seus movimentos e apertar mais forte o membro que se punheteia, Eugênia. A masturbação é agradável justamente porque a mão que nela coopera pode se tomar mais apertada do que todos os orifícios naturais. Afaste o mais possível as coxas para que todos os movimentos de minha pica lhe toquem o olho do eu, assim, enquanto isso, que Mirvel punheteie bem sua irmã, e logo estaremos todos prontos. Agostinho já está de pica dura... Vamos, preparem-se! Madame, abra esse cu sublime ao meu impuro ardor. Eugênia, guie o dardo, que sua mão o conduza para a brecha, que o faça penetrar. Assim que ele estiver dentro agarre no de Agostinho e enfie essa grande massa dentro das minhas entranhas. Cumpra bem com todos os seus deveres de noviça. Enquanto isso, você está se instruindo; por isso é que deve fazer tudo o melhor possível.

MADAME -Meu cu se abre inteiramente. Ah, meu anjo, se soubesse há quanto tempo e com que ardor desejo ser enrabada por um sodomita!

DOLMANCÉ - Seus desejos vão ser satisfeitos, senhora, mas tenha paciência. Quero parar um instante aos pés do ídolo antes de penetrar no sacrário; quero admirar esse eu divino, beijá-lo e lambê-lo mil vezes! Sente, safada, como penetro?

MADAME - Ah, querido, enfie-me todo, até o fundo das entranhas. Volúpia suave, que império exerce sobre mim! Ó delícia! Enfie tudo!

DOLMANCÉ - Ó cu digno de Ganimedes. Nunca penetrei um melhor! Vamos, Eugênia, não perca tempo, faça que Agostinho me penetre neste mesmo instante.

EUGÊNIA - Ei-lo, já vem. Agostinho, meu anjo, aproxime-se do buraco, perfure duma vez.

AGOSTINHO - Estou vendo, obedeço já. Aqui há mais lugar do que no seu. Chupe meus beiços, beije-me bastante para eu entrar melhor.

EUGÊNIA - Beijarei tanto quanto você quiser, minha rosa fresca e orvalhada. já entrou toda a enorme cabeça. Creio que não tardará muito em esporrar.

DOLMANCÉ - Enfie mais, amigo, dilacere-me, rasgue-me se for preciso. Como meu cu agradece e goza. Que massa! Nunca traguei igual. Quanto ficou para fora, Eugênia?

EUGÊNIA - Apenas duas polegadas.

DOLMANCÉ - Então já engoli onze, que delícia, onze polegadas dentro do cu! Mas agora não aguento mais arreberto! Vamos, Mirvel, está pronto?

MIRVEL - Apalpe-me e diga-me o que acha.

DOLMANCÉ - Então, meus filhos, vou casá-los, coopero com toda a alma para esse divino incesto. (Introduz a pica de Mirvel na babaca da irmã).

MADAME - Instante divino, fodida pelos dois lados, na frente e no traseiro! Prazer sublime, inigualável neste mundo. Ai, como tenho dó da mulher que jamais o experimentou! Sacuda bastante, Dolmancé, que a violência de seus movimentos me precipite no gládio de meu irmão. Eugênia, olhe bem, contemple-me, veja uma mulher completamente feliz no vício. Tome meu exemplo, aprenda a ser fodida com transporte, a saborear uma foda com delícias... Veja, meu amor, veja tudo quanto consigo fazer ao mesmo tempo: escândalo, sedução, mau exemplo, incesto, adultério e sodomia! Ó, Lucifer, único Deus que adoro, inspira-me algo mais, oferece a meu coração novos vícios e verás como neles mergulharei encantada!

DOLMANCÉ - Ó voluptuosa criatura que aumenta a minha porra pelo extremo calor desse cu, pela força mágica de tão lindas palavras! Vou gozar, não aguento Eugênia, aumente a coragem do meu fodedor, entreabra suas nádegas! Você agora conhece a arte de acordar os mais vacilantes desejos. Sua proximidade empresta maior energia ao membro que me penetra, sinto que as sacudidelas são mais fortes. Safada, tenho que reconhecer que devo à sua benéfica influência, o que eu só queria dever ao meu próprio cu. Espere, Mirvel, espere vamos descarregar toda a porra ao mesmo tempo, gozar todos juntinhos, é a melhor felicidade, a única neste mundo!

MADAME - ó porra, gozem quanto quiserem que eu não aguento mais. Merda para o Deus que eu fado, estou acabando! Inundem-me, amigos, inundem esta puta! Lancem-me as ondas dessa espumante porra até o fundo de minha alma abrasada, que só existe para receber porra e mais porra. O excesso da minha volúpia é incrível, eu morro! Eugênia, quero beijá-la, devorá-la, lambe seu líquido, enquanto esparjo o meu. Venha, querida! (Agostinho, Mirvel, fazem côro; só o receio de me tornar monótono impede-me de continuar a transcrever as impressões que nesse momento se assemelham todas).

DOLMANCÉ - Eis uma das melhores sensações amorosas da minha vida. Agostinho acumulou-se de porra, mas eu me vinguei em Madame.

MADAME - Nem me fale, inundou-me.

EUGÊNIA - Só eu não posso dizer o mesmo (abraçando a amiga). Você se gaba de ter cometido tantos pecados e eu ainda não comecei. Não aguento mais a espera.

MADAME, numa gostosa gargalhada - Que criatura rara!

DOLMANCÉ - Realmente encantadora! Venha cá, menina, quero açoitá-la. (Dá-lhe tapas na nádegas). Agora beije-me... Sua vez vai chegar. .

MADAME - Agora é preciso que nos ocupemos somente dela. Meu irmão, examine esta presa, que lhe vai pertencer; contemple esse cabaço.

EUGENIA - S6 lhe pertencerei pelo cu como aconteceu há pouco, na frente ainda não.

MADAME - Menina ingênua e deliciosa, como oferece com prazer aquilo que tão dificilmente se obtém das outras, sobretudo das noviças...

EUGÊNIA - Não foi sem remorsos. Tenho ouvido dizer tantos horrores desse enorme crime, sobretudo quando praticado entre homens, como fizeram há pouco Dolmancé e Agostinho. Que meu mestre me fale filosoficamente desse horrível delíto...

DOLMANCÉ - Nada é horrível em libertinagem. Tudo é voz da natureza. Os atos que mais parecem chocar e ferir todas as instituições humanas (pois jamais falo do céu, que não existe) são justificados pela natureza. A sodomia deu origem a uma fábula no medíocre romance da Escritura, compilação fastidiosa dum judeu ignorante no cativo da Babilônia. Sodoma e Gomorra estavam colocadas em crateras de antigos vulcões e pereceram como Herculano e Pompéia, na Itália, engulidas pelo Vesúvio. Eis todo o milagre! Entretanto, partiram dum evento simplicíssimo para inventar barbaramente o suplício do fogo contra os pobres mortais que se abandonavam, numa parte da Europa, a essa fantasia que, confessemos entre nós, é tão gostosa quanto natural...

EUGÊNIA - Oh, natural...

DOLMANCÉ - Sim, natural, eu o sustento: a natureza não tem duas opiniões, uma a se opor à outra diariamente, e é absolutamente certo que não é da natureza que os homens possuídos por essa mania recebem as impressões que a ela os conduz. Os que querem afastar ou condenar este gosto pretendem que ele prejudica o desenvolvimento da população. Como são cacetes estes imbecis que não têm outra idéia na cabeça e que só vêm crime em tudo que deles discorda? Está por acaso demonstrado que a natureza tenha tal necessidade dessa população como nos querem fazer acreditar? Será certo que nos ultrajamos toda vez que prejudicamos esta estúpida propagação? Ouçamos um instante, para nos convenceremos disso, suas leis e sua marcha. Se a natureza criasse constantemente e se nunca destruísse nada, eu poderia acreditar, como esses fastidiosos sofistas, que não haveria nada mais sublime que trabalhar incessantemente em favor desse desenvolvimento. Poderia, mesmo, concordar em que a recusa de contribuir para isso fosse um crime. Mas, a mais ligeira visão das operações da natureza não prova, ao contrário, que a destruição é tão necessária aos seus planos como a criação? Que uma e outra dessas operações estão tão intimamente ligadas que é impossível a uma agir sem que a outra igualmente intervenha? Nada nasceria, nada regeneraria, se não houvesse destruição. A destruição é, pois, uma das leis da natureza, como a criação.

Admitindo este princípio, como poderia eu ofender a natureza recusando-me a criar? Aliás, ainda que admitindo um mal nessa recusa, ele seria muito menor que o de destruir e, no entanto, a destruição está nas leis como acabo de provar. Se, pois, de um lado, eu admito a inclinação que a natureza me deu para esse desperdício e, se de outro, eu vejo que ele lhe é necessário e que eu, simplesmente, me submeto a ela quando o pratico, onde estaria o crime? Mas, vos objetam os idiotas ou os adeptos do povoamento, o que, aliás é sinônimo: este esperma fecundante não pode estar contido em vós para outro uso que não o da propagação; desviá-lo seria uma ofensa. Eu acabo de provar, ao contrário, que esta perda nem sequer equivaleria a uma destruição e que a própria destruição, muito mais importante, não representaria um crime. Em segundo lugar, é falso que a natureza destine este licor espermático exclusivamente à reprodução, pois se assim fosse, ela não permitiria que ele se derramasse em outra ocasião, como a experiência nos prova; pois nós o perdemos quando queremos e onde queremos. Ela se oporia ainda a que essas perdas se verificassem sem coito como acontece quer nos sonhos, quer nos resultados de uma simples evocação. Ela não permitiria que a vara de um licor tão precioso se derramasse senão no vaso da propagação, e nos recusaria o gozo, com que então nos coroa, quando nós não o vertêssemos sobre ele. Pois, não seria razoável acreditar que ela consentisse em nos oferecer tanto prazer exatamente quando nós estivéssemos a ultrajá-la ao máximo? Mas vamos além; se as mulheres só tivessem nascido para reproduzir, se esta reprodução fosse assim tão cara à natureza, como aconteceria que, durante toda sua vida, por mais longo que seja e somando-se todos os períodos, somente sete anos ela seja apta a criar um seu semelhante? Como? Então a natureza é ávida de propagação; tudo o que a isso não tende lhe é ofensivo e, durante cem anos de vida, o sexo destinado a produzir só o conseguirá durante sete anos? A natureza não visa senão à propagação e a semente que para isso dá ao homem perde-se na

medida em que agrada ao homem! E ainda; ele goza o mesmo prazer com o desperdício e com o emprego útil?...

Deixemos, meus amigos, deixemos de acreditarem tais absurdos, eles fazem enrubescer o bom senso. Ah, longe de ultrajar a natureza, convençamo-nos bem de que o sodomita e a tribo servem-na, ao se recusar decididamente a uma conjunção da qual só resulta uma prole fastidiosa para ela. Esta propagação, não nos enganemos, nunca foi uma de suas leis, mas, no máximo, uma tolerância, já lhes disse. Que lhe importa que a raça dos homens se extinga e acabe sobre a terra! Ela se ri certamente de nosso orgulho quando queremos nos convencer de que tudo terminaria se isto acontecesse. Ela nem sequer se aperceberia disso.. Será que nunca houve o caso de uma raça que se extinguisse totalmente? Buffon refere-se a várias delas, e a natureza, silenciosa diante de uma perda tão preciosa, talvez nem a percebesse... Toda a espécie poderia se acabar e, estejais certos, nem por isso o ar seria menos puro, os astros menos brilhantes e a marcha do universo menos exata. Quanta imbecilidade, entretanto, seria necessária para acreditar que nossa espécie é tão útil ao mundo que, aquele que não trabalhasse para a propagar, ou que perturbasse essa propagação, se tomaria necessariamente um criminoso! Abramos os olhos a esse respeito e que o exemplo de povos mais razoáveis nos sirva para que nos convençamos de nossos erros. Não há um só lugar sobre a terra onde esse pretense crime de sodomia não tenha tido templos e fiéis. Os gregos que dele faziam, por assim dizer, uma virtude, erigiram-lhe uma estátua sob o nome de Vênus Calipígia; Roma foi inspirar-se em Atenas e de lá trouxe esse divino prazer.

E que progressos não o vemos fazer sob os imperadores? Ao abrigo das águias romanas ele se estende de um extremo ao outro da terra e, com a destruição do império, se refugia aos pés da coroa; acompanha as artes na Itália e só chega até nós quando nos civilizamos. Descubramos um novo hemisfério e aí encontraremos fatalmente a sodomia. Cook mergulha em um novo mundo; ela aí reina. Se nossos balões tivessem estado na lua, ela aí teria sido igualmente encontrada. Prazer delicioso, filho da natureza e do gozo, deveis estar em todo lugar onde os homens se encontrarem e aí onde estiverdes vos elevarão altares! Ó amigos meus, pode haver maior extravagância do que imaginar que um homem se transforma em um monstro digno de perder a vida somente porque prefere em seu prazer o orifício de um cu ao de uma boceta? Porque, à uma mulher que só lhe proporciona um prazer, ele prefere um rapazinho com quem consegue dois: o de enrabar e ser enrabado? Seria ele porventura um celerado, um monstro, por ter querido exercer a função de um sexo que não é o seu? E afinal? Por que a natureza o teria feito sensível a este prazer?

Examinai sua conformação; vós observareis uma completa diferença relativamente aos homens que não nasceram com este gosto: suas nádegas serão mais brancas, mais arredondadas, nenhum pêlo sequer sombreará o altar do prazer, cujo interior, revestido de uma membrana mais delicada, mais sensual, mais acariciante, oferecerá positivamente os mesmos atrativos que o interior da vagina de uma mulher. O caráter deste homem, ainda, será diferente dos outros; terá mais suavidade, mais flexibilidade; vós nele encontrareis, certamente, quase todos os vícios e virtudes das mulheres. Mesmo a fraqueza que lhes é própria vós encontrareis nesses tipos; eles terão suas manias e qualquer coisa de feminino em sua fisionomia.

Será, pois, possível que a natureza, assimilando-os desta maneira às mulheres, possa irritar-se porque eles tenham seus gostos? Não é claro que eles constituem uma classe diferente de homens e que a natureza os criou assim para diminuir essa propagação cujo excessivo aumento a prejudicaria infalivelmente? Ah, minha querida Eugênia, se você soubesse como se goza deliciosamente quando um grosso caralho lhe enche o eu, quando, mergulhado até os culhões ele aí se agita com todo ardor... Quando, engolido desde o prepúcio, ele penetra até o pentelho... Não! Não! Não existe no mundo inteiro um gozo que equivalha a este; é o dos filósofos, é o dos heróis e seria o dos deuses se os únicos deuses que nós devêssemos adorar não fossem exatamente os órgãos que nos permitem esse divino prazer¹.

(1) Como esta obra nos promete, mais adiante, uma dissertação bem mais externa sobre este

assunto, nos restringimos aqui a uma breve análise.

EUGÊNIA, animadíssima - Que me enrabem, meus amigos! Pegai, tomai a minha bunda, eu vos ofereço... Fodei-me ! Eu não aguento mais... (Ela cai, ao pronunciar estas palavras, nos braços de Madame de Saint-Ange, que a segura e oferece o traseiro da menina a Dolmancé).

MADAME - Divino professor, poderia você resistir a esta tentação? Não lhe tentará este sublime traseiro? Veja como ele treme e se entreabre...

DOLMANCÉ - Perdão, minha bela Eugênia; não serei eu, se me permite, que me encarregarei de extinguir o fogo que aticei. Você tem, minha criança, o grande defeito de ser mulher. Bem que quis esquecer toda prevenção para colher as suas primícias; mas permita que eu fique por aqui. Nosso amigo Cavalheiro que se encarregue do trabalho. Sua irmã, armada com este consolo, desferir-lhe-à no cu os mais valentes golpes e, ao mesmo tempo, oferecerá o lindo traseiro a Agostinho que a enrabará; eu o foderei ao mesmo tempo. Há mais de uma hora, eu vos confesso, que a bunda deste tipo me tenta e é preciso que eu lhe pague o que me fez.

EUGÊNIA- Está bem, Dolmancé, eu aceito a troca. Mas, francamente, a franqueza da opinião não lhe diminui a impolidez.

DOLMANCÉ - Mil perdões, senhorita, mas nós, os invertidos, nos orgulhamos da nossa franqueza e da exatidão de nossos princípios.

MADAME - Não é, entretanto, esta reputação de franqueza que costumam ter os que, como você, estão acostumados a gozar apenas por detrás...

DOLMANCÉ - Um tanto hipócritas, sim, um pouco falso... Pode lhes parecer. Pois bem, Madame, eu já demostrei que este caráter era indispensável na sociedade. Condenados a viverem companhia de gente que tem o maior interesse em se esconder de nós, em disfarçar os próprios vícios para só nos mostrar virtudes, que, aliás, nunca incensaram, correríamos o maior perigo se quiséssemos ser francos, pois, assim, lhes daríamos uma vantagem que eles nos recusam e, com isso, tomariam evidente nossa estupidez. A dissimulação e a hipocrisia são-nos impostas pela sociedade. Por que resistir? Permita-me, Madame, que eu me ofereça, por um instante, como exemplo: não há ninguém no mundo mais corrompido que eu; pois bem, meus contemporâneos enganam-se redondamente; perguntem-lhes o que pensam de mim e dirão, sem dúvida, que sou um homem honesto e, entretanto, não há um só crime em que eu não tenha encontrado um prazer e uma delícia.

MADAME - Pois bem, apesar de tudo, você não me convencerá de que tenha praticado estas atrocidades.

DOLMANCÉ - Atrocidades... Ora, Madame, eu cometi horrores...

MADAME - Está bem. Você é como o tal que dizia ao confessor: inútil entramos em pormenores, senhores, fora o roubo e o assassinio pode estar seguro que tudo mais eu cometi.

DOLMANCÉ - Sim, madame, eu diria o mesmo, incluindo a exceção...

MADAME - Como? Você se permitiu, libertino...

DOLMANCÉ - Tudo, Madame, tudo. Pode-se lá recusar alguma coisa com o meu temperamento e os meus princípios?

MADAME - Fodamos! Fodamos! Já não aguento esta prosa, deixemo-la para mais tarde. Para dar fé às suas confissões quero ouvi-las quando estivermos com a cabeça fria. No meio da farra você gosta de dizer horrores e, com certeza, está nos apontando como verdadeiras as fantasias libertinas de sua imaginação inflamada. (Enquanto isso os parceiros tomam posição).

DOLMANCÉ - Espera, Cavalheiro, espera; eu mesmo vou ajudá-lo a introduzir, mas antes disso, que a bela Eugênia me perdoe, é preciso que ela me deixe fustigá-la um pouco como preparação... (Ele a fustiga).

EUGÊNIA - Eis uma cerimônia completamente inútil, Dolmancé. Confesso que ela satisfaz à sua luxúria mas não fique convencido, ao bater-me, de que eu esteja gozando alguma coisa.

DOLMANCÉ (Continuando a fustigar) - Espere um pouco e então você me dirá. Você não conhece a importância dessa preliminar... Vamos! Vamos, minha sem-vergonha, e eu surrarei até sangrar!

EUGÊNIA - Oh, meu Deus como ele bate! Minhas nádegas estão em fogo! Você me machuca de verdade!

MADAME - Vou vingá-la, meu bem, vou pagar-lhe na mesma moeda. (Fustiga Dolmancé).

DOLMANCÉ - Oh! Sinceramente! Eu só peço a Eugênia que me deixe fustigá-la tão fortemente quanto eu mesmo quero sê-lo. Vê que eu me submeto ã lei da natureza. Mas esperem um pouco, vamos arranjar isto: que Eugênia a cavalgue, Madame, e agarre em seu pescoço como essas crianças cujas mães as carregam nas costas: assim terei dois cus ao alcance da mão e os maltratarei ao mesmo tempo. Agostinho e o Cavalheiro me devolverão juntos essas pancadas, fustigando minhas nádegas a um só tempo. Assim! Assim! Conseguimos! Ai, meu Deus, que delícia...

MADAME - Não poupem esta pequena. Eu exijo. Eu não reclamo nenhum favor e, por isso, não admito que o tenha com ela.

EUGÊNIA - Ai! Ai! Ai! Acho que meu sangue está escorrendo!

MADAME - Ele tomará mais bonitas suas nádegas, colorindo-as... Coragem, meu anjo, coragem; lembre-se de que é pelo sofrimento que se atinge o prazer.

EUGÊNIA - De fato, já não me aguento...

DOLMANCÉ (Pára um minuto para contemplar sua obra e depois recomeça) - Umas sessenta, ainda Eugênia; sim, umas sessentas ainda sobre cada bunda! Ah! Como vocês gozarão agora ao foder, suas pândegas! (Desfaz-se o grupo).

MADAME (Examinando as nádegas de Eugênia) - Ah, a pobrezinha... Como está ensanguentado seu traseiro! Celerado, que prazer você têm em beijar assim os vestígios de sua crueldade?

DOLMANCÉ (Lambuzando-se) - Sim, eu não o escondo; e meus beijos seriam mais ardentes se os vestígios fossem mais cruéis.

EUGÊNIA - Você é um monstro!

DOLMANCÉ - Concordo...

MIRVEL - Ele tem boa fé, pelo menos.

DOLMANCÉ - Vamos, sodomize-a, Cavalheiro.

MIRVEL - Levante-lhe o traseiro e em três tempos ela estará enrabada.

EUGÊNIA - Oh! Céus! O seu é maior que o de Dolmancé, Cavalheiro, você me rasgará... Tenha pena de mim, peço-lhe.

MIRVEL - Impossível, meu anjo. Tenho que ir até o fim. Lembre-se de que estou sendo observado pelo meu mestre; é preciso que eu seja digno de suas lições.

DOLMANCÉ - ótimo! Ah! Como eu gosto de ver um pentelho roçar as portas de um ânus... Vamos, Madame, enrabe seu irmão... O caralho de Agostinho já está pronto para se introduzir em você e quanto a mim, fique certa de que não pouparei seu fornicador... Ah! Que bom! já me endureceu a cabeça do pau, pensemos somente em descarregar...

MADAME - Examinai esta pequena, como ela vibra, a miserável.

EUGÊNIA - E eu tenho culpa? Eu morro de prazer... Esta flagelação... Este imenso caralho e este amável cavalheiro que me masturba ao mesmo tempo... Meu bem, meu bem, eu não aguento mais!

MADAME - Caramba! já a deixarei em paz, estou acabando...

DOLMANCÉ - Esperem um pouco, ainda um pouco de conjunto, meus amigos! Se me dão dois minutos eu os alcançarei e acabaremos juntos.

MIRVEL - Não adianta; minha porra corre já no cu de Eugênia... Eu morro... Ah, meu Deus, quanto prazer!

DOLMANCÉ - Eu também, meus amigos, eu também os acompanho: o gozo me cega igualmente!

AGOSTINHO - E eu? E eu?

MADAME - Que cena!... Este fanchona me encheu o cu...

MIRVEL - Ao bidé, senhoras, ao bidé!

MADAME - Nada disso, eu gosto de sentir o cu cheio de porra, não a jogo fora nunca.

EUGÊNIA - já não me aguento. De fato! Digam-me, meus amigos, se uma mulher deve aceitar sempre uma proposta para ser fodida assim...

MADAME - Sempre, minha cara, sempre. Ela deve fazer ainda mais: como esta maneira de foder é deliciosa, ela deve exigi-la daqueles a quem serve; mas se depende daquele com quem

se está divertindo, se ela espera dele conseguir presentes, obséquios, ou outros favores, que se faça de rogada, que se valorize... Não existe um homem, com esta inclinação, que nesse caso não se arruine por uma mulher que seja bastante hábil para não recusar, com o objetivo de o excitar ainda mais. Ela conseguirá tudo se possuir a arte de só conceder aos pouquinhos o que lhe pedem...

DOLMANCÉ - Então, meu anjinho, já se converteu? já não acredita que a sodomia seja um crime?

EUGÊNIA - E mesmo que fosse, que me importa? Já me foi demonstrado que o crime não existe! Bem poucas ações parecem, agora, criminosas, a meus olhos.

DOLMANCÉ - Não há crime em relação a nada, minha filha, em relação a coisa alguma. A mais monstruosa das ações não tem sempre um lado pelo qual nos é propícia?

EUGÊNIA - Quem duvida?

DOLMANCÉ - Pois bem! Se assim é, ela cessa de ser um crime. Pois, se aquilo que é útil a um, prejudicando a outro, fosse um crime, seria preciso demonstrar que o ser prejudicado era mais precioso à natureza que o favorecido; ora, se todos os indivíduos são iguais aos olhos da natureza, esta predileção é impossível; logo, a ação que favorece a um, prejudicando a outro, é absolutamente indiferente aos olhos da natureza.

EUGÊNIA - Mas, e se a ação prejudicasse uma enorme quantidade de indivíduos e só nos desse uma pequena quantidade de prazer, não seria condenável praticá-la.?

DOLMANCÉ - Absolutamente! Não há comparação entre o que sentem os outros e o que nós sentimos. Por maior que seja o sofrimento alheio, nós não sentimos nada, ao passo que por menor que seja o prazer que desfrutamos, ele é sempre nosso; logo, nós devemos, a qualquer preço, preferir esse pequeno prazer que nos satisfaz à essa imensa soma de desgraças alheias com a qual nada temos a ver. Mas se acontece, ao contrário, que a singularidade de nossos órgãos nos leve a sentir prazer com as desgraças alheias -como costuma, aliás, acontecer - quem duvidará que devemos incontestavelmente preferir esta dor alheia, que nos diverte, à ausência de um sofrimento que seria uma privação para nós? A fonte de todos os erros da moral vem da admissão ridícula deste liame de fraternidade que os cristãos inventaram em sua época de infortúnio e miséria. Obrigados a mendigar

a piedade dos outros, eles trataram de estabelecer que todos eram irmãos. Como deixar de socorrer os outros, admitida tal hipótese? Mas é impossível admitir esta doutrina. Não nascemos todos isolados? Ainda mais, todos inimigos uns dos outros, num perpétuo estado de guerra recíproco? Ora, eu vos pergunto se isto aconteceria, na suposição de que as virtudes exigidas por essa pretensa rede de fraternidade existissem realmente na natureza? Se sua voz as inspirassem aos homens, eles as possuiriam desde o nascimento. Desde então a piedade, a benevolência, a humanidade, seriam virtudes naturais de que seria impossível nos livrarmos, tomando, este estado primitivo do homem, que acabamos de ver, em coisa completamente diferente.

EUGÊNIA - Mas, se como você diz, a natureza faz nascer os homens isolados, todos independentes uns dos outros, concorde ao menos que as necessidades, ao aproximá-los, estabelece certas ligações entre eles: por exemplo, as do sangue, que surgem de sua aliança recíproca; as do amor, as da amizade, do reconhecimento, etc. Ao menos estas você respeita, espero?

DOLMANCÉ - Na verdade, não mais do que a outras. Mas analisemo-las, Eugênia, rapidamente. Diria você, por exemplo, que a necessidade que tenho de me casar, quer para ver minha raça prolongar-se, quer para obter fortuna, deve levar-me ao estabelecimento de laços indissolúveis ou sagrados com o objeto ao qual me alio? Não seria um absurdo sustentar isto, pergunto? Enquanto dura o ato do coito eu posso, sem dúvida, ter necessidade deste objeto para completá-lo, mas logo que me satisfaça, o que restará, diga-me, entre ele e eu? Que obrigação real resultará deste coito que me prenda a mim ou a ele? Estes últimos laços foram os frutos do medo que tiveram os pais de se verem abandonados na velhice, e os cuidados interesseiros que nos dispensam durante nossa infância só nos proporcionam para merecer depois as mesmas atenções, na velhice. Não nos deixemos enganar a este propósito: nós nada devemos aos nossos

pais. E como não foi por nós que trabalharam, é nos permitido não só detestá-los como, mesmo, desfazermos-nos deles se seu procedimento nos irrita. Nós só devemos amá-los quando eles se portam bem para conosco, e essa ternura não deve ser maior do que a que teríamos para com um amigo qualquer, porque os direitos do nascimento não estabelecem nada, não fundamentam coisa alguma. Analisando-os com sabedoria e reflexão nós só encontraríamos, seguramente, razão para odiar aqueles que, só se preocupando com seus prazeres, nos deram uma existência quase sempre desgraçada ou malsã.

Fala-me dos laços do amor, Eugênia? Pudesse você nunca os conhecer! Que um tal sentimento, pelo bem que lhe quero, não se aproxime jamais de seu coração! O que é o amor? Só podemos considerá-lo como o efeito que causam as qualidades de um belo objeto sobre nós; estes efeitos nos transportam, nos inflamam. Se possuímos este objeto, eis-nos contentes; se nos é impossível conseguí-lo nos desesperamos. Mas qual é a base deste sentimento? O desejo. Quais são as conseqüências deste sentimento? A loucura. Firmemo-nos pois no motivo e livremo-nos dos efeitos. O motivo é possuir o objeto? Pois bem, procuremos conseguí-lo, mas com sabedoria. Se o obtemos, gozamos dele. Consolemo-nos, caso contrário; mil outros objetos semelhantes, e muitas vezes melhores, nos consolarão da perda. Todos os homens, todas as mulheres se assemelham, e não existe amor que resista aos efeitos de uma sã reflexão. Oh Como é falsa esta embriaguez que, absorvendo os resultados das sensações, mete-nos num tal estado que nós não enxergamos mais, que não existimos mais senão para este objeto loucamente adorado! É isto, viver?

Não será, antes, uma privação voluntária de todas as doçuras da vida? Não será permanecer, voluntariamente, nas garras duma febre arrasadora que nos devora e nos absorve, sem deixar outra felicidade que os gozos metafísicos tão semelhantes aos efeitos da loucura? Se nós devêssemos amar para sempre este objeto adorável, se fosse certo que nunca viéssemos a abandoná-lo, isto seria já uma extravagância, sem dúvida, mas, pelo menos escusável. É isto que acontece, porém? Há, por acaso muitos exemplos destas ligações eternas, nunca desmentidas? Alguns meses de prazer, recolocando logo o objeto em seu verdadeiro lugar, fazem-nos envergonhar do incenso que queimamos sobre seus altares e, muitas vezes, chegamos a não compreender que ele tivesse nos seduzido a tal ponto.

Oh, jovens voluptuosas, entreguem, pois, seus corpos tanto quanto puderem! Fodam, divirtam-se, eis o essencial. Mas fujam cuidadosamente do amor. Nele não há de bom senão o físico, dizia o naturalista Buffon, e não foi apenas sobre isto que ele refletiu como bom filósofo. Divirtam-se, repito; mas não arpem. Não se escravizem aos seres. Não se extenuem em lamentações, em suspiros, em doces olhares, em escrever suaves bilhetes. Fodam, multipliquem e troquem constantemente de parceiro. Oponham-se, sobretudo, fortemente, a que um só as cative, porque sua única finalidade, ao ligar-se a vocês, será impedi-las de se entregar a outro, egoísmo cruel que se tornará logo fatal para seus prazeres. As mulheres não foram feitas para um só homem: foi para todos que a natureza as criou. Não ouvindo senão esta voz sagrada que elas se entreguem indiferentemente a todos os que as desejem. Putas sempre, jamais amantes; fugindo do amor, adorando o prazer, elas só encontrarão rosas no caminho da existência. Pergunte, Eugênia, pergunte à encantadora mulher que gentilmente se encarregou de sua educação, o que deve fazer com o homem de que já gozou? (Falando baixo de maneira a não ser ouvido por Agostinho). Pergunte-lhe se levantaria uma palha conservar este Agostinho que hoje faz suas delícias? Na hipótese de que o desejassem roubar, ela tomaria um outro e não pensaria mais nele. Logo, cansada de novo, ela o imolaria em dois meses se novos prazeres pudesse conseguir deste sacrifício.

MADAME - Esteja certa, Eugênia, de que Dolmancé revela aqui meu coração, e o de todas as mulheres como se nós lhe tivéssemos aberto inteiramente.

DOLMANCÉ - A última parte de minha análise refere-se aos laços da amizade e do reconhecimento. Respeitemos os primeiros, consinto, enquanto nos são úteis. Conservemos nossos amigos enquanto nos servem, esqueçamo-los desde que não possamos mais tirar proveito deles. É só pensando no próprio bem que devemos amar aos outros; amá-los por eles mesmos não passa de estupidez. A natureza nunca inspirou aos homens movimentos ou sentimentos que

não lhes servissem para alguma coisa; nada é tão egoísta como a natureza, sejamo-lo também se quisermos obedecer suas leis.

Quanto ao reconhecimento, Eugênia, é, sem duvida, o mais fraco de todos os liames. É pensando em nós que os homens procedem de modo a obrigar-nos ao reconhecimento? Não acreditemos, minha cara. É por ostentação, por orgulho. Não é, pois, humilhante tornar-nos o brinquedo do amor próprio dos outros? Não o será ainda mais mostrarmos-nos agradecidos? Nada pesa tanto como favor recebido. Nada de meio-termo; ou o devolvemos, ou ele nos aviltará. As almas valorosas não suportam o peso dum favor; este pesa sobre elas tão violentamente que o único sentimento que elas podem expressar é o de ódio pelo seu benfeitor.

Porém, quais serão, na sua opinião os laços que compensam o isolamento em que nos criou a natureza? Quais os que estabelecem as relações entre os homens? Como os amaremos, se preferimos a nós mesmos? Com que direito aliviaremos seus infortúnios? Onde estará, agora, em nossas almas o berço das belas e inúteis virtudes, da beneficência, da humanidade, da caridade; inscritas no código absurdo de algumas religiões imbecis, que, pregadas por impostores ou por mendigos tiveram, necessariamente, que aconselhar o que podia sustentá-los ou tolerá-los? Ora bem, Eugênia, admite você, ainda, a existência de qualquer coisa sagrada entre os homens? Pode conceber alguma razão para não nos preferir aos outros?

EUGÊNIA - Estas lições, que vêm de encontro ao meu coração, agradam-me demais para que meu espírito as recuse.

MADAME - Elas estão na natureza, Eugênia. A aprovação que você lhes dá prova-o. Como poderiam ser oriundas da corrupção se nascem, espontaneamente, de um espírito ainda virgem?

EUGENIA - Mas, se todos os erros que você preconiza são naturais, por que é que as leis se opõem a eles?

DOLMANCÉ - Porque as leis não são feitas para o particular, mas para o geral, o que as coloca em perpétua contradição com o interesse pessoal, visto que o interesse pessoal está sempre em oposição ao geral. Mas as leis, boas para a sociedade, são péssimas para os indivíduos que a compõem pois, para cada vez que os protejam ou os garantam, elas os escravizam e dominam três quartas partes de sua vida. O homem sábio, desprezando-as, tolera-as, como faz com as serpentes e víboras que, embora firam e envenenem, servem, algumas vezes, à medicina. Ele se defenderá das leis como se defende destes animais venenosos: garantir-se-à com precauções e mistérios, coisas fáceis à riqueza e à prudência. Se sua alma inflamar-se, Eugênia, e a fantasia levá-la a cometer algum crime, fique certa de que poderá cometê-lo em paz diante de nós.

EUGÊNIA - Ah! Esta fantasia já se apossou de meu coração.

MADAME - Que capricho a agita, Eugênia? Diga-nos com toda confiança.

EUGÊNIA, exaltada - Eu queria uma vítima.

MADAME - De que sexo desejaria que ela fosse?

EUGÊNIA, ainda exaltada - Do meu.

DOLMANCÉ - E então, Madame, está contente com a sua aluna? Seus progressos são suficientemente rápidos?

EUGÊNIA, no mesmo estado de espírito - Uma vítima, meu bem, uma vítima! Oh! Meu Deus, isto faria a minha felicidade!

MADAME - E que faria você dela?

EUGÊNIA - Tudo... Tudo... Tudo o que pudesse torná-la a mais desgraçada das criaturas. Oh! meu bem, minha adorada, tenha piedade de mim, não aguento mais!

DOLMANCÉ - Caramba, que imaginação! Venha, Eugênia, você é deliciosa. Venha, quero beijá-la um milhão de vezes! (Retoma-a nos braços). Olhe, Madame, veja como esta libertina goza sem que a toquem, de pura imaginação... Eu enrabarei ainda uma vez, de qualquer maneira.

EUGÊNIA - E em seguida, terei o que peço?

DOLMANCÉ - Sim, maluca, eu respondo por isso.

EUGÊNIA - Eis meu cu, querido, faça dele o que quiser.

DOLMANCÉ - Espere, quero gozar este prazer do modo mais requintado. Agostinho, estenda-se sobre a beira desta cama. Eugênia deitar-se-á em seus braços enquanto eu a

sodomizar. Acariciarei seu clitóris com a soberba cabeça do pau de Agostinho que, para economizar sua porra, fará por não acabar. O querido Cavalheiro, que se masturba silenciosamente enquanto nos ouve, colocar-se-á sobre os ombros de Eugênia, expondo suas belas nádegas aos meus beijos. Eu o masturbarei por baixo e assim, conservando meu engenho no cu de Eugênia, acariciarei dois membros. Madame, depois de ter sido minha mulher, será meu macho. Coloque um de seus consolos, senhora! (Madame abre uma caixinha cheia deles e o nosso herói escolhe o maior). Bem, este, diz o número, tem quatorze polegadas de comprimento e dez de grossura. Amarre-o bem na cintura, Madame. Penetre-me com toda força.

MADAME - Você está louco, Dolmancé, eu vou estropiá-lo.

DOLMANCÉ - Não tenha medo. Empurre, penetre, meu anjo! Não enrabarei sua querida Eugênia senão quando seu enorme membro estiver bem no fundo de meu cu... Chegou, chegou, meu Deus! Ah, você me eleva às nuvens! Não tenha piedade, minha bela. Aviso-a de que vou enrabá-la sem nenhuma preparação... Ah, meu Deus, que lindo rabo!

EUGÊNIA - Você me rasga, meu amigo.. Prepare pelo menos o caminho...

DOLMANCÉ - Não, não o faria nunca. A gente perde a metade do prazer com estes cuidados idiotas. Lembre-se de nossos princípios, Eugênia. Eu trabalho para mim; você será a vítima por um momento, meu anjo. O seu dia chegará... Ah, meu Deus, como ele entra!

EUGÊNIA - Você me mata!

DOLMANCÉ - Porra, estou acabando!

EUGÊNIA - Faça o que quiser, agora. Ele entra! Ai, como eu gozo!

DOLMANCÉ - Como é gostoso esfregar este caralho sobre o grelo duma virgem! Vira-me este rabo, Cavalheiro... Está boa esta punheta libertino? Foda, Madame, foda esta sua puta. Sim, eu sou uma puta, eu quero ser um puta! Acabe Eugênia, acabe, meu anjo. Agostinho, sem querer, enche-me de porra. O Cavalheiro também... Eu mesmo estou a acabar! Não aguento! Eugênia, mexa este rabo, que teu ânus aperte-me o pau. Quero lançar no fundo de suas entranhas esta porra candente que se exala. Eu morro! (Dolmancé se retira. O conjunto se desfaz). Olhe, Madame, veja esta pequena como está coberta de porra. Acaricie seu grelo ainda molhado de esperma: não há nada mais delicioso.

EUGÊNIA, palpitante - Oh, meu bem, como você me faz gozar! Meu amor, eu arfo de lubricidade!

DOLMANCÉ - Cavalheiro, tendo sido escolhido para deflorar esta linda menina, junte-se à sua irmã para fazê-la gozar até que desmaie em seus braços. Mas que o faça de maneira a apresentar-me o rabo; quero Mê-lo enquanto Agostinho me enraba.

MIRVEL - Está bem, assim, nesta posição?

DOLMANCÉ - Levante o cu um pouco, meu amor. Assim ... Quer que o prepare, Cavalheiro?

MIRVEL - Como quiser. Só quero gozar esta deliciosa garota. (Beija-a e masturba-a, enfiando-lhe um dedo na boceta, enquanto Madame ajuda-o, titilando o clitóris de Eugênia).

DOLMANCÉ - Pois eu, meu caro, sinto muito mais prazer com você, esteja seguro, do que com Eugênia. Há tanta diferença entre o cu de um rapaz e o de uma garota!... Enrabe-me, Agostinho! Que é que está esperando?

AGOSTINHO - Como? O senhor quer que meu pau, depois de regar a pombinha desta beleza, fique duro diante de seu cu? Se ele ao menos fosse tão bonito como essa babaquinha...

DOLMANCÉ - Imbecil! Para que queixar-se? Assim é a natureza: cada um reza a seu santo. Vamos, penetre-me, Agostinho! Quando você tiver mais experiência me dirá então se os cus não valem tanto como as bocetas... Eugênia, devolva ao Cavalheiro o que lhe deve. Você só se ocupa de si mesma, minha libertina, e tem razão; mas, no interesse de seus próprios prazeres, masturbe-o. Ele vai colher suas primícias.

EUGÊNIA -Pois bem, eu o masturbarei, beijarei... Perco a cabeça... Ai, ai, meus amigos, eu não aguento mais, tenham pena de mim. Eu morro, eu acabo! Meu Deus, estou fora de mim!

DOLMANCÉ - Quanto a mim, sei o que faço. Só queria me entesar neste belo cu; guardo para Madame de Saint-Ange a porra que acumulei. Nada me diverte tanto como começar num cu a operação que terminarei em outro. Então, Cavalheiro, estamos prontos? Vamos ou não descabaçá-la?

EUGÊNIA - Oh céus! Não quero ser desvirginada por ele. Eu morreria. Seu pau é menor, Dolmancé; que seja a você que eu deva esta operação.

DOLMANCÉ - Não é possível, meu anjo. Nunca penetrei uma boceta em minha vida e, não será na minha idade que vá começar. Suas primícias pertencerão ao Cavalheiro, só ele é digno, aqui, de colhê-las. Não lhe roubemos seus direitos.

MADAME - Recusar um cabaço... Tão fresco, tão lindo... Desafio quem diga que Eugênia não é a mais linda menina de Paris. Dolmancé, eis o que se pode chamar de excessivo apego a princípios!

DOLMANCÉ - Nem tanto, Madame, pois muitos de meus iguais não chegariam nunca a enrabá-la. Eu já o fiz e o repetirei. Isto não é ser fanático.

MADAME - Vamos, então, a isto, Cavalheiro. Mas preparei-a antes, veja como é pequeno o estreito que vai atravessar. Não há nenhuma proporção entre o conteúdo e o continente.

EUGÊNIA - Morro! É inevitável... Mas o ardente desejo de ser fodida me faz arriscar tudo sem nada temer. Penetre, meu caro, abandono-me a você.

MIRVEL, segurando o pau, que vibra - Sim Porra! Vou fisgá-la. Minha irmã... Dolmancé, abram-lhe as pemas. Meu Deus, que aventura! Sim, sim, fosse ela rasgada, estraçalhada... É preciso, afinal, que ela passe por isso.

EUGÊNIA - Devagar, meu bem, devagar, eu não aguento... (Ela grita, as lágrimas correm-lhe pelas faces). Socorro, minha amiga! (Ela se debate). Não, não; não quero que ele entre. Pedirei socorro se você continuar!

MIRVEL - Grite quanto quiser, canalhinha! Ele entraria mesmo que você tivesse que morrer mil vezes.

EUGÊNIA - Que bárbaros!

DOLMANCÉ - Porra, ninguém pode ser delicado quando fode!

MIRVEL - Segurem-na! Já vai indo... Já vai indo... Porra! Foi para o diabo este cabaço. Olhem o sangue como corre.

EUGÊNIA - Bandido... Carniceiro... Estraçalhe-me agora se quiser, pouco me importo. Beije-me, carrasco, beije-me; eu o adoro... Ah, não se sente mais nada quando ele entra, passam todas as dores. Desgraçadas das jovens que se defendem dum tal ataque! Quantos prazeres elas perdem por recear uma dorzinha atoa... Enfie, enfie, Cavalheiro; eu acabo, regue com sua porra as feridas que me abriu. Empurre até a matriz! Ah! A dor cede ao prazer... Eu desfaleço! (O Cavalheiro esporra. Durante este tempo Dolmancé acariciou-lhe o cu e os culhões, e Madame de Saint-Ange titilou o grelo de Eugênia. A postura se desfaz).

DOLMANCÉ - Eu acho que, enquanto o caminho estiver aberto, esta pandega deve ser fodida por Agostinho.

EUGÊNIA - Por Agostinho... Um caralho daquele tamanho... Assim em seguida... Vocês me querem matar? Eu ainda sangro.

MADAME - Meu amor... Beije-me, tenho pena de você... Mas a sentença foi dada e não tem apelo. Não fuja, coração!

AGOSTINHO - Já estou pronto. Eu viria de Roma a pé para foder esta menina.

MIRVEL, empunhando o enorme membro de Agostinho - Veja, Eugênia, como ele se agita, como é digno de me substituir.

EUGENIA - Justos céus, que sentença! Vocês querem me matar...

AGOSTINHO, agarrando Eugênia - Não, senhorita, isto nunca matou ninguém

DOLMANCÉ - Um momento, meu filho, um momento. Quero ver-lhe o cu enquanto você a fode. Assim! Aproxime-se, Madame, prometi que a enrabaria e mantenho a palavra. Mas coloque-se de maneira que, ao fodê-la, eu possa fustigar Eugênia. Por seu lado, que o Cavalheiro me açoite enquanto isso. (Arranjam-se).

EUGÊNIA - Porra, ele me mata! Devagar, seu filho da puta. Ai como penetra... Foi até o fundo... Eu morro! Dolmancé, como você me bate... Eu ardo dos dois lados. Você me deixa o rabo em fogo.

DOLMANCÉ, fustigando com força - Tome, tome, canalha! Você gozará com mais delícia.

Que bela punheta você lhe faz Saint-Ange, como este dedo ligeiro deve suavizar as dores que

Agostinho e eu lhe causamos! Seu cu se aperta, Madame, vamos acabar juntos... Ah, que divino é estar assim entre o irmão e a irmã!

MADAME - Foda, meu sol, foda! nunca tive tanto prazer!

MIRVEL - Troquemos de lugar, Dolmancé. Passe depressa do cu de minha irmã para o de Eugênia para fazê-la conhecer o prazer da troca. Eu enrabarei minha irmã que, enquanto isso, oferecerá o rabo aos chicotes, até sair sangue, como você fez com Eugênia.

DOLMANCÉ, obedecendo - Está bem... veja, meu amigo, pode-se lá fazer uma troca mais rápida?

EUGÊNIA - Os dois em cima de mim? Não sei mais quem me fode... Já bastava esse filho da puta! Ah, quanto me vai custar este duplo gozo! Estou toda molhada! Se não fosse isso já estaria morta... E então, querida, você me imita! Como ala pragueja esta canalha.. Acabe, Dolmancé, acabe, meu amor... Este Agostinho me inunda... Meu licor se mistura aos vossos. Ah, meus caros fornicadores... Os dois juntos? Que é isso? Estou arrasada! (A postura se desfaz). Então, minha cara, está contente com sua aluna? Já sou bastante puta? Vocês me puseram num estado... Numa agitação... Eu lhes juro que, numa embriaguez como esta eu iria, se fosse preciso, fazer-me foder no meio das ruas!

DOLMANCÉ - Como ela está linda assim...

EUGÊNIA - Detesto-o, você me recusou!

DOLMANCÉ - Poderia eu contrariar meus dogmas?

EUGÊNIA - Está bem, eu o perlou-o. Devo respeitar até os princípios que conduzem ao erro. Como poderia repudiá-los se desejo viver no crime? Sentemo-nos e conversemos um pouco; não aguento mais. Continue minha instrução, Dolmancé e diga-me alguma coisa que me console dos excessos a que me entreguei. Extinga-me os remorsos, encoraje-me!

MADAME - Perfeito, é preciso que um pouco de teoria suceda à prática. É o processo para chegar à perfeição.

DOLMANCÉ - Pois bem, Eugênia, sobre que quer você que eu a entretenha?

EUGÊNIA - Queria saber se os costumes são de fato necessários num país, se sua influência pesa sobre o gênio de uma nação?

DOLMANCÉ - Ótimo, ao sair hoje de manhã, comprei no Palácio da Igualdade uma brochura que, ao acreditar-se no título, responde exatamente a sua pergunta. Acaba de vir à luz.

MADAME - Vejamos! (Ele lê: "Franceses, mais um esforço se quereis ser republicanos")... Eis um título singular; ele promete. Cavalheiro, você que possui uma boa garganta, leia isto.

DOLMANCÉ - Ou estou muito enganado, ou isto responde perfeitamente à pergunta de Eugênia.

EUGÊNIA - De fato.

MADAME - Vá-se embora, Agostinho, isto não foi feito para você. Fique por perto, no entanto. Se precisarmos de você, tocarei a campainha.

MIRVEL - Começo.

"Franceses, mais - um esforço se quereis ser republicanos".

A RELIGIÃO

Eu venho vos oferecer grandes idéias; elas serão ouvidas e sobre elas se refletirá. Ainda que todas não agradem, algumas, ao menos, ficarão e eu terei contribuído para o progresso humano e estarei contente. Não o escondo; é com tristeza que vejo a lentidão com que caminhamos, e com inquietude percebo que estamos na véspera de fracassar mais uma vez. Pensam que este fim será atingido quando nos tiverem dado leis ideais? Não o acrediteis. Que faríamos nós das leis sem a religião? Precisamos de um culto, e de um culto feito para o caráter de um republicano; porém bem diferente daquele que houve em Roma. Num século em que estamos tão convencidos de que a religião deve se apoiar sobre a moral e não a moral sobre a religião, precisamos de uma religião que se eleve sobre os costumes, que seja um desenvolvimento seu, uma consequência necessária e que possa, elevando a alma, sustentá-la perpetuamente à altura desta liberdade preciosa que é hoje seu único ídolo. ora, eu vos pergunto se é possível supor que a religião de um escravo de Tito ou de um vil histrião da Judéia possa convir a uma nação livre e guerreira que acaba de se regenerar? Não, meus compatriotas, não, vós não o acreditais. Se desgraçadamente, o francês mergulhasse ainda uma vez nas trevas do cristianismo, o orgulho, a tirania, o despotismo dos padres, de um lado, - vícios aliás sempre renovados nesta horda impura - e a baixeza, as insignificâncias, as chatices dos dogmas e dos mistérios desta indigna e enganosa religião, de outro, embotando a energia de sua alma republicana levá-lo-iam, imediatamente, a submeter-se de novo ao jugo que sua energia acaba de quebrar.

Não nos esqueçamos que essa pueril religião era uma das melhores armas nas mãos de nossos tiranos: um de seus primeiros dogmas era: "Dar a César o que é de César"; mas nós destronamos César e não queremos mais dar-lhe coisa alguma. Franceses, seria vã presunção acreditar que espírito de um clero juramentado fosse diverso do de um clero refratário. Há vícios de constituição que não se corrigem. Em menos de dez anos, através da religião cristã, de sua superstição, de seus preconceitos, vossos padres, a despeito dos juramentos, a despeito da pobreza, retomariam sobre as almas o antigo domínio; eles vos escravizariam de novo aos reis, pois que o poder dos reis e o da religião são uma e mesma coisa e, então, vosso edifício republicano se desmoronaria por falta de bases.

Ó vós que empunhais a foice, desferi o golpe de misericórdia na árvore da superstição; não vos contenteis com podar os ramos, desenraizai de uma vez uma planta cujos efeitos são tão contagiosos. Convençei-vos perfeitamente de que vosso sistema de liberdade e de igualdade contraria demasiado os ministros dos altares de Cristo, para que possa existir um só deles que o adote de boa fé ou não procure abalá-lo se consegue readquirir qualquer domínio sobre as consciências. Qual o padre que, comparando o estado atual com o que gozava antigamente, não fará tudo o que de si depender para recobrar a confiança e autoridade perdidas? E quantos seres fracos e pusilânimes não se tornarão novamente escravos desse coroinha ambicioso? Por que não imaginar que tais inconvenientes não podem renascer? Na infância da igreja cristã os padres não estavam exatamente na situação em que hoje estão? Vós vistes até onde chegaram. Quem, entretanto, os conduziu até lá? Não teriam sido os meios que a sua própria religião lhes fornece? Cara, se vós não proibis absolutamente esta religião, os que a pregam, dispendo sempre dos mesmos meios, atingirão sem dificuldade os mesmos resultados.

Aniquilai pois para sempre tudo o que pode destruir um dia vossa obra. Lembrei-vos que o fruto de vossos trabalhos, estando reservados para vossos netos, é de vosso, dever, depende de vossa probidade, não deixar subsistir esses germes perigosos que poderia fazê-los mergulhar de novo no caos do qual com tanto esforço saímos. Já começam a se dissipar nossos preconceitos, o povo começa a abjurar os abusos católicos; ele próprio suprimiu os templos e ídolos. Convencionou-se que o casamento não é mais do que um ato civil, os confessionários quebrados alimentam as ladeiras públicas; os pretensos fiéis, desertando do banquete apostólico,

deixam para os ratos os deuses de farinha. Não pareis, francêses. Toda a Europa, já com uma das mãos na

venda que lhe cerra os olhos, espera de vós que a ajudeis a arrancá-la. Apressai-vos: não deixais que a "Santa Roma", que se agita em todos os sentidos para reprimir vossa energia, tenha tempo sequer para conservar alguns prosélitos. Golpeai decididamente sua cabeça orgulhosa e vivaz e que, em menos de dois meses, a árvore da liberdade, sombreando os destroços do trono de São Pedro, cubra com seus ramos vitoriosos todos esses desprezíveis ídolos do cristianismo, elevados, vergonhosamente, sobre as cinzas dos Catões e dos Brutos.

Eu vos repito, francêses: a Europa espera que vós a liberteis uma só vez, do cetro e do turbúlo. Lembrai-vos de que lhes é impossível livrá-la da tirania real sem que a façais quebrar, ao mesmo tempo, os freios da superstição religiosa; os liames que as unem são tão íntimos que, se deixardes subsistir uma delas, vós recaireis imediatamente sobre o domínio da que negligenciardes de destruir. Não é diante de um ser imaginário ou de um vil impostor que um republicano deve se inclinar; seus únicos deuses devem ser agora a "coragem" e a "liberdade". Roma desapareceu desde que lá se pregou o cristianismo e a França estará perdida se aqui o reverenciam ainda. Examinemos com atenção os dogmas absurdos, os mistérios assustadores, as cerimônias monstruosas, a moral impossível dessa desagradável religião e ver-se-á se ela pode convir a uma República. Podeis acreditar, de boa fé, que eu me deixasse dominar pela opinião de um homem que eu acabasse de ver aos pés de um imbecil sacerdote de Jesus? Não, absolutamente; esse homem, irremediavelmente vil, estará sempre ligado às atrocidades do antigo regime e, desde que se submete às cretinices de uma religião tão vulgar como a que tínhamos a loucura de aceitar, não poderá mais, nem me ditar leis nem me esclarecer. Não o vejo senão como um escravo dos preconceitos e da superstição.

Para nos convenceremos desta verdade lancemos os olhos sobre o pequeno número de indivíduos que permanecem fiéis ao culto insensato de nossos pais, e veremos então se são todos eles inimigos irreconciliáveis do atual sistema; veremos se não é em seu seio que se enumera toda esta casta, justamente desprezada, dos realistas e aristocratas. Que o escravo de um bandido coroadado se dobre, se deseja, aos pés de um ídolo de barro; um tal objeto é feito para sua alma de lama: quem pode servir aos reis pode adorar aos deuses. Mas nós, Franceses, nós, meus compatriotas, humilharmo-nos rasteiramente sob freios tão desprezíveis! Não! Antes morrer mil vezes do que nos escravizar de novo. Se acharmos que é necessário um culto, imitemos o dos romanos: as ações, as paixões, os heróis, eis os seus respeitáveis objetos. Tais ídolos elevaram a alma, eletrizavam-na. Faziam mais, comunicavam-lhe as virtudes dos seres respeitados. O adorador de Minerva desejava ser prudente. A coragem residia no coração daquele que era visto ajoelhar-se aos pés de Marte. Nenhum dos deuses desses grandes homens era privado de energia; todos transmitiam o fogo que os abrasava à alma de quem os venerava. E como havia a esperança de ser um dia adorado como um Deus, cada um aspirava tomar-se, pelo menos, tão grande como aquele que tomava por modelo. Que vemos, pelo contrário, nos deuses vãos do cristianismo? Que vos oferece, pergunto vos, esta religião imbecil¹? O vulgar impostor de Nazaré faz nascer, porventura, grandes ideais? Sua vil e enfadonha mãe, a impudica Maria, vos inspira alguma virtude? Encontrais entre os santos, que guarnecem seu Eliseu, algum modelo de grandeza, de heroísmo ou de virtude? É tão verdadeiro que esta estúpida religião não se harmoniza com as grandes idéias que nenhum artista pode empregar seus atributos nos momentos que eleva. Na própria Roma a maioria dos enfeites e ornamentos do Palácio dos papas inspira-se no paganismo, e, enquanto o mundo subsistir, só ele ilumina a mente dos grandes homens.

(1) Se alguém examinar com atenção esta religião, verificará que suas características originam se, em parte, da ferocidade e da inocência dos judeus e, em parte, da indiferença e da confusão dos gênios. Em lugar de se apropriar do que os povos da antiguidade podem oferecer de bom, os aparecem haver formado sua religião da mistura dos vícios que em toda parte encontraram

Seria, por outro lado, no teísmo puro, que nós viríamos a encontrar mais motivos de grandeza e elevação? Será que a adoção de uma quimera, dando à nossa alma esse grau de

energia essencial às virtudes republicanas, levará o homem a desejá-las e a praticá-las? Não o acreditemos; abandonemos este fantasma e, presentemente, o ateísmo é o único sistema daqueles que sabem raciocinar. A medida em que o homem se foi esclarecendo, começou a perceber que o movimento, sendo inerente à matéria, o agente necessário deste movimento não passaria de um ser ilusório e que, se tudo que existia devesse, por essência, estar em movimento, o motor inicial seria inútil. Sentiu, também, o homem, que este Deus quimérico, prudentemente inventado pelos primeiros legisladores, não passava entre suas mãos de mais um meio para aprisioná-lo e que, reservando-se o direito de fazer falar este fantasma saberiam sempre fazê-lo dizer unicamente aquilo que lhes conviesse, em apoio das leis ridículas que nos escravizavam. Licurgo, Numa, Moisés, Jesus Cristo, Maomé, todos estes grandes patifes, todos estes déspotas de nossas idéias, souberam associar as divindades que fabricavam à própria e desmesurada ambição e, certos de dominar os povos com a sanção destes deuses tiveram, como sabemos, a constante preocupação de só interrogá-los na ocasião própria e de fazê-los responder exclusivamente o que julgassem poder servi-los.

Confundamos, pois, hoje, no mesmo desprezo, não só o Deus vão que certos impostores pregam, como todas as sutilezas religiosas que decorrem de sua ridícula adoção. Os homens livres não se deixam mais embair com brinquedos como este. Que a extinção total dos cultos conste pois dos princípios que propagamos por toda a Europa. Não nos contentemos em quebrar os cetros; pulverizemos para sempre os ídolos. Entre a superstição e a realeza só houve, sempre, um passo¹. Isto tem sido assim, pois uma das principais cláusulas da sagração dos reis foi, sempre, a manutenção da religião dominante como uma das bases políticas para a sustentação do trono. Mas já que abatemos este trono, já que o destruímos, felizmente, para sempre, não receiemos extirpar também tudo aquilo que constituía seu apoio.

1 Acompanhai a história de todos os povos: vós vereis que nunca nenhum deles trocou o primitivo governo por um governo monárquico senão em conseqüência do próprio embrutecimento ou superstição vereis sempre os reis apoiarem a religião e a religião sangrar os reis. E conhecida a história do intendente e do cozinheiro: Passai-me a pimenta, que eu lhe passarei a manteiga. Desgraçado gênero humano, estareis sempre destinado a ocupar o lugar do patrão destes velhacos.

Sim, cidadão, a religião é incoerente com o sistema da liberdade, vós já o percebeste. Nunca um homem livre se curvará diante dos deuses do cristianismo, nunca os seus dogmas, seus ritos, seus mistérios ou sua moral convirão a um republicano. Ainda um esforço! Se é que trabalhais para destruir todos os preconceitos, não deixes que subsista nenhum, pois que basta um só para fazer retomar todos. E como poderíamos ter dúvidas sobre seu retomo se aquele que deixais viver é, positivamente, o berço, a origem, de todos os outros!

Deixemos de acreditar que a religião possa ser útil ao homem. Tenhamos boas leis e poderemos dispensar, perfeitamente, a religião. Mas, e se fôr necessária uma para o povo; se ela o distrai e o contém? Ora bem; dêem-nos neste caso a única que convêm a homens livres, dêem-nos os deuses do paganismo. Adoraremos de boa vontade Júpiter, Hércules ou Palas, mas não queremos mais saber do fabuloso autor dum universo que se move a si mesmo, não queremos mais saber de um Deus sem extensão e que, entretanto, enche tudo com sua imensidade, dum Deus todo poderoso e que nunca executa os seus desejos, dum ser soberanamente bom que só cria a descontentes, dum ser amigo da ordem e em cujo domínio tudo é desordem. Não, não mais queremos um Deus que desorganiza e que é o pai da confusão, e que conduz o homem mesmo quando este pratica horrores. Um Deus como este faz-nos tremer de indignação e nós deixamos para sempre no esquecimento donde o infame Robespierre quis tirá-lo²

(2) Todas as religiões coincidem no exaltar a sabedoria e o poder da divindade, mas desde o momento que elas nos expõem sua conduta nós só encontramos nela a imprudência a fraqueza e loucura. Deus, diz-se, criou o mundo por ai mesmo e, entretanto até agora não conseguiu fazer-se adorar convenientemente por suas criaturas Deus nos faz adorá-lo e nós passamos os dias a nos rir dele. afinal que pobre coitado que é este Deus...

Francêses, substituamos este indigno fantasma pelas imponentes figuras que fizeram de Roma a dominadora do universo; tratemos todos os ídolos cristãos como fizemos com os dos reis. Nós recolocamos os emblemas da liberdade sobre as bases que sustinham antigamente os tiranos; reergamos igualmente a efígie dos grandes homens sobre os pedestais destes vadios que o cristianismo adora.³ Cessemos de temer os efeitos do ateísmo em nossas mulheres. Os próprios camponeses não sentiram a necessidade de aniquilar o culto católico, tão contraditório com os verdadeiros princípios da liberdade? Não assistiram eles, sem nenhum medo ou dor, a destruição de seus altares e presbitérios? Podeis acreditar que eles renunciarão igualmente a este Deus ridículo. As estátuas de Marte, de Minerva e da Liberdade serão colocadas nos lugares de destaque de suas habitações. Celebrar-se-à todos os anos uma festa e, nela, será entregue uma coroa cívica ao cidadão que mais tiver merecido o reconhecimento da pátria. A entrada de um bosque solitário, Vênus, Hímen e o Amor, erguidos sob um templo agreste, receberão a homenagem dos amantes; ali a beleza coroará a constância pela mão das graças. Não será suficiente apenas amar para merecer esta coroa, será preciso ter sabido ser digno de ser amado. Heroísmo, talento, humanidade, grandeza de alma, um civismo a toda prova, eis os títulos que o amante será obrigado a colocar aos pés de sua adorada. Ele valerão pelos títulos do nascimento e da riqueza que um orgulho imbecil exigia antigamente. Pelo menos algumas virtudes brotarão deste culto enquanto que apenas crimes surgem daquele que tivemos a fraqueza de praticar. Ele se aliará com a liberdade que servimos, ele a animará, sustentá-la-á, abrazá-la-á, ao passo que o teísmo é, pela sua essência e natureza, o mais mortal dos inimigos da liberdade

(3) tratam-se aqui, daqueles homens cuja reputação é reconhecida desde muito tempo.

Correu por acaso, uma só gota de sangue quando os ídolos pagãos foram destruídos no Baixo-Império? A revolução preparada pela estupidez dum povo tomado novamente escravo operou-se sem o menor obstáculo. Como poderemos temer que a obra da filosofia seja mais difícil que a do despotismo? São apenas os padres que mantêm ainda aos pés de seu quimérico Deus este povo que vós tendes tanto medo de esclarecer. Afastai-o deles e o véu tombará naturalmente. Acreditai que este povo, muito mais sábio do que pensais, libertado dos ferros da tirania, sê-lo-á imediatamente dos da superstição. Vós o temeis sem este freio? Que extravagância! Ah, acreditai-me, cidadãos; aquele que o gládio material das leis não retêm, não cera retido pelo medo moral dos suplícios do infamo, de que se mofa desde a infância. Vosso teísmo, em uma palavra, fez cometer muitos crimes mas não impediu nenhum, jamais. Se é verdade que as paixões cegam, que elas fazem erguer-se um véu sobre nossos olhos, que nos escondem os perigos de que se cercam, como poderemos supor que aquilo que está longe de nós, como as punições anunciadas pelo vosso Deus, possa dissipar esta nuvem que o próprio gládio da lei, sempre suspenso sobre as paixões, não consegue desfazer? Se fica pois provado que este freio suplementar, imposto pela idéia de um Deus, resulta inútil, se está demonstrado que ele é mesmo perigoso pelos seus outros efeitos, eu pergunto: para que poderá ele servir e que razões poderiam valer para prolongar-lhe a existência? Dir-me-ão que o tempo não está ainda maduro para que consolidemos nossa revolução com tal brilho. Ah, meus concidadãos; o caminho que percorremos desde 89 foi muito mais difícil do que o que nos resta completar e nós precisaremos trabalhar muito menos a opinião, neste sentido, do que fizemos naquele período, desde a tomada da Bastilha. Acreditemos que um povo, bastante sábio, bastante corajoso para conduzir um monarca imprudente do cume de suas grandezas aos pés do cadafalso, que em tão poucos anos soube vencer tantos preconceitos, quebrar tantos freios ridículos, sê-lo-à bastante para imolar à prosperidade da república um fantasma muito mais ilusório ainda do que poderia ser o de um rei.

Frangi, vós desferireis os primeiro golpes: vossa educação nacional fará o resto. Mas trabalhai prontamente, esta é uma de vossas tarefas mais importantes. Que ela tenha sobretudo por base esta moral essencial, tão negligenciada na educação religiosa. Substitui as imbecilidades teístas, com que fatigais os jovens órgãos de vossas crianças, por excelentes princípios sociais. Que, em lugar de aprender a recitar preces fúteis, que se orgulharão de ter

esquecido, aos dezesseis anos, elas estejam instruídas em seus deveres para com a sociedade. Ensinai-lhes a admirar aquelas virtudes de que lhes faláveis antigamente e que, dispensando vossas fábulas religiosas, bastam-lhe para sua felicidade pessoal. Fazei que eles percebam que esta felicidade consiste em fazer

os outros tão felizes quanto nós mesmos desejamos ser. Se assentais estas verdades sobre essa quimera cristã, como antigamente tínheis a loucura, de fazer, vossos alunos se apercebendo da futilidade das bases, botarão abaixo o edifício todo e se tonarão verdadeiros celerados somente por acreditar que a religião os proibia de sê-lo. Fazendo-os sentir, ao contrário, a necessidade da virtude, unicamente porque a sua própria felicidade depende dela, eles serão honestos por egoísmo e, como este domina todos os homens, ela estará assentada em bases solidíssimas. Que se evite, pois, com o maior cuidado, misturar qualquer fábula religiosa a esta educação nacional. Não esqueçamos nunca que são homens livres que desejamos formar e não vis admiradores de um Deus qualquer. Que um filósofo simples instrua estes novos alunos sobre a sublime incognoscibilidade da natureza; que ele lhes prove que o conhecimento de um Deus, muitas vezes perigoso aos homens, nunca serviu à sua felicidade e que eles não serão mais felizes, admitindo como causa do que não compreendem, algo que eles compreendem ainda menos; que é muito menos importante compreende a natureza do que respeitar-lhes as leis e saber utilizá-las a seu favor; que estas leis são tão sábias quanto simples; que estão inscritas no coração de todos os homens e que basta interrogar este coração para perceber-lhes o sentido. Se eles desejarem, de qualquer maneira, que vós faleis de um criador, respondi-lhes que, tendo sido as coisas sempre aquilo que são, não tendo nunca tido começo e não devendo jamais ter fim, é tão inútil quando impossível ao homem remontar a uma origem imaginária, que nada explicaria e nada acrescentaria. Dizei-lhes que é impossível aos homens terem idéias verdadeiras sobre um ser que não age sobre nenhum de nossos sentidos.

Todas nossas idéias são representações de objeto que nos impressionam. Como poderemos representar a idéia de Deus, que, evidentemente, é uma idéia sem objeto? Uma tal idéia, ajuntai, não será tão impossível como um efeito sem causa?

Uma idéia sem protótipo pode ser outra coisa que uma simples quimera? Alguns doutores, continuareis, asseguram que a idéia de Deus é inata e que os homens já a possuem no ventre materno. Mas isto é falso, ajuntareis. Todo princípio é um juízo, todo juízo é o efeito de uma experiência e a experiência só se adquire exercitando os sentidos; donde se segue que os princípios religiosos não se fumam sobre nada e, portanto, não são inatos. Como se pode, continuareis, persuadir a seres razoáveis que a coisa mais difícil a compreender era a mais essencial para eles? É que os aterrorizaram, é que, quando se tem medo cessa-se de raciocinar; é que, quando chega a ser recomendado que se desconfie da razão e quando o cérebro é perturbado, crê-se em tudo e não se examine nada. A ignorância e o medo, dir-lhes-ei ainda, eis as duas bases de todas as religiões. A incerteza que domina o homem relativamente a Deus, eis precisamente o motivo que o prende à sua religião. Nas trevas o homem tem medo, tanto física quando moralmente; torna-se habitual e transforma-se, mesmo, em necessidade: ele acreditará faltar alguma coisa se não tiver mais nada a esperar ou a temer; retomai, em seguida, à utilidade da moral: forneci-lhes sobre este importante assunto mais exemplos que lições, mais provas que livros, e deles fareis bons cidadãos, bons guerreiros, bons pais e bons esposos; fareis deles homens tanto mais ligados à liberdade do próprio país quanto a idéia de servidão não poderá mais apresentar-se ao seu espírito, quando o terror religioso não perturbará seu gênio. Então, o verdadeiro patriotismo brilhará em todas as almas; reinará aí com toda sua força e com toda sua pureza, porque será o único sentimento dominante e nenhuma idéia estranha diminuir-lhe-à a energia. Então vossa Segunda geração estará garantida e vossa obra, consolidada por ela, tornar-se-á a lei do universo. Mas, se por medo ou pusilanimidade estes conselhos não forem ouvidos e se deixar subsistir as bases do edifício que se acredita ter destruído, que acontecerá? Reconstruir-se-á sobre estas bases e, sobre elas, se erguerão os mesmos colossos com a cruel diferença que, desta vez, eles serão cimentados tão fortemente que nem a vossa geração, nem as que a seguirem, conseguirão jamais destruí-los.

Que não se tenham dúvidas sobre serem as religiões a base do despotismo. O primeiro déspota foi um padre; o primeiro rei e o primeiro imperador de Roma, Numa e Augusto, associaram-se ambos ao sacerdócio; Constantino e Clóvis foram mais bispos que soberanos; Heliogábalo foi um sacerdote devasso. Em todos os tempos, em todos os séculos houve, entre o despotismo e a religião, uma tal conexão que fica mais que demonstrado que, ao destruir-se um, solapa-se o outro, pela simples razão de que o primeiro servirá sempre de lei ao segundo. Não proponho, entretanto, nem massacres, nem deportações; estes horrores estão bem longe de minha alma para que os ouse conceber sequer um minuto. Não, não assassinarei, não deportarei. Estas atrocidades, são próprias dos reis e dos celerados que os incitaram. Não será imitando-os que vós fareis que eles sejam execrados; não empregueis a força senão com os ídolos; usai o ridículo com que os servem. Os sarcasmos de Juliano fizeram mais mal à religião cristã que todos os suplícios de Nero. Sim, destruamos, destruamos para sempre toda idéia de Deus e transformemos seus sacerdotes em soldados; já alguns o são, e que permaneçam nesta ocupação tão nobre para um republicano. Mas que eles não nos falem mais nem desse ser quimérico nem de sua religião fabulosa, único objeto de nosso desprezo. Condenemos a ser vaiado, ridicularizado, coberto de lama em todas as esquinas das maiores cidades da França, o primeiro abençoado charlatão que nos vier falar ainda de Deus ou de religião: prisão perpétua será a pena para aquele que cair duas vezes no mesmo erro. Que as mais insultuosas blasfêmias, os livros mais ateus, sejam plenamente autorizados, afim de extirpar do coração e da memória dos homens estes temíveis brinquedos de nossa infância. Que se organize um concurso para a obra mais capaz de esclarecer os europeus sobre uma matéria tão importante e que um prêmio considerável, conferido pela nação, seja a recompensa daquele que, tendo dito tudo, tudo demonstrado sobre esta matéria, não deixe mais nada para seus compatriotas que uma foice para aniquilar estes fantasmas e um coração pronto a odiá-los. Em seis meses tudo estará acabado; vosso infame Deus estará no nada e isto sem que deixemos de ser justos, ciumentos da estima alheia; sem que deixemos de temer o gládio das leis e de sermos honestos. Porque nos teremos apercebido de que o verdadeiro amigo da pátria não deve, como escravo dos reis, deixar-se conduzir por quimeras. Pois que não é, afinal, nem a frívola esperança de um mundo melhor, nem o receio de maiores males do que aqueles que nos envia a natureza, que devem conduzir um republicano, cujo único guia é a virtude, cujo único freio é o remorso.

OS COSTUMES

Depois de haver demonstrado que o teísmo não convém, absolutamente, a um governo republicano, parece-me necessário provar, também, que os costumes francêss não lhe são, igualmente, convenientes. Este ponto é tanto mais essencial quanto são, exatamente, os costumes, que vão servir de motivo para as leis a serem promulgadas.

Franceses, vós sois demasiadamente esclarecidos para que não sintais que um governo vai precisar de novos costumes. É impossível que o cidadão dum Estado livre se conduza como o escravo de um déspota. A diferença de seus interesses, de seus deveres, de suas mútuas relações, determinam, essencialmente, uma maneira completamente diversa de se comportar. Uma multidão de pequenos erros, de pequenos delitos sociais, considerados como extremamente importantes sob o governo dos reis, obrigados a impor freios e restrições para se fazerem respeitar pelos súditos, torna-se inútil aqui. Outros delitos, conhecidos sob o nome de regicídio ou de sacrilégio, devem, igualmente, desaparecer num Estado republicano, que não reconhece mais nem rei nem religião. Ao conceber a liberdade de consciência e de imprensa, lembrai-vos, cidadãos, que para sermos coerentes deveríamos conceber, igualmente, a de agir, e que, afinal, excluídos aqueles que afetam diretamente as próprias bases do Estado, restar-vos-á bem poucos crimes para punir. Porque, de fato, há pouquíssimas ações que possam ser consideradas criminosas numa sociedade que se erga sobre a liberdade e a igualdade. Pensando e examinando bem as coisas, não é criminoso senão aquilo que a lei reprova, porque a natureza impondo-nos igualmente os vícios e as virtudes, em razão de nossa organização ou, mais filosoficamente ainda, em razão da necessidade que ela tem de um e de outro, só nos daria um critério muito pouco seguro para distinguirmos com precisão o bem do mal. Mas, para melhor desenvolver minhas idéias sobre um objeto tão essencial, vamos classificar as diferentes ações da vida do homem que até aqui se tinha convencionado chamar de criminosas e as compararemos, em seguida, com os verdadeiros deveres de um republicano. Em todos os tempos os deveres do homem foram classificados das três seguintes e diversas maneiras:

- 1º) Aqueles que sua consciência e sua credulidade lhe impõem relativamente ao Ser Supremo;
- 2º) Aqueles que ele é obrigado a cumprir relativamente a seus irmãos;
- 3º) Enfim, aqueles que se relacionam consigo mesmo.

A certeza que devemos ter de que nenhum Deus se preocupa conosco e que, criaturas fracas da natureza, como as plantas e os animais, nós só estamos aqui porque seria simplesmente impossível que aqui não estivéssemos; esta certeza, sem dúvida, aniquila, como se vê, imediatamente, a primeira parte desses deveres: aqueles em relação aos quais nos julgamos responsáveis em face de Deus. Com eles desapareceram todos os delitos religiosos, todos os conhecidos sob a designação vaga e indefinida de impiedade, de sacrilégio, de blasfêmia, de ateísmo, etc., todos esses, enfim, que Atenas puniu com tanta injustiça em Alcebíades e a França no infelizmente La Barre. Se há algo de extravagante do mundo é ver-se que os homens que só conhecem seu próprio Deus, ou o que ele possa exigir, segundo suas limitadas vistas, querem, entretanto, decidir sobre a natureza do que contenta ou desgosta este ridículo fantasma de sua imaginação. Eu não gostaria que se limitassem a permitir, indiferente, o exercício de todos os cultos; desejaria que se fosse livre para ridicularizar a todos e rir de todos. Que aqueles que se reunissem num templo qualquer, para invocar o eterno segundo sua fantasia, fossem vistos como simples comediantes sobre um palco, diante do qual é permitido rir, a quem quer que seja. Se vós não encarardes as religiões sob este aspecto, elas recuperarão a solenidade que as torna respeitáveis. Elas conquistarão com facilidade a opinião pública e, quando menos nos apercebemos, já não nos será possível discutir as religiões porque estaremos discutindo a

religião¹. A igualdade será destruída pela preferência ou pela proteção atribuída a uma delas e desaparecerá em seguida do governo. A teocracia, reedificada, fará logo renascer a aristocracia. Eu não me cansarei de repetir: acabai com os deuses, franceses, acabai com os deuses, se não quereis que seu funesto império vos mergulhe de novo em todos os horrores do despotismo. Mas só será pelo ridículo que os destruiremos; todos os perigos que eles trazem consigo ressurgirão aos milhares se lhes dais importância e se os combateis com furor. Não derrubeis com cólera seus ídolos; pulverizai-os brincando e seu prestígio cairá por si só.

(1) Cada povo prebende que sua religião seja a melhor e se apoia, para nos persuadir, sobre uma infinidade de provas não só fíntes entre si, mas quase todas contraditórias. Na profunda ignorância em que nos encontramos, qual é aquela que poderia agradar a Deus, se é que existe um Deus? Se quisermos ser sábios devemos acatá-las todas ou recusarmos todas; o mais certo será recusá-las posto que a certeza moral nos garante serem todas as religiões apenas imposturas, na medida em que não podem agradar mais, ou menos, a um deus que não existe.

Eis o bastante, espero, para demonstrar que não deve ser votada nenhuma lei contra os delitos religiosos porque quem ofende uma quimera não ofende nada, e porque seria a última das inconseqüências punir os que ultrajam ou desprezam o culto cuja prioridade sobre os outros nada prova; isto seria, justamente, adotar um partido e influenciar em conseqüência a balança de igualdade; primeira lei de vosso governo.

Passemos aos segundos deveres do homem, os que o ligam aos seus semelhantes. Esta classe é a mais extensa, sem dúvida.

A moral cristã, excessivamente vaga sobre as relações do homem com seus semelhantes, estabelece bases tão cheias de sofismas que nos é impossível admiti-las porque, quando se quer construir princípios, é preciso evitar dar-lhes sofismas por base. Ela nos diz, esta moral absurda, que devemos amar nosso próximo como a nós mesmos. Nada seria tão sublime seguramente se fosse possível ao que é falso possuir as características da beleza. Não se trata de amar seus semelhantes como a si mesmo, pois que isto é contrário a todas as leis da natureza e apenas seus órgãos devem dirigir todas as ações de nossa vida. Trata-se de amar nossos semelhantes como irmãos, como amigos que a natureza nos oferece e com os quais devemos viver tanto melhor num Estado republicano quanto a desapareição das distâncias deve, necessariamente, estreitar os laços que unem os homens.

Que a humanidade, a Fraternidade, a Benevolência, nos prescrevam, segundo esses princípios, nossos deveres recíprocos; cumpramo-los individualmente com o grau de energia que para isso nos tenha dado a natureza, sem condenar e, sobretudo, sem punir os que, mais frios, ou mais atrabilários, não encontram nesses vínculos, agora tão sedutores, todas as doçuras que nós neles encontramos. Porque, todos convirão, seria um absurdo palpável desejar prescrever, a propósito, leis universais. Este procedimento seria tão ridículo quanto o de um general que desejasse que todos os seus soldados fossem vestidos com fardas do mesmo tamanho. É de uma horrorosa injustiça exigir que homens de caráter desiguais se submetam a leis iguais; o que serve para um, não serve para outro. Estou de acordo em que não se pode fazer tantas leis quantos são os homens, mas elas podem ser tão doces, em tão pequeno número que todos os homens, qualquer que seja seu caráter, possam facilmente se submeter a elas. Exigiria ainda que este pequeno número de leis fosse de natureza a poder adaptar-se facilmente a todos os diferentes caracteres. Aquele que as aplicasse, preocuparse-ia em fazer variar seu rigor segundo os indivíduos. Está provado que há certas virtudes cuja prática é impossível a certos homens, assim como existem certos remédios que não podem convir senão a certos temperamentos. Que injustiça cometeréis se punísseis com o rigor da lei a quem estivesse impossibilitado de se submeter a ela! A iniquidade que cometeríeis, no caso, não seria igual a que praticaríeis se obrigasse um cego a discernir as cores? Destes primeiros princípios decorre a necessidade de fazer leis suaves e, sobretudo, de aniquilar para sempre a atrocidade da pena de morte, porque a lei que atenta contra a vida de um homem é impraticável, injusta, inadmissível. Não que não haja uma infinidade de casos, como logo mostrarei, em que, sem ultrajar a

natureza, os homens possam atentar contra a vida uns dos outros. É impossível que a lei possa obter o mesmo privilégio porque, fria por sua própria natureza, ela não poderia ser acessível às paixões que podem legitimar, no homem, a prática cruel do assassinio. O homem recebe da natureza as impressões que podem tornar perdoável esta ação, mas a lei, ao contrário, sempre em oposição à natureza e não recebendo nada dela, não pode estar autorizada às mesmas práticas. Não tendo os mesmos motivos é impossível que ela tenha os mesmos direitos. Eis uma dessas distinções sábias e delicadas que escapam a muita gente porque muito pouca gente reflete; mas elas serão acolhidas pelas pessoas instruídas a quem eu me dirijo e influirão, espero, sobre o novo código que estão a preparar para nós.

A segunda razão porque se deve extinguir a pena de morte é que ela jamais reprimiu o crime: ele é praticado, diariamente, aos pés do cadafalso. Em uma palavra, deve-se suprimir esta pena porque não há cálculo mais errado do que fazer morrer um homem por ter feito morrer um outro, pois que, evidentemente, deste procedimento resulta que, em lugar de um homem a menos teremos dois. Uma tal aritmética somente pode ser familiar aos carrascos e aos imbecis. Quaisquer que sejam os delitos que nós possamos cometer contra nossos irmãos, eles poderão se reduzir a quatro principais: a calúnia, o roubo, aqueles provocados pela impureza que podem atingir, de forma desagradável, os outros, e o assassinio.

Todas essas ações, consideradas capitais sob um governo monárquico, serão igualmente graves num Estado republicano? É o que nós vamos analisar sob o facho da filosofia, porque só sob a sua luz pode ser compreendido um tal exame. Que não me acusem de ser um perigoso inovador; que não me digam que é perigoso extirpar o remorso da alma dos malfeitores, como farão certamente estes escritos, e que há o maior perigo em aumentar pela doçura de minha moral a inclinação que estes mesmos malfeitores têm pelos crimes. Eu afirmo aqui, formalmente, não ter em vista nenhum desses objetivos perversos. Exponho as idéias com as quais me identifiquei desde a idade da razão e a cuja difusão o infame despotismo dos tiranos opôs-se durante tantos séculos. Pior para aqueles que estas grandes idéias pudessem corromper; pior para aqueles que só sabem extrair o mal das opiniões filosóficas; suscetíveis de se deixar corromper por qualquer coisa, certamente eles se infeccionariam lendo Sêneca e Charron! Não é a este, entretanto que eu falo; eu me dirijo aos que são capazes de me entender, aos que, sem perigo, me lerão.

Confesso, com a mais extrema franqueza, que nunca pude acreditar que a calúnia fosse um mal, sobretudo num país como o nosso, onde todos os homens, mais ligados, mais próximos uns dos outros, têm, evidentemente, um maior interesse em se conhecer perfeitamente. De duas uma: ou a calúnia diz respeito a um homem verdadeiramente perverso, ou atinge a um indivíduo virtuoso. Convir-se-à que, no primeiro caso, é quase indiferente que se diga mal um pouco mais de alguém que seja conhecido por praticá-lo abundantemente. É possível até que o mal que não existe possa esclarecer o que realmente existe e, então, teremos conhecido melhor o malfeitor.

Se reina, admitamos, em Hanôver, uma influência malsã; ainda que eu não corresse outro risco, expondo-me a esta inclemência do ar, do que adquirir um acesso de febre, poderia me indispor contra alguém que, para me impedir de ir até lá, me tivesse dito que eu morreria apenas chegasse aquela cidade? Não, absolutamente, porque, ao me assustar com um grande mal ele me terá impedido de sofrer um pequeno. Vise, ao contrário, a calúnia, um homem virtuoso... Que ele não se alarme. Todo o veneno do caluniador recairá sobre ele mesmo, apenas seja identificado. A calúnia para tais pessoas será uma prova depuradora de que sua virtude será ainda mais brilhante. Poderá até resultar disso uma vantagem para a massa, que daquela virtude se aproveitará melhor; este homem virtuoso e sensível, revoltado com a injustiça que vem de sofrer, aplicar-se-à em melhor proceder ainda; desejará desmentir esta calúnia que acreditava não merecer e suas boas ações aumentarão; assim, no primeiro caso o caluniador terá produzido apreciáveis benefícios exagerando os vícios do homem perigoso e, no segundo, não terá produzido menores, ao fazer com que a virtude se revele por inteiro. Ora, eu vos pergunto agora, por que razão devemos temer o caluniador num país onde é tão essencial conhecer os maus e aumentar a energia dos bons? Que se evite, pois, estabelecer qualquer penalidade contra a calúnia; consideremo-la sob o duplo aspecto de um farol e de um estimulante e, em todos os

casos, como algo extremamente útil. O legislador, cujas idéias devem ser tão elevadas como a obra a que se dedica, não deve nunca estudar o efeito do crime que cause dano apenas aos indivíduos; é seu efeito em massa que ele deve examinar. E quando ele observar desta maneira os efeitos que resultam da calúnia, eu o desafio a que aí encontre algo que deva ser punido. Desafio-o a emprestar sequer uma sombra de justiça à lei que a puniria. Ele se tornará, ao contrário, o mais justo dos homens e o mais íntegro se a favorecer ou a recompensar.

O roubo é o segundo dos delitos morais cujo exame nós nos propusemos.

Se percorremos a antiguidade veremos o roubo permitido, recompensado, em toda as repúblicas da Grécia; Esparta e a Lacedemônia o favoreciam abertamente. Alguns outros povos consideraram-no como uma virtude guerreira. É certo que ele alimenta a coragem, a força, a habilidade, todas as virtudes, numa palavra, úteis a um governo republicano e por consequência ao nosso. Agora, eu ousaria perguntar se o roubo, cujo efeito é nivelar as riquezas, é um mal para um governo cujo objetivo é a igualdade? Não, sem dúvida. Porque se de um lado ele mantém a igualdade, de outro ele ensina melhor a conservar seus bens. Havia um povo que, em vez de punir o ladrão, castigava aquele que se deixava roubar porque isso lhe ensinaria a cuidar de suas posses. Isso nos leva a raciocínios mais profundos.

Não que eu queira aqui atacar ou destruir o juramento de respeito às propriedades que a nação acaba de pronunciar mas, que ao menos me seja permitido dizer alguma coisa sobre a injustiça deste juramento. Qual pode ser o espírito de um juramento pronunciado por todos os indivíduos de uma nação? Não será o de assegurar uma perfeita igualdade entre os cidadãos, de submetê-los igualmente à lei protetora da propriedade comum? Ora, eu vos pergunto se pode ser justa a lei que ordena a quem nada tem que respeite quem tem tudo? Quais são os elementos do pacto social? Não consistem eles em ceder um pouco de sua liberdade e de suas propriedades para assegurar e manter o que se conserva de uma e de outra?

Todas as leis se assentam sobre estas bases; elas são o motivo das punições que se infligem àqueles que abusam de sua liberdade, elas justificam o imposto. O que faz com que um cidadão não reclame quando lhe exigem isto, é saber que, através do que concede, está conservando o que lhe resta. Mas, ainda uma vez, por que razão aquele que nada tem se submeteria a um pacto que só protege aquele que tem? Se praticais um ato de equidade ao conservar, pelo vosso juramento, as propriedades do rico, não estareis fazendo uma injustiça ao exigir este juramento daquele que nada tem? Que interesse pode este terem vosso juramento? E por que haveis de querer que ele prometa uma coisa unicamente favorável a quem é tão diferente dele pelas suas posses? Nada há, seguramente, mais injusto: um juramento deve ter igual efeito para todos os que o pronunciam, é impossível que ele possa obrigar a quem nenhum interesse tenha em sua manutenção, pois, neste caso, não seria o pacto de um povo livre. Seria antes a arma do forte sobre o fraco, contra a qual este deveria revoltar-se imediatamente. Ora, é o que acontece com o juramento de respeito às propriedades que a nação acaba de exigir. Por ele só o pobre se obriga; só o rico tem interesse neste juramento que o pobre pronuncia tão inconscientemente sem ver que, por ele, extorquido à sua boa fé, se obriga a fazer algo que a outra parte não poderá jamais fazer em retribuição.

Convencidos, como deveis estar, desta bárbara desigualdade, não agraveis vossa injustiça punindo aquele que nada tem, por ter roubado qualquer coisa de quem tudo possui. Vosso injusto juramento dá-lhe este direito; levando-o ao perjúrio em face deste juramento absurdo, vós legitimais todos os crimes que, em consequência, praticar. Não tendes o direito de punir aquilo a que destes causa. Nada mais direi para acentuar a horrível crueldade que se pratica ao punir os ladrões. Imitai a sábia lei do povo de que acabo de vos falar, puni o homem negligente que se deixa roubar, mas nada de impor penas ao que rouba. Lembrai-vos que vosso juramento o autoriza a isto e de que ele nada mais fez, ao roubar, do que obedecer ao primeiro e mais sábio dos impulsos da natureza; o de conservar sua própria existência a todo custo.

Os delitos que devemos examinar nesta segunda classe dos deveres do homem para com seus semelhantes consistem nas ações que podem dar origem à libertinagem, entre os quais destacam-se, particularmente, como as mais atentatórias aos deveres recíprocos e comuns, a prostituição, o adultério, o incesto o estupro e a sodomia. Não duvidemos um momento que

tudo o que chamamos crimes morais, isto é, todas as ações da espécie que acabamos de citar, são absolutamente indiferentes para um governo cujo único dever consiste em conservar, por qualquer meio, a forma essencial à sua existência. Eis a única moral do governo republicano. Ora, como ele é sempre combatido pelos déspotas que o cercam, não se poderia conceber que os meios de que lance mão sejam meios unicamente morais pois ele só se conservará pela guerra e nada é menos moral do que a guerra. Pergunto-vos agora: como é que se conseguiria demonstrar que, num Estado imoral, pelas suas obrigações fosse essencial que os indivíduos agissem moralmente? Nada mais digo. É preciso que eles ajam contra a moral. Os legisladores da Grécia tinham perfeitamente sentido a importante necessidade de gangrenar os membros para que sua dissolução moral, agindo sobre todo o organismo social, provocasse a insurreição, sempre indispensável num governo que, perfeitamente feliz como o governo republicano, deve necessariamente excitar o ódio e a inveja de todos os que o cercam. A insurreição, pensavam estes sábios legisladores, não é um estado moral, entretanto, ela deve ser o estado permanente de uma república. Seria pois tão absurdo como perigoso exigir que aqueles que devem manter o contínuo movimento imoral da máquina fossem, eles mesmos, extremamente morais, porque o estado moral é um estado de paz e de tranqüilidade, ao passo que o estado imoral é um estado de perpétuo movimento que se aproxima da insurreição necessária, na qual é preciso que o republicano mantenha sempre o governo de que faz parte.

Esmiucemos tudo isso; comecemos pela análise do pudor, este impulso cretino que contraria as afecções impuras. Se estivesse nas intenções da natureza que o homem fosse pudico ela, seguramente, não o teria feito nascer nu. Uma infinidade de povos, menos degradados que nós pela civilização, vivem nus e disso não têm a menor vergonha. Estejamos certos de que o uso de vestimentas teve por única base a inclemência do ar e a coqueteria das mulheres; elas se aperceberam que perderiam logo todos os atrativos do desejo se não os escondessem em lugar de os deixar aparecer. Elas sentiram que, como a natureza não as criou sem defeito, elas se assegurariam bem mais facilmente de todos os meios de agradar, disfarçando estes defeitos com enfeites; assim, o pudor, longe de ser uma virtude, só é um dos primeiros efeitos da corrupção, um dos primeiros meios da coqueteria das mulheres.

Licurgo e Solon, convencidos de que os resultados do impudor mantêm o cidadão num estado imoral indispensável às leis do governo republicano, obrigaram as moças a se apresentarem nuas nos teatros². Roma logo imitou este exemplo: dançava -se nus nos jogos de Flora; a maior parte dos mistérios pagãos se celebravam assim. A nudez foi mesmo considerada como virtude em alguns povos. De qualquer maneira, do impudor nascem as inclinações luxuriosas e o que resulta destas inclinações compõem os pretensos crimes que analisamos e cujo primeiro efeito é a prostituição. Agora, que a propósito disto tudo nós nos libertamos da multidão de erros religiosos que nos cativava e que, mais próximos da natureza, em consequência da enorme quantidade de preconceitos que acabamos de aniquilar, só escutamos sua voz; agora, que estamos certos de que maior crime seria resistir aos impulsos que a natureza nos inspira do que obedecê-los, saibamos que, sendo a luxúria uma consequência desses impulsos, devemos nos preocupar não com extinguí-la, mas com os meios de satisfazê-la em paz. Tratemos, pois, de regular tudo isto e garantir a maior segurança a fim de que o cidadão, que deseje estar próximo dos objetos da luxúria, possa entregar-se, com esse objetos, a tudo o que suas paixões lhe inspirem, sem nunca encontrar obstáculo. Porque, não há uma paixão que exija maior liberdade que esta. Diversos locais, saudáveis, vastos, mobiliados com cuidado e, sob todos os aspectos seguros, se erguerão em todas as cidades. Aí, todos os sexos, todas as idades, todas as criaturas possíveis, se oferecerão aos caprichos dos libertinos que as procurem. A mais completa subordinação será exigida; a menor recusa será punida arbitrariamente pelo que a tiver sofrido. Devo explicar isto melhor, relacionando tudo com os costumes republicanos. Prometi examinar tudo com a mesma lógica, mantereí minha palavra.

(2) Já foi dito que a intenção desses legisladores era, enfraquecendo as paixões que os homens experimentavam diante das mulheres nuas, tornar mais ativas aquela que eles experimentavam por seu próprio sexo. Esses sábios exibiam o que causava repugnância e ocultavam o que irava os mais doces desejos; em todo caso, não atingiam as objetivas que

acabamos de apresentar Como vimos, eles precisavam da Imoralidade para manter os costumes republicanos.

Se, como acabo de dizer, nenhuma paixão tem mais necessidade da mais extensa liberdade que esta, nenhuma é também mais despótica. É no terreno da luxúria que o homem mais gosta de comandar, de ser obedecido, de cercar-se de escravos constringidos a satisfazê-lo. Ora, todas as vezes que deixardes de possibilitar ao homem a libertação da dose de despotismo que a natureza lhe colocou no fundo do coração, ele a exercerá sobre os objetos que o cercam, ele perturbará já o governo. Permiti, se quiserdes evitar este perigo, uma livre expansão a estes desejos tirânicos que, contra sua própria vontade, o torturam incessantemente. Contento em ter podido exercer sua pequena soberania sobre o harém de escravos ou de sultanas que os vossos cuidados e o seu próprio dinheiro lhe proporcionem, ele estará satisfeito e não desejará mais perturbar o governo que lhe garante, com tal complacência, todos os meios de satisfazer sua concupiscência. Usai, ao contrário, processos diferentes, impõe sobre estes objetos da luxúria pública os ridículos entraves inventados pela tirania ministerial e pela lubricidade de nossos Sardanápalos: o homem, irritando-se imediatamente contra vosso governo, invejoso do despotismo que vos vê exercer sozinho, sacudirá o jugo a que vós o submeteis e, cansado de vossa maneira de o governar, modificá-la-à, como, aliás, acaba de fazê-lo.

(1)É sabido que o infame e celerado Sartine informava Luís XV sobre os meios da luxúria, através das leituras feitas pela Dubarry, três vezes por semana. abordando detida vida privada que ele adornava com tudo o que se passava nos piores antros de Paris. Essa prática libertina do Nero francês custava três milhões ao Estado!

Vede como os legisladores gregos, compenetrados destas idéias, tratavam o deboche na Lacedemônia e em Atenas. Longe de o proibir, induziam os cidadãos a praticá-lo; nenhum gênero de lubricidade era proibido. Sócrates, declarado pelo oráculo o mais sábio dos filósofos da terra, ao passar indiferentemente dos braços de Aspásia para os de Alcibíades, não deixava de ser considerado a glória da Grécia. Vou mais longe ainda: embora minhas idéias sejam contrárias a nossos atuais costumes, como meu objetivo é provar que devemos nos apressar em substituir esses costumes se desejamos conservar o governo adotado, vou tentar convencê-los de que a prostituição das mulheres chamadas honestas não é mais perigosa que a dos homens. Não somente devemos associá-las às luxúrias praticadas nas casas referidas, como devemos mesmo criar outras para uso delas, para seus caprichos e necessidades de temperamento, tão ardente quanto o nosso; de modo que elas possam se satisfazer com todos os sexos. Com que direito supondes que a mulher é uma exceção à cega submissão que a natureza impõe aos homens, sujeitando-os aos seus caprichos? E ainda, com que direito pretendeis condenar a mulher a uma continência impossível para seu físico e absolutamente inútil à sua honra?

Vou tratar separadamente estas duas questões.

É certo que, no estado de natureza, as mulheres nascem vulgívacas, isto é, gozando das vantagens das outras fêmeas e se entregando, como elas, e sem nenhuma exceção, a todos os machos. Tais foram, sem nenhuma dúvida, não só primeiras leis da natureza, como as únicas instituições dos primeiros grupos humanos. O interesse, o egoísmo e o amor degradaram estas bases tão simples e naturais. Nós pensamos nos enriquecer ao tomarmos uma mulher e, com ela, o dote de sua família; eis satisfeitos os primeiros sentimentos que acabo de indicar; mais frequentemente ainda raptamos esta mulher para, em seguida, prendermo-nos a ela; eis o segundo motivo em ação, ou, em todo caso, a injustiça.

Jamais se pode exercer um ato de posse sobre um ser livre; é tão injusto possuir exclusivamente uma mulher como possuir escravos. Todos os homens nasceram livres, todos são iguais em direito, não percamos nunca de vista estes princípios. Não se pode pois admitir que seja dado a um sexo o direito de se apoderar com exclusividade do outro; nunca um desses sexos ou uma dessas classes poderá possuir o outro arbitrariamente. Mesmo uma mulher que descobre a pureza das leis da natureza, não poderá alegar, para justificar a recusa de alguém que a deseje, o amor que tenha por outro. Este motivo corresponde a uma exclusão e nenhum homem pode ser

excluído do direito de possuir qualquer mulher desde que tenha ficado claro que ela pertence a todos os homens. O ato de posse não pode se exercer senão sobre um imóvel ou um animal, nunca sobre um indivíduo que se nos assemelhe. Todos os laços que possam prender uma mulher a um homem serão tão injustos quanto quiméricos. Se é pois incontestável que nós recebemos da natureza o direito de expressar nossos desejos a todas as mulheres, é evidente que as podemos obrigar a se submeter aos nossos caprichos, se não definitivamente, pelo menos momentaneamente². É incontestável que temos o direito de estabelecer leis que as obriguem a ceder aos desejos de quem as cobice; sendo a violência um dos efeitos deste direito podemos empregá-la legalmente. A natureza não provou que temos este direito dando-nos a força necessária para submetê-las a nossos desejos?

(2) Não venham dizer que me contradigo, aqui; é que, depois de afirmar que não fartas o direito de ligar a nós uma mulher, eu destruo esses princípios dizendo que temos o direito de constrangê-la; repito que tratamos do prazer e não da propriedade; não tenho direito de propriedade sobre uma carta forte que encontro em meu caminho mas tenho direito de nela saciar minha sede aproveitando da água límpida que se oferece a meu destrate; assim também não tenho direito de propriedade sobre as mulheres mas, em função de meu prazer, posso constrangê-las a me satisfazerem caso queiram se recusar.

Em vão as mulheres invocarão, para defender-se, o pudor ou o amor por outros homens. Isto são quimeras: nós vimos acima como o pudor é um sentimento fictício e desprezível. O amor, que podemos chamar de loucura da alma, não possui mais títulos para legitimar sua fidelidade. Não satisfazendo senão a dois indivíduos, o ser amado e o amante, não pode fazer a felicidade dos outros, e é para a felicidade de todos, e não para um gozo egoísta e privilegiado, que nos foram dadas as mulheres. Todos os homens têm, pois, um direito de gozo idêntico sobre todas as mulheres. Não há, pois, um único homem que, em face das leis da natureza, possa ter sobre uma mulher um direito único e pessoal. A lei que as obrigará a se prostituir quando quisermos, nas casas de deboche de que falamos, e que as obrigará a frequentá-las caso a isso se recusem, que as punirá se faltarem um só dia, será, pois, uma lei das mais equitativas e contra a qual não se poderá invocar nenhum motivo legítimo ou justo.

Um homem que desejar possuir uma mulher ou donzela poderá, pois, se estas justas leis vigorarem, intimá-la a comparecer a uma destas casas e lá, sob as visitas das matronas que regerão este templo de Vênus, ela lhe será entregue e terá que satisfazer, com humildade e submissão, todos seus caprichos, por mais estranhos e irregulares que possam ser; pois não há nenhum que não esteja no sistema da natureza, que ela não aceite. Teríamos que pensar na fixação das idades, é verdade. Sou de opinião que não se deve estabelecer nenhum limite; seria restringir a liberdade daquele que desejasse gozar uma menina, por exemplo. Quem tem o direito de comer o fruto de uma árvore pode, sem duvida, colhê-lo verde ou maduro, segundo as inspirações de seu gosto. Mas, objetar-nos-ão, há uma idade em que a saúde da jovem pode ser prejudicada pelas ações do homem. Esta consideração não tem nenhum valor: desde que me dais o direito de propriedade do gozo, este direito é independente dos efeitos que sua prática produz; é absolutamente indiferente que seu uso seja vantajoso ou prejudicial para o objeto que a ela deve se submeter. já não provei que é legal obrigar uma mulher a esse respeito e que, assim que ela desperte o desejo de ser possuída, deve submeter-se a ele, pondo de parte todo sentimento egoísta? O mesmo acontece com sua saúde. Desde que as considerações que se tenham a esse respeito possam destruir ou enfraquecer o prazer daquele que a deseje, e que tem o direito de dela se apropriar, este cuidado com a idade se torna inútil, porque não se trata aqui, absolutamente, de saber o que sente o objeto condenado pela natureza e pela lei à satisfação momentânea dos desejos alheios. Não se trata neste exame senão daquilo que convém a quem deseja. Mas nós restabeleceremos a balança.

Sim, nós a restabeleceremos, nós devemos, sem dúvida, restabelecê-la. Estas mulheres que acabamos de escravizar tão cruelmente aos desejos do homem, nós devemos indenizá-la e é nisto que vai consistir a resposta à segunda questão que me propus.

Se admitimos, como acabamos de fazer, que todas as mulheres devem se submeter a nossos desejos, é justo que devemos admitir que elas satisfaçam também, integralmente, os seus. Nossas leis, com este propósito, devem favorecer seu temperamento de fogo. É absurdo que se tenha considerado como virtude a resistência antinatural que elas oferecem aos impulsos que nelas são ainda mais profundos que em nós. Esta injustiça de nossos costumes é tanto maior quanto todos nós nos empenhamos em enfraquecer esta resistência, à força de sedução, para em seguida puni-las por terem cedido aos esforços que fazemos para provocar-lhes a queda. Todo o absurdo de nossos costumes está gravado, parece-me, nesta atroz iniquidade. Esta simples exposição deveria fazer-nos sentir a extrema necessidade que temos de trocá-los por outros mais puros.

Afirmo, pois, que tendo recebido as mulheres inclinações muito mais violentas para os prazeres da luxúria do que nós, poderão entregar-se a eles tanto quanto queiram, livres, absolutamente de todos os liames do hímen, de todos os falsos preconceitos do pudor; devolvidas completamente ao estado da natureza. Quero que as leis lhes permitam entregar-se a tantos homens quanto queiram; quero que lhes seja permitido, como aos homens, o gozo de todos os sexos e de todas as partes de seus corpos. Sob a condição de se entregarem a todos quantos as desejem, que elas tenham a liberdade de gozar igualmente de todos quantos eles julguem dignos de as satisfazer. Quais serão, pergunto, os perigos desta licença? O nascimento de crianças que não tenham pais? Que importância terá isto, numa república onde todos os indivíduos não devem ter outra mãe senão a pátria, onde todos os que nascem são filhos da pátria? Quanto a amarão aqueles que, só tendo conhecido a ela, souberam desde o nascimento que só dela deverão tudo esperar? Não imagineis conseguir bons republicanos enquanto isolardes as crianças nas famílias; elas só devem pertencer à República. Dando somente a alguns indivíduos a dose de afeição que deveria ser repartida por todos seus iguais, elas adotam inevitavelmente seus preconceitos quase sempre perigosos. Suas opiniões, suas idéias, se isolam, e todas as virtudes de um homem de Estado tornam-se-lhes impraticáveis. Entregando, enfim, seus corações inteiramente aos que os fizeram nascer eles não encontram neles lugar para qualquer afeição por aquela que vai fazê-los viver, aprender e ilustrar-se; como se este segundo benefício não fosse muito mais importante que o primeiro! Se há o maior inconveniente em deixar as crianças se alimentar assim, em suas famílias, com idéias e interesses quase sempre diferentes dos da pátria, é claro que há a maior vantagem em segará-las dela. Esta separação se processará naturalmente através dos meios que proponho: destruindo completamente todos os laços do casamento, só nascerão crianças cujos pais não poderão nunca ser conhecidos. Com isto, desaparecerá a possibilidade de se saber a que famílias pertencem e todos serão, unicamente, filhos da pátria.

Haverá, pois, casas destinadas à libertinagem feminina, sob a proteção do governo como as destinadas aos homens; nelas haverá todos os indivíduos de um e de outro sexo que elas possam desejar; quanto mais freqüentem estas casas, mais serão estimadas. Não há nada tão bárbaro e tão ridículo como ter ligado a honra e a virtude das mulheres à resistência que elas ofereçam aos desejos recebidos da natureza, e que aquecem a todo o instante os que têm a crueldade de condená-las. Desde a mais tenra idade,¹ uma garota, livre dos laços paternos, nada mais tendo a conservar para o casamento (absolutamente abolido pelas sábias leis que desejo), superior aos preconceitos que antigamente escravizavam seu sexo, poderá se entregar a tudo que seu temperamento lhe sugerir, nas casas para isto estabelecidas. Ela aí será recebida com respeito, satisfeita com profusão e, de volta, na sociedade, poderá falar tão publicamente dos prazeres que ali tiver provado como faz hoje a propósito de um baile ou de um passeio. Sexo encantador, serás livres! Gozareis de todos os prazeres como os homens, não vos privareis de nenhum! Deve a mais divina parte da humanidade sujeitar-se aos ferros que outra lhe imponha? Ah! Quebrai-os! A natureza o quer: não tendes outros freios que os de vossas inclinações, outras leis que não os vossos desejos, outra moral que não seja a da natureza. Não vos deixeis enlanguescer sob os bárbaros preconceitos que comprometiam vossos encantos e matavam os impulsos divinos de vossos corações². Vós sois livres e a carreira dos combates de Vênus vos está aberta como para nós; não temais censuras absurdas; o pedantismo e a superstição foram

aniquilados. Ninguém vos verá mais corar pelos mais inocentes motivos. Coroando-vos de mirtos e de rosas, nós vos daremos a estima que merecerdes pelo prazer que nos dais.

1 Na Babilônia, as meninas eram encaminhadas ao Templo de Vênus aos sete anos. A Natureza indica o momento em que uma menina deve ao prostituir e assim que prova a primeira sensação de lascívia, sem dúvida, ela deve seguir seus impulsos sem constrangimento ; se resistir ela ultraja as leis da natureza.

2 As mulheres não sabem a que ponto a lubricidade as embeleza! Que se comparem duas mulheres, da mesma idade e de igual beleza, uma que vive no celibato, outra na libertinagem: veremos como a última tem mais brilho e frescor; toda violência à natureza é um abuso; não há pessoa no mundo que não saiba como as fudas embelezam uma mulher.

O que acabamos de dizer nos poderia dispensar de falarmos sobre o adultério. Lancemos-lhe, entretanto, uma rápida vista de olhos, embora sua pouca importância depois de estabelecidas minhas leis. A que ponto já era ridículo considerá-lo criminoso em face de nossas antigas instituições... Se havia algo de absurdo no mundo era, sem dúvida, a eternidade dos laços conjugais. Só seria preciso examinar ou sentir o peso deste jugo para deixar de considerar como um crime a ação que o afastasse. A natureza, como dissemos há pouco, tendo dotado as mulheres com um temperamento mais ardente, com uma sensibilidade mais profunda do que os indivíduos do outro sexo, fazia que o jugo de um eterno matrimônio fosse muito mais pesado para elas. Mulheres ternas e abrasadas pelo fogo do amor, expandi-vos agora sem medo, persuadi-vos de que não há nenhum mal em seguir os impulsos da natureza! Não foi para um só homem que ela vos criou, mas para agradar indiferentemente a todos. Que nenhum freio vos prenda; imitai os republicanos da Grécia; nunca os legisladores que lhes fizeram as leis imaginaram fazer do adultério um crime e quase todos autorizaram a liberdade das mulheres. Thomas Morus prova, em sua Utopia, que é vantajoso para as mulheres entregarem-se ao deboche, e as idéias deste grande homem nem sempre foram sonhos ³.

(3) Ele mesmo aconselha que os noivos se vejam completamente nus antes do casamento. Quantos casamentos não se desmancharam se essa lei fosse promulgada ! Reconheçamos que o contrário significa exatamente comprar a mercadoria sem antes tê-la visto.

Entre os Tártaros, quanto mais uma mulher se prostituía, mais era considerada: ela trazia publicamente no pescoço as marcas de suas ações e as que não as trouxessem não eram estimadas. No Peru, as próprias famílias entregam as mulheres e as donzelas aos estrangeiros que por lá passam; alugam-se lá as mulheres como os cavalos ou os veículos. Volumes, enfim, não bastariam para demonstrar que a luxúria não foi jamais considerada como crime por nenhum dos povos sábios da terra. Todos os filósofos sabem perfeitamente que é aos impostores cristãos que nós devemos o fato dela ter sido considerada um crime; os padres tinham seus motivos ao nos interdizer a luxúria; esta recomendação, reservando-lhes o conhecimento e o poder de absolvição destes pecados, dava-lhes um incrível império sobre as mulheres e lhes abria uma carneira de lubricidade cuja extensão não tinha limites. Nós sabemos como eles conseguiram aproveitar-se disso e como ainda abusariam se seu prestígio não estivesse absolutamente perdido.

O incesto, será mais perigoso? Não, absolutamente; ele estende os laços de família e toma por conseguinte mais ativo o amor dos cidadãos pela pátria. Ele nos foi ditado pelas primeiras leis da natureza, nós o experimentamos, e o gozo dos objetos que nos pertencem parece-nos sempre mais delicioso. As primitivas instituições favorecerem o incesto; encontramos-lo na origem das sociedades; é consagrado em todas as religiões. Todas as leis o favorecem; se percorremos o universo, encontramos o incesto estabelecido em todos os lugares. Os negros da Costa do Ouro e do Rio Gabão entregam suas mulheres a seus próprios filhos; o filho mais velho do reino de Judá deve copular com a mulher de seu pai; os povos do Chile deitam-se indiferentemente com as próprias irmãs e filhas e casam-se às vezes com a mãe e a

filha juntamente. Em uma palavra, ousou sustentar que o incesto deveria ser a lei em todo o governo cuja base fosse a fraternidade. Como foi possível que homens razoáveis chegassem ao absurdo de acreditar que a posse da mãe, da irmã ou da própria filha pudesse ser um crime? Não é abominável este preconceito, pergunto-vos, que considera um crime o fato de um homem preferir gozar um objeto que o sentimento natural aproxima dele? Isto corresponderia a sustentar que nos é proibido desejar exatamente os indivíduos que a natureza nos leva a amar com mais calor e que, quanto mais ela nos induza a desejar um objeto, mais nós deveremos nos afastar dele; estas contradições são absurdas, apenas os povos embrutecidos pela superstição podem nelas acreditar ou adotá-las. Estando a comunidade das mulheres estabelecida, levando necessariamente ao incesto, resta-nos pouco a dizer sobre um pretense delito cuja inexistência está suficientemente demonstrada para que voltemos a ela. Passaremos ao estupro que parece ser, à primeira vista, o mais grave de todos os casos de libertinagem, aquele cuja lesão está melhor estabelecida em razão do ultraje que causa. É, entretanto, absolutamente certo que o estupro, ação tão rara e tão difícil de provar, prejudica menos ao próximo que o roubo. Esta invade a propriedade, aquele limita-se a deteriorá-la. Que podereis responder ao autor do estupro quando ele lhe provar que o mal que praticou é, de fato, bem medíocre, pois ele não fez nada mais que colocar o objeto de que abusou no estado em que logo seria colocado pelo casamento ou pelo amor?

Mas, e a sodomia, e este pretense crime que atraiu o fogo do céu sobre as cidades que se tinham entregues a ele? Não é ela uma depravação tão grande que qualquer punição pareceria sempre pequena? É doloroso ter que censurar a nossos antepassados os assassínios judiciais que cometeram a esse pretexto. É possível ser tão bárbaro a ponto de ousar condenar à morte um desgraçado indivíduo cujo único crime é não possuir os nossos gostos? Trememos ao imaginar que, há apenas quarenta anos, a estupidez dos legisladores chegava a isto. Consolai-vos, cidadãos! Tais absurdos não voltarão! A sabedoria de vossos legisladores é uma garantia. Inteiramente esclarecidos sobre a fraqueza de certos homens, sabemos perfeitamente hoje que um tal erro não pode ser criminoso. A natureza não teria dado tão grande importância ao fluído que corre em nossos rins para, em seguida, se irritar com o caminho particular que lhe quiséssemos dar. Que crime poderia haver nisso? Não seria, seguramente, o de o colocar neste ou naquele lugar; a menos que se sustentasse que as partes do corpo não são todas iguais e que existem umas puras e outras imundas. Mas, como é impossível sustentar tal absurdo? O único delito no caso seria o da perda da semente! Ora, pergunto-vos, é lá verossímil que esta semente seja tão preciosa que não a possamos perder sem que pratiquemos um crime? Se isto fosse verdadeiro, permitiria ela que tais perdas se verificassem todos os dias, quer ao sonharmos, quer ao gozarmos de uma mulher grávida? É impossível imaginar que a natureza nos desse a possibilidade de cometer crimes que a ultrajassem. Ela não pode aceitar que os homens destruam os prazeres que a ela pertencem, pois então seríamos mais fortes do que ela. Mergulhamos num abismo de absurdos quando abandonamos o facho da razão; tanto faz gozar uma mulher de um modo como de outro; é indiferente gozar de mulher ou de macho. Todas essas inclinações foram postas na alma humana pela natureza, e não a podem ofender. A sodomia é um vício de organização e em nada contribuimos para semelhante organização. Desde a mais tenra data, há meninos que sentem essa inclinação e que nunca se corrigirão. As vezes é fruto da sociedade, mas mesmo nesse caso pertence à natureza; sob todos os aspectos, é obra da natureza e em qualquer caso o que ela inspira deve ser respeitado pelos homens. Se, através de um recenseamento mais exato, verificássemos que este gosto é mais profundo que o outro, que esses prazeres são mais vivos, e por isso mesmo seus adeptos são mais numerosos do que seus inimigos, não seria possível concluir que, longe de ultrajar a natureza, esse vício serviria seus desígnios, e que ela pouco se importa com a reprodução como tola mente acreditam? Percorrendo o universo encontraremos numerosos povos que desprezam a mulher. Alguns só se servem dela quando têm absoluta necessidade de um herdeiro que os substitua. O hábito que têm os homens de viverem juntos nas repúblicas, tornará esse vício cada vez mais comum, mas nem por isso perigoso. Os legisladores da Grécia não o teriam introduzido na república se assim o julgassem. Pelo contrário, achavam-no necessário a um

povo guerreiro. Plutarco nos fala com entusiasmo do batalhão dos amantes e dos bem amados. Só eles defenderam com coragem a liberdade da Grécia: a pederastia cimentou a associação dos irmãos de armas. Os maiores homens eram propensos a ela. Toda a América, no tempo em que foi descoberta, era povoada por homens desse gosto. Na Louisiana e no Illinois, homens vestidos de mulheres vendiam-se como putas, prostituíam-se como cortesãs; os negros de Benguela mantinham publicamente machos; quase todos os haréns da Argélia são hoje povoados por rapazes; em Tebas isso não somente era tolerado mas incentivado. O filósofo de Queonéa prescrevia-o para suavizar os costumes dos homens.

Sabemos que ele reinou em Roma: nos lugares públicos os rapazes se prostituíam vestidos de fêmea e as moças vestidas de rapaz. Martial, Catulo, Título, Horácio, Virgílio, escreviam a homens como se escreve a uma amante, e lemos em Plutarco¹ que as mulheres não devem receber nenhum amor dos machos. Os amasianos da Ilha de Creta reptavam rapazes com as mais estranhas cerimônias; quando amavam um rapaz, participavam aos pais o dia em que o raptariam, o rapaz resistia um pouco se o amante não lhe aprazia, caso contrário partia com ele e o sedutor o restituía à família, quando o tinha usado, pois nessa paixão (como nas mulheres) o interesse termina com a posse. Estrabão nos conta que nessa mesma ilha os haréns se enchiam de homens que publicamente se prostituíam.

(1) **Obras morais, Tratado do amor.**

Querem uma última autoridade para provar quanto esse vício é útil numa república? Escutemos Jerônimo, o Peripatético: "O amor dos rapazes expandiu-se por toda a Grécia, porque dava coragem e força e servia para expulsar os Tiranos. As conspirações se formavam entre os amantes e eles se deixariam antes torturar a revelar seus cúmplices". O patriotismo sacrificava, assim, tudo à prosperidade do Estado; era sabido que essas ligações consolidavam a república; declamava-se contra as mulheres; ligar-se a elas era considerada uma fraqueza própria do despotismo. A pederastia foi sempre o vício dos povos guerreiros: diz-nos César que os gauleses se entregavam largamente a ela. As guerras que as repúblicas tinham que enfrentar, levando à separação dos sexos, contribuíam para a difusão do vício. Quando se chegou a reconhecer seus efeitos úteis ao Estado, a religião o consagrou. Sabe-se que os romanos santificaram os amores de Júpiter e Ganimedes. Assegura-nos Sextus Empiricus que também os persas se davam a essa fantasia. Enfim, as mulheres, ciumentas e repudiadas, ofereceram-se para prestar aos maridos os mesmos serviços que os rapazes lhes prestavam. Alguns experimentaram e retomaram aos antigos hábitos, não achando possível deixá-los.

Os turcas, fortemente inclinados a essa depravação, consagrada por Maomé no Alcorão, asseguram, entretanto, que uma virgem bem jovem pode perfeitamente substituir um rapaz e, raramente, entre eles, uma delas chega a idade adulta sem ter passado por essa prova. Sixto V e Sanches permitiram esse deboche; o último tentou mesmo provar que ele era útil à propagação e que uma criança engendrada depois dessa prática seria muito melhor constituída. Por fim, as mulheres vingaram-se amando-se entre si; essa fantasia, sem dúvida, não tem maiores inconvenientes do que a outra, pois o resultado é apenas a recusa de criar e os meios dos que tem a mania de procriar são tais que os adversários não causam mal algum. Os gregos apoiavam igualmente essa loucura por razões de Estado. Resultava disso que, bastando-se a si mesmas, suas comunicações com os homens eram menos freqüentes e elas não prejudicavam com isso os negócios da república. Luciano nos ensina o progresso que fez essa lubricidade e não é sem interesse que a observamos em Safo.

Não há um só perigo nessa mania, ainda que fossem mesmo mais longe; mesmo que se acariciem monstros ou animais, como nos demonstra o exemplo de muitos povos; nestas fantasias não há inconvenientes, pois a corrupção dos costumes, sempre útil ao governo, não poderia ser prejudicial sob nenhum aspecto. Nós devemos esperar de nossos legisladores bastante sabedoria, bastante prudência, de maneira a estarmos seguros de que nenhuma lei virá reprimir essas misérias, que, segundo a Constituição, não poderiam tomar culpado aquele que a elas se entregassem.

Só nos resta examinar o assassinio na segunda classe dos delitos para com seus semelhantes. Em seguida passaremos aos deveres que têm os homens para consigo mesmos. De todas as ofensas que o homem pode fazer a seus semelhantes é o assassinio, sem dúvida, a mais cruel, pois a vida é o único bem que da natureza recebemos, o único cuja perda é irreparável. Várias questões se apresentam a propósito, julgando do prejuízo que o assassinio causa à vítima.

1 - Essa ação, se considerarmos somente a lei da natureza, é na verdade criminosa?

2 - Sê-lo-à relativamente às leis da política?

3 - Prejudicará a sociedade?

4 - Como deverá ser considerada por um governo republicano?

5 - Deve o assassinio ser castigado com o assassinio?

Examinemos separadamente cada uma dessas perguntas.

Esse ponto é bastante importante para que nos detenhamos. Poderão achar nossas idéias um tanto fortes, mas que nos importa? Não temos o direito de tudo dizer? Expliquemos aos homens as grandes verdades, eles as esperam de nós. Já é tempo de fazermos desaparecer o erro; que o obscurantismo seja varrido como os reis. O assassinio será crime aos olhos da natureza? Eis a primeira pergunta. Sem dúvida vamos humilhar aqui o orgulho do homem, ao rebaixá-lo ao plano de todas as outras produções da natureza, mas o filósofo não procura acariciar as pequenas vaidades humanas. Sempre ardente na busca da verdade, ele a distingue sobre todos os tolos preconceitos do amor próprio, atinge-a, desenvolve-a, e mostra-a corajosamente à terra admirada.

O que é o homem, e que diferença existe entre ele e as plantas e todos os animais da terra? Nenhuma, indiscutivelmente. Colocado fortuitamente como eles sobre o globo, nasce como eles, propaga-se, cresce e declina como eles; como eles chega à velhice; como eles tomba no nada ao termo que a natureza determina para cada espécie. Se essas analogias são tão exatas que tornam impossível à observação do filósofo perceber qualquer dessemelhança, haverá igual maldade em matar um animal como em matar um homem. Não se pode negar que tanto faz destruir um homem como um animal. Mas, a destruição de todo o animal não será um crime, como acreditavam os pitagóricos e como acreditam os habitantes das margens do Ganges? Antes de responder a isso, recordemos aos leitores que nós só examinamos o problema do ponto de vista da natureza. Em seguida o examinaremos em relação aos homens.

Ora, pergunto, para que servirão à natureza estes indivíduos que não lhe custam nem a menor pena nem o menor cuidado? O trabalhador estima sua obra em razão do trabalho que ela lhe custa e do tempo que emprega. Ora, custa o homem alguma coisa à natureza? De que se compõe os seres que nascem? Os três elementos que os formam não resultam da primitiva destruição de outros corpos? Se todos os indivíduos fossem eternos, não se tornaria impossível à natureza a criação de novos? Se pois, a eternidade dos seres é impossível, a sua destruição se toma uma lei da natureza.

Se elas lhe são tão úteis ao ponto de não as poder dispensar, e se não pode criar sem se valer das massas de destruição que a morte lhe prepara, a idéia de aniquilamento que relacionamos com a morte não será real. O que chamamos o fim de cada animal não será na verdade um fim, mas simples transmutação que tem por base o perpétuo movimento, verdadeira essência da matéria, que todos os filósofos modernos consideram como sua lei fundamental. A morte, segundo esses princípios irrefutáveis, não é mais que uma mudança de forma, uma imperceptível passagem de uma existência para outra: é o que Pitágoras chamava metempsicose.

Admitidas estas verdades, pode-se sustentar, por acaso, que a destruição seja um crime? Ousareis dizer que a transmutação é uma destruição? Sem duvida que não! Seria preciso, para isso, admitir um instante de inação, um momento de repouso da matéria. Ora, jamais encontrareis tal momento; assim que morre um animal formam-se os vermes; a vida desses vermes é um efeito necessário da morte: ousareis dizer que um agrada mais à natureza do que o outro? Para isso seria necessário provar uma coisa impossível, isto é, que a forma comprida ou quadrada é mais útil, mais agradável do que a oblonga ou triangular. Será preciso provar que,

em face das planos sublimes da natureza, um vadio que se ceva na inação ou na indolência é mais útil do que o cavalo, cujo serviço é tão importante, ou o boi, cujo corpo é tão precioso. Seria necessário sustentar que a cobra venenosa é melhor do que o cão fiel.

Ora, como todos esses argumentos são insustentáveis, teremos que concordar que é impossível aniquilar as obras da natureza, pois a única coisa que conseguimos, entregando-nos à destruição, é operar uma variação de forma que não pode extinguir a vida. É, pois, superior às forças humanas poder provar que existe crime na pretensa destruição de uma criatura de qualquer idade, sexo ou espécie. Conduzidos ainda mais pela série de nossos argumentos, que se encadeiam uns aos outros, teremos que convir enfim, que, longe de prejudicar a natureza, a ação que praticais variando as formas de suas diferentes obras, é para ela vantajosa, pois que lhe forneceis assim a matéria prima para suas construções. Estas seriam impossíveis se ninguém aniquilasse nada; deixai agir a natureza, me direis. De fato deixemo-la agir; mas são os seus impulsos que o homem segue quando pratica o homicídio; é ela que o aconselha e, o homem que destrói seu semelhante está, para a natureza, como a peste ou a fome, igualmente enviadas por ela, que se serve de todos os meios para conseguir mais rapidamente essa matéria prima de destruição, absolutamente necessária às suas obras.

Ocupemo-nos em iluminar um instante nossa alma com o santo archote da filosofia. Quem, senão a natureza, nos aconselha os ódios pessoais, as vinganças, as guerras, enfim, todas as causas de perpétuo assassinio? Ora, se ela nos aconselha é porque disso necessita. Como podemos, em conseqüência, nos supor culpados para com ela, se não fazemos mais do que segui-la?

Já dissemos mais do que o necessário, para convencer qualquer leitor esclarecido, de que é impossível ultrajar a natureza com o assassinio.

Será ele, entretanto, um crime político? Sustentamos, ao contrário, que ele é uma das molas da política. Não foi a custo de assassinios que Roma se tornou a senhora do mundo e a França é hoje livre? É inútil advertir que só falo aqui dos assassinios ocasionados pela guerra; não das atrocidades cometidas pelos facciosos e desordeiros; estes, execrados pelo povo sempre que aparecem, provocam indignação geral e horror. Que outra ciência humana tem maior necessidade de praticar o assassinio senão aquela que tende a aumentar um país às expensas de outros? As guerras, únicos frutos da bárbara política, servem-lhe de alimento que o fortifica e o sacia. E o que é a guerra senão a ciência da destruição? Estranha cegueira do homem que publicamente ensina a arte de matar, que recompensa quem nela se destaca e que, entretanto, pune o ser que, por uma razão particular, se desfaz de seu inimigo. Já não é tempo de nos libertarmos desses bárbaros erros?

Enfim, será o assassinio um crime contra a sociedade? Que importa a essa numerosa sociedade um membro a mais ou a menos? Suas leis, seus costumes sofreriam com isso? A morte de um indivíduo influiu alguma vez sobre a massa? Depois da perda da maior das batalhas, direi, depois da extinção da metade do mundo, de sua totalidade, se quiser, o reduzido número dos sobreviventes viria a sofrer qualquer alteração material? Não. A natureza inteira nada sofreria com isso, e o estúpido orgulho dos homens, que acreditam que tudo gira em torno deles, surpreender-se-ia depois da total destruição da espécie humana ao verificar que nada tinha variado na natureza e que o curso dos astros não seria sequer retardado.

Continuemos: Como encarar o assassinio em um Estado republicano e guerreiro? Haveria seguramente o maior perigo em puni-lo. A altivez do republicano exige uma certa ferocidade. Se fraquejar, se perder a energia, será logo subjugado. Uma singularíssima reflexão ocorre-me a propósito; apesar de muito ousada é verdadeira e por isso a enunciarei: uma nação que começa a ser governada como república só se sustentará pela virtude. Por que? Porque, para atingir ao máximo é preciso começar pelo mínimo, pela virtude. Mas uma nação velha e corrupta, que se tenha corajosamente libertado do jugo de um governo monárquico, só se sustentará pela prática de muitos crimes. A França já teve que os praticar e se quisesse passar por crime à virtude, isto é, de um estado violento a um pacífico, cairia numa inércia e sua ruína seria fatal. Que seria da árvore transplantada de um terreno fértil para uma charneca? Todas as

idéias estão de tal maneira subordinadas à física da natureza, que as comparações subordinadas à agricultura serão sempre válidas em moral.

Os homens mais independentes, que mais se aproximam da natureza, os selvagens, entregam-se diariamente ao assassinio. Em Esparta, na Lacedemônia, caçavam-se os dotas, como na França as perdizes. Em Mindanau, quem assassina é considerado bravo e premiado com um turbante; entre os Caraguos é preciso ter matado sete para ser digno de igual prêmio; os habitantes de Bornéu crêem que todos aqueles que por eles tiverem sido assassinados os servirão depois de mortos; os fanáticos espanhóis faziam votos a São Tiago de Compostela de matar doze americanos por dia; no reino de Tanguti escolhia-se um homem forte e vigoroso ao qual era permitido em certos dias do ano matar todos quanto encontrasse. Haveria povo mais amigo do assassinio que o Judeu? É o que se deduz de todas as paginas de sua história.

O imperador e os Mandarins da China tomam medidas para revoltar o povo afim de cometer horríveis hecatombes. Que este povo efeminado se livre do jogo dos tiranos! Os assassinatos públicos são permitidos em Gênova, Veneza, Nápoles, Albânia. Em Kachau, os assassinos, vestidos de um modo particular, esganam publicamente os indivíduos que lhes são indicados. Os habitantes da Índia tomam ópio para ganhar coragem e se precipitam pelas ruas massacrando tudo que encontram. Viajantes ingleses dizem o mesmo da Batavia.

Que povo foi ao mesmo tempo maior e mais cruel do que os romanos e que nação conservou por mais tempo seu esplendor e sua liberdade? O espetáculo dos gladiadores provocava-lhes coragem; tomavam-se guerreiros pelo hábito de fazer da matança um brinquedo; mil e duzentas a mil e quinhentas vítimas diárias enchiam o circo. As mulheres, mais cruéis que os homens, exigiam que os moribundos caíssem com graça nas convulsões da agonia. Os romanos passaram daí a outros prazeres, tais como o de verem anões que se entre-matavam. Quando o culto cristão, sujando a terra, veio persuadir os homens que se não devia matar, os tiranos encadearam esse povo. Em toda parte acreditavam que o assassino, o homem que dominava sua sensibilidade ao ponto de matar seu semelhante, que afrontava a vingança pública ou particular, era corajoso e, portanto, precioso, num governo guerreiro ou republicano.

Outras nações ainda mais ferozes imolavam crianças e isso fazia parte de suas leis. Povos selvagens matam os recém-nascidos e freqüentemente, seus próprios filhos; esses atos, comuns em todo universo, em alguns casos são incluídos nos códigos de leis desses povos. Nas margens do Orenoco, as mães matam as filhas para que se não casem com selvagens dessa região. Na Trapobana e no Reino de Sopite, as crianças disformes eram imoladas pelos pais. Em Madagascar as crianças nascidas em certos dias da semana eram lançadas às feras. Nas repúblicas da Grécia eram imoladas as crianças não suficientemente fortes para um dia defenderem a república: lá ninguém achava necessário erigir casas dispendiosas para conservar a escoria e o rebotalho da humanidade ¹. Até a mudança da sede do Império, todos os romanos que não queriam alimentar seus filhos jogavam-nos fora. Os antigos legisladores abandonavam à morte as crianças; nenhum código reprimia os direitos que o pai se arrogava sobre a família. Aristóteles aconselhava o aborto; esses antigos republicanos, cheios de entusiasmo e ardor pela pátria ignoravam a compaixão individual que domina as nações modernas: amavam menos as crianças e mais a pátria. Em todas as cidades chinesas, encontram-se cada manhã uma quantidade de crianças abandonadas pelas ruas; são jogadas numa carroça e depois num fosso; muitas parteiras ajudam as mães afogando recém nascidos em tinas de água fervendo ou jogando-os ao rio. Em Pequim, são pastas em cestinhos que se abandona nos canais; o famoso explorador Duhalde calcula em mais de trinta mil o número de corpos encontrados em cada limpeza desses canais. Não se pode negar que é preciso pôr um dique à população num governo republicano; por motivos contrários, é preciso encorajá-la numa monarquia, onde os tiranos, sendo ricos em razão do número de escravos, têm necessidade de homens. É preciso não multiplicar uma população em que cada ser é um soberano. As revoluções tem sempre por motivo uma população demasiado numerosa. Se, para o esplendor de um Estado, concedeis a vossos guerreiros o direito de destruir homens, para a conservação desse mesmo Estado concedei a cada indivíduo o direito de se desfazer das crianças que não possam nutrir, ou das que não possam ser úteis ao governo. Concedei-lhes que se desfaçam sob sua própria

responsabilidade, de todos os inimigos que lhe possam ser nocivos, pois o resultado de todas essas ações será conservar a população em estado de moderação e nunca deixar que ela cresça demasiadamente de modo a derrubar o governo. Os monarquistas afirmam que um Estado é grande pela sua população; esse Estado será sempre pobre se a população exceder os meios de subsistência, e, sempre florescente se, contendo-a nos justos limites, puder traficar com o excedente; não é preciso, para conservar o tronco, podar os ramos supérfluos? Todo o sistema que se afastar desses princípios será uma extravagância, cujos abusos nos conduzirão à subversão total do edifício que construímos com tanto trabalho. Não é quando o homem já está criado que devemos destruí-lo para diminuir a população; é injusto abreviar os dias de um indivíduo perfeito: mas não é injusto impedir a vida de um mal-conformado. A espécie humana deve ser selecionada no berço, único meio razoável de diminuir uma população que, por mais extensa, se tomaria perigosa. Caminhemos para a conclusão.

(1) É preciso esperar que a nação acabe com essa despesa, a mais inútil de todas; todo indivíduo que nasce sem as qualidades necessárias para se tomar útil à república, não tem nenhum direito a conservar a vida e o que de melhor se há de fazer é rouba-la no momento mesmo em que ele a recebe.

O assassínio deve ser castigado com o assassínio? Não, sem dúvida. Só se deve impor ao assassino a vingança que os amigos ou a família do assassinado possam tomar. Toda base da lei contra os assassinos está nessas palavras sublimes de Luiz XV a Charolais, que matara um homem para se divertir: "Concedo-lhe o perdão, mas também o concedo a quem o matar". Numa frase tão divina como esta, encontram-se todas as bases da lei contra os assassinos ¹.

(1) A lei sálica punia o assassinato com uma simples multa, e como o culpado sempre encontrava meios de pagá-la, o Rei da Áustria, decretou a pena de morte não aos assassinos, mas àqueles que não pagavam a tal multa. A lei ripuária também só ordena, contra esse ato, o pagamento de uma multa, proporcional ao indivíduo assassino. Era bem caro matar um padre: o assassino deveria pagar em ouro o peso equivalente de uma túnica de chumbo que lhe servisse; caso contrário, o culpado e sua família se tomariam escravos da Igreja.

O assassínio é um mal necessário, nunca criminoso; por isso, é preciso tolerá-lo num Estado republicano. Todo o universo nos dá um exemplo dele; mas, será que devemos considerá-lo como uma ação passível da punição de morte? Os que responderem ao dilema seguinte terão satisfeito a pergunta: o assassínio é ou não um crime?

Se não é, para que fazer leis que o castiguem? Se é, por que bárbara e estúpida inconseqüência deve ser punido por um crime igual?

Só nos resta falar dos deveres do homem para consigo mesmo. Como o filósofo só cumpre seus deveres na medida em que eles contribuem para seu prazer e conservação, é inútil recomendar-lhes a prática e mais inútil ainda castigar aqueles que não os obedecerem. O único delito que o homem pode cometer contra si mesmo é o suicídio. Não perderei tempo aqui em provar a imbecilidade daqueles que disso fazem um crime. Leiam a famosa carta de Rousseau, os que tiverem dúvidas sobre o assunto. Quase todos os povos antigos autorizavam o suicídio pela política e pela religião. Os atenienses expunham no areópago as razões que tinham para se matar e depois se apunhalavam. Todas as repúblicas da Grécia toleravam o suicídio; ele entrava no código dos antigos legislados; os indivíduos matavam-se em público, fazendo da morte um espetáculo aparatoso. A república de Roma encorajava o suicídio; não passavam disso os famosos sacrifícios pela pátria. Quando Roma foi tomada pelos gauleses muitos senadores romanos preferiram a morte. Retomando esse espírito, devemos adotar suas virtudes. Um soldado matou-se durante a campanha de 1792 por não poder seguir com os camaradas para a batalha de Jemmapes. Incessantemente colocados à altura desses altivos republicanos, sobrepujaremos suas virtudes. É o governo que faz o homem. Um longo hábito de despotismo tinha comprometido, depravado, nossos costumes; nós renascemos. Veremos logo de que ações

sublimes são capazes o gênio e o caráter francês quando livres. Sustentemos ao preço de nossas fortunas e de nossas vidas esta liberdade que já nós custou tantas vidas. Não lamentemos nenhuma se conseguirmos nosso objetivo; elas se sacrificaram voluntariamente. Que esse sangue não seja inútil! Unamo-nos para não perder o fruto de tantas vitórias. Fundemos leis excelentes sobre as vitórias conquistadas. Nossos primeiros legisladores, ainda escravos do déspota que acabamos de liquidar, só nos tinham dado leis dignas desse tirano que eles ainda incensavam. Reconstruamos-lhes a obra, pensando que vamos trabalhar para republicanos e filósofos. Que nossas leis sejam doces e suaves como o povo que devem beneficiar.

Patenteando aqui, como acabo de fazer, a significância e a indiferença de uma quantidade de ações que nossos antepassados olhavam como criminosas, porque seduzidos por uma falsa religião, reduzo o nosso trabalho a pouca coisa. Façamos leis, mas que sejam boas. Não se trata de multiplicar os freios, não se trata de dar-lhes um caráter indestrutível. Promulguemos leis que façam a tranquilidade e a felicidade do cidadão assim como o brilho a república. Depois de ter escorraçado o inimigo de vossas terras, franceses, eu não desejaria que o ardor em propagar vossos princípios vos conduzisse longe demais; não é senão a, ferro e a fogo que podereis levá-los aos confins do universo. Antes de chegar até lá lembrai-vos do insucesso das cruzadas. Quando o inimigo estiver do outro lado do Reno guardai vossas fronteiras, ficai na vossa casa; reanimai o comércio, aumentando a energia e o mercado de vossas manufaturas, fazei reflorir as artes e a agricultura, tão necessárias num governo como o vosso, cujo espírito deve ser fornecer tudo ao mundo sem necessidade de auxílio. Os tronos da Europa desmoronarão por si mesmos; vosso zelo e prosperidade os destruirão sem maior esforço.

Invencíveis em vosso território, o modelo de todos os povos pela vossa polícia e pelas vossas leis, não haverá governo no mundo que não vos queira imitar, que não se honre com a vossa aliança. Mas se, pela honra vã de levar ao longe vossos princípios, abandonardes o cuidado de vossa própria felicidade, o despotismo, que apenas dorme, acordar-se-à, sereis dilacerados por lutas intestinas, exauridas serão vossos soldados e vossas finanças. E tudo isto para novamente vos submeter aos ferros dos tiranos, que vos terão subjugados durante vossa ausência; tudo o que desejais pode ser conseguido sem que seja preciso deixar vossos lares: que os outros povos vejam que sois felizes e procurarão a felicidade seguindo o caminho que vós lhes tiverdes traçado.

EUGÊNIA a Dolmancé - Eis o que pode chamar uma obra cheia de sabedoria: está tão de acordo com os seus princípios, sob tantos aspectos, que sou levada a acreditar que seja de sua autoria.

DOLMANCÉ - De fato estou de acordo com uma parte destes raciocínios. Tudo o que tenho dito o prova, e esta leitura pode ter parecido até mesmo uma repetição...

EUGÊNIA - Não creio; nunca é demais repetir verdade. Parece-me entretanto, que alguns destes princípios são um pouco perigosos.

DOLMANCÉ - No mundo só são perigosos a piedade e a benevolência. A bondade não passa de uma fraqueza que a ingratidão e a impertinência dos fracos forçam sempre os que a praticam a se arrepender. Que um bom observador se ponha a calcular todos os perigos da piedade e os compare com os de um calmo egoísmo, e verá logo as vantagens que este pode oferecer. Mas nós estamos indo muito longe, Eugênia. Procuremos resumir, para sua edificação, num único conselho, tudo o que acabamos de ver. Não ouça nunca seu coração, minha criança. É o mais falso guia que a natureza nos poderia dar; fechai-o cuidadosamente aos apelos falaciosos da ternura. Mais vale recusar aquele que de fato tenha sido feito para interessá-la, do que arriscar-se e se entregar a um celerado, a um intrigante ou a um charlatão; uma resultaria em bobagens, mas a outra poderia trazer os maiores inconvenientes.

MIRVEL - Que me seja permitido, peço-vos, retomar os princípios de Dolmancé e aniquilá-los, se puder... Como esses seriam diferentes, homem cruel, se privado desta imensa fortuna que lhe fornece continuamente os meios de satisfazer suas paixões, fosse você obrigado a viver alguns

anos sob o acabrunhante infortúnio que seu feroz espírito reserva para os miseráveis, culpando-os, ainda, disto. Lance um olhar de piedade sobre eles e não contrinja sua alma ao ponto de torná-la flexível aos apelos desesperados da miséria. Enquanto seu corpo, cansado unicamente da volúpia, repousa largamente sobre o leito macio, procure ver os deles, esgotados pelos trabalhos que lhe tomam possível essa vida, procurar descanso sobre um punhado de palha para se defender do frio e da umidade da terra, que eles só possuem, como os animais, a fria superfície onde se estendem. Cercado de suculentas iguarias, com as quais todos os dias vinte discípulos de Comus despertam sua sensualidade, deite um olhar sobre estes desgraçados que disputam aos lobos, nos bosques, a amarga raiz de um solo ressequido. Quando a diversão, as graças e os risos conduzirem ao seu leito impuro os mais encantadores ídolos do templo de Citêra, olhe para o miserável estendido ao lado de sua triste esposa, satisfeito dos prazeres que colhe em meio de lágrimas, sem mesmo suspeitar da existência de outros. Olhe-o enquanto você, não se recusando nada, mergulha no seio do supérfluo. Vejam, repito, aquele que não pode atender, a cada passo, as necessidades primárias da existência. Lance um olhar sobre sua família desolada; atente sobre sua trêmula esposa, que se desdobra com ternura entre os cuidados que dedica ao marido, inerte a seus pés, e os que a natureza impõe para com os rebentos de seu amor. Ouça-a sem estremecer, se o puder, reclamar-lhe este supérfluo que sua crueldade lhe recusa, ela, que está privada da possibilidade de satisfazer os deveres mais sagrados para sua alma sensível!

Bárbaro! Não serão eles homens como você? E se são seus semelhantes, por que hás de gozar enquanto eles fenecem? Eugênia, Eugênia, não extinga jamais em sua alma a voz sagrada da natureza: ela a conduzirá à prática do bem a despeito de si mesma, quando você libertar seu coração do fogo das paixões que o absorvem. Deixemos de lado os princípios religiosos, concordo, mas não abandonemos as virtudes que a sensibilidade nos inspira. Só as praticando é que nós provaremos os mais doces e deliciosos prazeres da alma. Todos os desmandos serão resgatados por uma única obra, ela extinguirá os remorsos que sua conduta lhe tenha feito sentir e criará, no fundo de sua consciência, um asilo sagrado em que você se recolherá sobre si mesma de vez em quando. Você encontrará aí consolação para as desgraças a que seus erros a terão levado. Minha irmã, sou jovem, libertino, ímpio, capaz de todos os desregramentos do espírito, mas tenho ainda coração. Ele é puro e é com ele, meus amigos, que eu me consolo de todos os caprichos de minha idade.

DOLMANCÉ - Sim, Mirvel, você é jovem. Seu discurso o prova, falta-lhe experiência. Quero ouvi-lo quando ela o tiver amadurecido; então você não falará tão bem dos homens porque os terá conhecido. Foi sua ingratidão que secou meu coração, sua perfídia que destruiu em mim estas virtudes funestas para as quais, quem sabe, eu teria nascido como você. Ora, se os vícios de uns tomam estas virtudes perigosas nos outros, não se terá prestado um serviço à mocidade extinguindo-a nela o mais cedo possível? Fala-me você do remorso! Pode ele existir na alma de quem não reconhece a existência de crimes? Que seus princípios os sufoquem, se teme seus aguilhões! Ser-lhe-à possível arrepender-se duma ação de cuja indiferença esteja profundamente convencido? Desde que não acredite no mal, de que mal se poderá arrepender?

MIRVEL - Não é do espírito que vêm os remorsos, eles são frutos do coração e jamais os sofismas intelectuais hão de extinguir os movimentos da alma.

DOLMANCÉ - O coração engana porque expressa unicamente os falsos cálculos do espírito; que este amadureça e o outro cederá imediatamente. Sempre que queremos raciocinar, as falsas definições nos afastam; por mim, não sei o que seja o coração. Dou este nome às fraquezas do espírito: uma só e única chama arde em mim. Quando estou são e firme, ele não me engana jamais. Sou velho, hipocondríaco e pusilânime? Ele me engana? Direi, então, que sou sensível quando, no fundo, só sou fraco e tímido? Ainda uma vez, Eugênia; que esta pérfida sensibilidade não a domine. Ela só representa fraqueza de alma. Só choramos porque temos medo e por isso os reis são tiranos. Rejeite, deteste, pois, as pérfidos conselhos do Cavalheiro. Aconselhando-a a abrir seu coração a todos os males imaginários dos infortúnio, ele lhe ocasionará sofrimentos que, não lhe sendo próprios, a torturariam em pura perda. Acredite-me, Eugênia, acredite que os prazeres que nascem da apatia valem tanto quanto as que a

sensibilidade nos proporciona. Esta só toca o coração por um lado, enquanto que a apatia o acaricia e empolga por todos os lados. Podem os gozos permitidos comparar-se aos que reúnem, em atrativos muito mais picantes, os apreciáveis encantos da ruptura dos freios sociais e da infração de todas as leis?

EUGÊNIA - Você triunfa, Dolmancé, você o sobrepuja! Os discursos do Cavalheiro apenas me roçaram a alma; o seu empolga e seduz. Acredite, Cavalheiro, dirija-se antes às paixões do que às virtudes, quando quiser persuadir uma mulher.

MADAME, ao Cavalheiro - Sim, meu amigo, foda-nos bem, mas não nos faça discursos. Você não nos converteria e, sim, perturbaria as lições com que desejamos alimentar a alma e o espírito desta encantadora jovem.

EUGÊNIA - Pertubar? Oh, não nunca! Vossa obra está concluída. Aquilo que os imbecis chamam de corrupção está suficientemente enraizado em mim para não deixar nenhuma esperança de que eu volte atrás. Vossos princípios estão muito bem gravados em meu coração para que os sofismas do Cavalheiro consigam destruí-los.

DOLMANCÉ - Ela tem razão. Não falemos mais disso, Cavalheiro. Você ficaria contrariado e, afinal, nós queremos que você se saia bem.

MIRVEL - Está bem. Nós estamos aqui para um fim muito diverso, sei disso, do que aquele que eu pretendia. Tratemos de chegar a ele, consinto. Guardarei minha moral para aqueles que, menos exaltados que vós, estejam em condições de entendê-la.

MADAME - *Sim*, meu irmão, sim; nós só queremos aqui sua porra, dispensamos sua moral: ela é por demais doce para gente de nossa espécie.

EUGÊNIA - Receio, Dolmancé, que esta crueldade que você preconiza com tanto calor, influencie seus prazeres. Parece-me mesmo, que já o percebi: você é cruel em prazeres. Eu mesma sinto alguma disposição para este vício. Diga-me, para me esclarecer a respeito, como encara você o objeto que serve a seus prazeres?

DOLMANCÉ - Para mim não valem nada, minha cara. Que eles participem ou não dos meus gozos, que experimentem satisfação, apatia ou mesmo dor, são-me absolutamente indiferentes, desde que eu seja feliz.

EUGÊNIA - Aliás é muito melhor que ele sofra, não é verdade?

DOLMANCÉ - Sem dúvida, é melhor. Já lhe disse: o espetáculo da dor tem uma repercussão mais ativa sobre nós e orienta muito mais enérgica e rapidamente os espíritos animais na direção que lhes é necessária para atingir a volúpia. Abra os serralhos da África, os da Ásia, os da Europa meridional e veja se os chefes destes haréns célebres se preocupam muito, quando fomicam, em proporcionar prazer aos indivíduos que os servem. Eles ordenam? Obedecemos. Eles gozam? Não ousam responder-lhes. Saciaram-se? Todos se afastam. Há alguns deles que puniriam como uma falta de respeito a audácia de participar de seu prazer. O rei de Achem mandava, impiedosamente, cortar a cabeça da mulher que tivesse ousado se distrair em sua presença a ponto de gozar e, quase sempre, ele mesmo lhe cortava a cabeça. Este déspota, um dos mais singulares da Ásia, tinha apenas mulheres como guardas. Transmitia-lhes ordens apenas por sinais e punia com a morte mais cruel aquelas que não o atendiam. Os suplícios eram executados ou por sua própria mão, ou sob suas vistas.

Tudo isto, minha cara Eugênia, está absolutamente de acordo com os princípios que eu já lhe expus. Que desejamos quando estamos a gozar? Que todos aqueles que nos cercam não se ocupem senão de nós, só pensem em nós e só cuidem de nós. Se os objetos que nos servem gozam também, ei-los, desde logo, muito mais ocupados consigo mesmos do que conosco - e nosso prazer é, conseqüentemente, menor. Não há um só homem que não deseje ser um déspota quando copula. Parece que o prazer diminui quando os outros participam dele. Levado por um impulso muito natural de orgulho, neste instante, ele desejaria ser único no mundo a experimentar o que sente. A idéia de ver um outro gozar como ele submete-o a uma espécie de igualdade que prejudica os inefáveis prazeres que o despotismo) proporciona então. Aliás é falsa, a idéia de que, ao proporcionar prazer aos outros, nós também o sintamos; isto seria servi-los e, o homem que fode está longe de desejar ser útil aos outros.

Ao contrário, praticando o mal, ele experimenta todos os encontros que sente um indivíduo de temperamento nervoso ao fazer uso de sua força: ele domina, ele é **tirano**. Que diferença para o amor próprio! Não acreditemos que ele se cale neste caso. O ato de gozar é uma paixão que subordina a ela todas as outras, concordo, mas que ao mesmo tempo as reúne todas. Esta vontade de dominar, neste momento, é tão forte na natureza que, mesmo entre os animais, nós a reconhecemos. Vêde se os escravizados procriam como os que estão livres... O dromedário vai mais longe: não copula se não estiver só. Tentei surpreendê-lo - revelando, com isto, intenção de dominá-lo - e ele fugirá e se separará imediatamente de sua companheira. Se fosse intenção da natureza que o homem não tivesse esta superioridade, ela não teria feito os seres que lhe destina, para estes momentos, mais fracos do que ele. Esta fraqueza a qual a natureza condenou as mulheres prova ser sua intenção que o homem, no gozo de toda sua força, deve exercê-la para praticar todas as violências que lhe ocorra e, mesmo, se desejar, todos os suplícios. Teria o momento crítico da volúpia o caráter de violência que possui se a natureza, esta mãe do gênero humano, não tivesse a intenção de aliar o coito e a ira? Qual será o homem bem constituído, numa palavra, o homem dotado de órgãos vigorosos que não desejará, nesta ocasião, de uma maneira ou de outra, fazer sofrer sua companheira? sei perfeitamente que uma infinidade de imbecis, que jamais percebem suas próprias sensações, não compreenderão bem o sistema que instituo; mas que importam estes imbecis? Não é a eles que me dirijo. Deixo estes desenhados adoradores aos pés de suas insolentes Dulcinéias, à espera do suspiro que os fará felizes. Vis escravos do sexo que deveriam dominar, eu os abandono ao infame prazer dos grilhões que, para obedecer a natureza, deveriam, sim, impor aos outros. Que estes animais vegetem na baixeza que os avilta: em vão lhes esclareceríamos, mas que não desacreditem aqueles que podem compreendê-los, e que se convençam de que quem deseja estabelecer seus princípios de acordo com tais matérias, segundo os impulsos de uma alma vigorosa e duma imaginação sem freios, como fazemos nós dois, a senhora e eu, devem ser os únicos a serem ouvidos, os únicos a lhes prescreverem o comportamento e a lhes dar lições.

Porra! Que tesão! Chamem Agostinho, por favor! É incrível como o cu soberbo deste belo jovem não me sai da cabeça desde que comecei a falar! Todas as minhas idéias, involuntariamente, se ligavam a ele. Mostre-me esta obra prima, Agostinho... Quero beijá-la e acariciá-la ao menos um quarto de hora. Venha, meu amor, venha, que eu me torne digno, penetrando este belo cu, das chamas com que Sodoma me abrasa! Ele tem as mais brancas, as mais belas nádegas... Gostaria que Eugênia, de joelhos, lhe chupasse a pica, enquanto eu o enrabasse! Ela ofereceria assim o traseiro ao Cavalheiro, que a foderia, e Madame de Sant-Ange, à cavalo em Agostinho, me daria a bunda a beijar. Ela poderia ainda, tenho certeza, armada de um feixe de varas e curvando-se um pouco, fustigar o Cavalheiro, a quem esta estimulante cerimônia não pouparia nossa discípula. (Organiza-se a postura). Sim, é assim mesmo. É um prazer compor um quadro com vocês. Nenhum artista comporia um igual! Como este safado tem o cu estreito... Quase que não consigo penetrá-lo. Madame, me permitiria que mordesse e beliscasse suas belas carnes, enquanto fodo?

MADAME - Quando quiser, meu amigo. Mas aviso-o de que não o farei esperar pela vingança. Cada vez que você me machucar, juro que lhe soltarei um peido na boca.

DOLMANCÉ - Puxa, que ameaça... Fará que eu a machuque mais ainda (Morde-a). Vamos ver se você cumpre a palavra! (Recebe um peido na boca). Porra, que gostoso! Como é delicioso! (Dá-lhe um tapa e recebe imediatamente outro peido na cara). Oh, como é divino, meu anjo! Reserve alguns para o momento da crise... Fique certa de que a tratarei, então, com toda a crueldade, toda a barbárie... Porra! Não me aguento.. Estou acabando... (Ele a morde, bate e ela não cessa de peidar). Veja como a trato, safada, como a domino! Tome mais esta... E mais esta... Que o último insulto seja ao próprio ídolo a que sacrifiquei. (Morde-lhe o olho do cu. A composição se desfaz). E vocês que fizeram, meus amigos?

EUGÊNIA, expelindo a porra que tem no cu e na boca: Meu caro mestre, veja como seus alunos me deixaram: tenho o traseiro e a boca cheios de porra, verto porra por todos os lados.

DOLMANCÉ, vivamente - Um momento... Quero receber na boca o que o Cavalheiro lhe depositou no cu.

EUGÊNIA, pondo-se em posição - Que extravagância!

DOLMANCÉ - Nada é tão gostoso como a porra que sai do fundo de um belo cu. É um manjar digno dos deuses. (Engole). Vejam como faço. (Aproximando-se de Agostinho, cujo cu beija).

Peço-vos permissão, senhoras, para, em companhia desse jovem, passar ao gabinete vizinho.

MADAME - Será que você não pode fazer aqui mesmo, com ele, tudo o que quiser?

DOLMANCÉ, baixo e misteriosamente - Não. Há coisas que exigem segredo.

EUGÊNIA - Ao menos nos diga o que vai fazer.

MADAME - Não os deixarei sair se não nos contarem.

DOLMANCÉ - Querem, mesmo, saber?

EUGÊNIA - Que dúvida...

DOLMANCÉ, trazendo Agostinho - Pois bem, senhoras, eu vou... Mas, sinceramente, isto não se pode confessar!

MADAME - Haverá alguma infâmia neste mundo que não sejamos dignas de conhecer e executar?

MIRVEL - Escute, minha irmã, eu vou lhe dizer (Fala baixo).

EUGÊNIA, aparentando repugnância - Tem razão, é Horrível

MADAME - Eu desconfiava.

DOLMANCÉ - Vejam que eu tinha razão para não querer revelar esta fantasia. É preciso estar só e nas sombras para se entregar a estas torpezas.

EUGÊNIA - Quer que eu lhe acompanhe? Eu o masturbarei enquanto você se divertir com Agostinho.

DOLMANCÉ - Não, não, este é um assunto de honra que só deve ser tratado por homens, uma mulher nos atrapalharia... Até logo, senhora. (Sai, levando Agostinho).

SEXTO DIÁLOGO

Madame, Eugênia e o Cavalheiro

MADAME - Realmente, meu irmão, é impossível ser mais libertino do que seu amigo!

MIRVEL - Não me pode acusar de tê-la enganado: disse-lhe toda a verdade.

EUGÊNIA - É encantador! Quero encontrá-lo sempre, pois não há ninguém igual no mundo.

MADAME - Estão batendo, quem será? Proibi que me incomodassem senão por motivo urgente. Veja quem é, Mirvel.

MIRVEL - Lafleur trouxe esta carta. Não esqueceu suas ordens e retirou-se o mais depressa possível. Acha, porém, que este caso deve ser importante.

MADAME - Quem poderá ser? Ah, é de seu pai.

EUGÊNIA - De meu pai? Estou perdida, então!

MADAME - Vamos ler primeiro, antes de nos desesperarmos. (Lê): "Minha insuportável mulher, alarmada pela demora de minha filha em sua casa, parte incontinenti à sua procura. Imagina coisa horríveis, que, mesmo que fossem certas, seriam simplesmente naturais. Peço-lhe que castigue minha mulher com todo o rigor. Ontem já a castiguei bastante, mas nada obtive. Pode agir como bem lhe parece que jamais me queixarei. Há muito estou cansado de suportar essa puta, tudo quanto a senhora fizer acharei perfeito. Compreenda-me... Esteja atenta, que ela não tardará a chegar.

Só sinto não estar presente para melhor ajudar a senhora. Eugênia só deve voltar perfeitamente instruída. Concedo-lhe as primícias, mas pode estar segura de que trabalhou para mim..." Veja, Eugênia, nada temos a recear, mas que mulher insolente é sua mãe!

EUGÊNIA - Que puta! Mas desde que meu caro pai nos dá carta branca, receberemos essas imunda como merece.

MADAME - Beije-me, querida, gosto das suas boas disposições. Fique tranquila; aqui não a pouparemos. Desejava uma vítima, Eugênia; aqui tem uma, dada ao mesmo tempo pelo destino e pela natureza.

EUGÊNIA -juro que gozaremos o mais possível de tal vítima!

MADAME - Estou louca para ver como Dolmancé receberá esta boa notícia.

DOLMANCÉ, chegando com Agostinho - Recebê-la-ei com justa alegria, senhoras. Não estava muito longe daqui e ouvi tudo. Madame Mistival não poderia chegar mais a propósito. A senhora está bem decidida a cooperar com seu marido, não é?

MADAME - Cooperar é pouco, irei além do que me pede. Que um buraco se abra para me tragar se eu hesitar um momento em fazer dessa puta tudo quanto vocês decidirem. Caro Dolmancé, dirija tudo isso à sua vontade, é o que lhe suplico.

DOLMANCÉ - Deixe tudo por minha conta; só lhe peço obediência e não se arrependerá. A insolente criatura jamais imaginou o que a espera!

MADAME - Nunca houve coisa igual. Vamos esperá-la mais decentemente vestidos?

DOLMANCÉ - Pelo contrário, assim que ela entrar deve compreender como fazíamos sua filha passar o tempo. Fiquemos no maior desalinho possível.

MADAME - Ouço ruído, é ela. Coragem, Eugênia, lembre-se dos bons princípios que lhe ensinamos. Que deliciosa cena vamos representar, por Deus!

SÉTIMO E ÚLTIMO DIÁLOGO

*Madame de Saint Ange, Eugênia, Mirvel,
Agostinho, Dolmancé, Madame de Mistival*

MADAME DE MISTIVAL a Madame de Saint-Ange Queira perdoar, chego sem prevenir, mas soube que minha filha estava aqui. Ela não deve andar sozinha na sua idade. Vim reclamá-la, espero que não desaprová-me meu ato, minha senhora.

MADAME - Seu ato é dos mais grosseiros. Dirse-ia, ouvindo-a, que sua filha não se encontra em boa companhia!

MADAME DE MISTIVAL - Se devo julgar pelo que vejo, tenho toda a razão pensando desse modo.

DOLMANCÉ - Começa mal, madame. Sem conhecer bem as laços que existem entre a senhora e Madame de Saint-Ange, posso afamar que se fosse ela, já a teria feito arremessar pela janela afora, pelos meus criados.

MADAME DE MISTIVAL - Jogar-me pela janela! Uma senhora da minha qualidade! Não o conheço nem quero saber quem seja, basta olhá-lo nesse desalinho e ouvir suas palavras loucas, para bem julgar dos seus imundos hábitos. Siga-me, Eugênia!

EUGENIA - Peço-lhe perdão, madame, mas declino dessa honra e aqui ficarei.

MADAME DE MISTIVAL - Como? Minha filha me desobedecendo e resistindo?

DOLMANCÉ - Resistirá formalmente como está vendo e ouvindo, Madame. Mas não se preocupe com isso. Quer que eu vá buscar varas de marmelo para castigar essa criança mal comportada?

EUGÊNIA - Pode ir buscá-las, mas com elas fustigaremos Madame de Mistival.

MADAME DE MISTIVAL - Que criatura insolente, contenha-se, atrevida!

DOLMANCÉ, aproximando-se - Cuidado, beleza, contenha-se. Nós protegeremos Eugênia e a senhora se arrependerá de suas ameaças.

MADAME DE MISTIVAL - Como? Minha filha me desobedece e não hei de exercer os direitos que tenho sobre ela?

DOLMANCÉ - Que direitos são esses? Quando Mistival ou qualquer outro macho lançou-lhe na vagina as gotas de esperma que fizeram desabrochar Eugênia, a senhora estava pensando na filha ou no prazer do momento? Por que lhe deve ser grata se a senhora a concebeu no momento em que lhe fodiam a péssima babaca? Nada mais ilusório do que os sentimentos dos filhos para com os pais e vice-versa. Em muitos países é comum matar as crianças que nascem, ou matar os pais velhos e inúteis. Se os movimentos de amor recíproco fossem naturais, a voz do sangue não seria uma quimera. Pais e filhos se adivinhariam, se distinguiriam sem se ter jamais vistos, em meio das mais numerosas assembléias. Em vez disso, que observamos? Ódios recíprocos e inveterados, filhos que, desde a infância, jamais puderam tolerar seus pais; pais que mal suportam a vista e a presença de seus filhos. Claro está que tudo isso é ilusão, tolices prescritas pelo uso e pelos costumes, hábitos contra a natureza que jamais imprimiu tal coisa nos corações humanos. Os animais (que sempre devemos consultar) não conhecem os pais desde que deixam de mamar. Os pais podem ficar tranqüilos sobre as pretendidas injustiças que recebem dos filhos, estes não passam de algumas gotas de esperma vertidas só pelo prazer. Os pais nada devem aos filhos e vice-versa, uns e outros estão no mundo para se divertirem e nada mais. Piedade, reconhecimento, gratidão, amor, tudo isso não passa de lorotas. Cada um que trabalhe para si e que se arranje na vida. A maior das tolices seria a gente se preocupar com cuidados e socorros que não nos devemos mutuamente, nem de pais a filhos, nem de filhos a pais. Sejam inspirações do uso ou efeitos morais do caráter, é dever abafar sem remorsos tão absurdos sentimentos locais, frutos de costumes climatéricos que a natureza reprova e a razão elimina.

MADAME DE MISTIVAL - E os cuidados que lhe dispensei, a educação que lhe dei?

DOLMANCÉ - Os cuidados são inspirados apenas pelo uso e pelo orgulho; por isso mesmo Eugênia nada lhe deve por eles. Quanto à educação, deve ter sido bem má, pois somos obrigados a reconsiderar todos os princípios que a senhora lhe inculcou. Não há um só deles que trabalhe para a sua felicidade, tudo é absurdo e quimérico. A senhora lhe falou num Deus que não existe, numa virtude desnecessária, inútil; na religião, como se todos os cultos não fossem senão o resultado da postura do forte e da imbecilidade do fraco; de Jesus Cristo, como se esse safardana fosse alguma coisa mais do que um celerado hipócrita. A senhora lhe disse que foder é pecado, quando foder é o ato mais delicioso da vida; a senhora quis inculcar-lhe bons costumes como se o deboche e a imoralidade não fossem a base de toda a ventura. A mulher é tanto mais feliz quanto mais se lançar na foda e na libertinagem. Viva aquela que desafia todos os preconceitos e arremessa para bem longe o cuidado com a reputação! Desengane-se, senhora, nada fez por sua filha, só tem cooperado para sua ignorância e infortúnio; Eugênia nada lhe deve senão ódio e desprezo.

MADAME DE MISTIVAL - Ó céus, minha filha está perdida! Eugênia, ouça pela última vez as súplicas daquela que lhe deu a vida, são preces, minha filha, não são ordens. Você está perdida entre esses monstros, fuja deles, siga-me! É de joelhos que lhe peço! (Atria-se de joelhos diante da filha).

DOLMANCÉ - Agora temos lágrimas ridículas... Enterneça-se, Eugênia...

EUGÊNIA, pondo-se nuazinha - Eis aqui minhas nádegas, mãezinha. Estão ao nível da sua boca, beije-as, sugue-as, é tudo quanto posso fazer para seu bem estar. Dolmancé, lembre-se de que serei sempre digna do título de sua disciplina.

MADAME DE MISTIVAL, afastando a filha com horror - Monstro, renego-a para sempre!

EUGÊNIA - É pouco, junte-me sua maldição, minha querida mãe! Assim a súplica ficará mais tocante! Continuarei na minha fleuma...

DOLMANCÉ - Vamos devagar, senhora! Acaba de insultar Eugênia e já avisei que ela está sob minha proteção e que a castigarei. Vamos pô-la nuazinha para que receba o castigo que sua brutalidade merece.

MADAME DE MISTIVAL - Como? Tirar minha roupa?

DOLMANCÉ - Agostinho, você será a camareira da senhora, já que ela resiste. (Agostinho começa brutalmente a despí-la. Ela se defende).

MADAME DE MISTIVAL a Madame de Saint-Ange - A senhora permite que me tratem desse modo na sua casa? Todos saberão dos seus baixos procedimentos!

MADAME - Duvido que a senhora chegue a poder se queixar a alguém...

MADAME DE MISTIVAL - Justos céus, pretendem matar-me aqui?

DOLMANCÉ - Por que não? Que mal haverá?

MADAME DE SAINT-ANGE - Um instante. Antes de expor o corpo dessa pudica beleza, quero avisar os amigos do estado em que se encontra. Eugênia contou-me ao ouvido que ontem o senhor Mistival deu-lhe uma boa sova, por causa de algumas brigas do casal. Veremos um cu transformado em papel amassado.

DOLMANCÉ, contemplando madame nua - É verdade! Há quanto tempo não tenho 'o prazer de contemplar carne tão maltratada, e não foi somente atrás, adiante também! Esse cu, não obstante, é bonito. (Agarra-o e bolina-o).

MADAME DE MISTIVAL - Larguem-me, ou gritarei por socorro!

MADAME DE SAINT-ANGE, aproximando-se e agarrando-a pelo braço - Ouça, puta, enfim vou instruí-la. Você é uma vítima mandada pelo próprio marido; tem que sofrer e tolerar tudo. Nem sabemos ainda o que faremos com você; se será esganada, enforcada, esartejada, queimada viva ou supliciada na roda. Tudo depende de sua filha, ela pronunciará a sentença... Mas, uma cadela da sua espécie só acabará duma vez depois de ter sofrido aos bocadinhos todas as torturas. Quanto aos gritos pode crer que serão inúteis; ninguém ouviria ruído algum, mesmo se aqui matassemos um touro. Seu marido nos autorizou a fazermos tudo.

EUGÊNIA - E ainda somos muito complacentes e amáveis, previnando-a de tudo.

DOLMANCÉ, apalpando-a e batendo-lhe na bunda Vê-se que tem em Madame de Saint-Ange uma amiga sincera e verdadeira, que lhe fala com franqueza. Eugênia, chegue aqui sua bunda junto da de sua mãe, quero compará-las. (Eugênia obedece). Hum, seu cu é lindo, menina, mas o de sua mãe não lhe fica atrás, ainda é potável. Quero me divertir em ambos ao mesmo tempo. Agostinho, agarre madame!

MADAME DE MISTIVAL - Meu Deus, que ofensa, que ultraje ao pudor!

DOLMANCÉ, começando por enrabá-la - Qual nada, já entrou tudo, você mal o sente... Vê-se bem que não é novidade; é caminho já trilhado por seu marido. Agora, Eugênia, ó gostosura, cu bem mais estreito, eis-me bem preparado. Agora, um pouco de método... Madame de Saint-Ange e Eugênia que amarrem os consoladores... Vocês começarão a gozar desta respeitável dama, enfiando-lhe alternadamente no olho do cu e na babaca. Seu marido deu plena autorização para agirmos a nosso bel-prazer. Agora que compreendeu bem tudo, deve estar sossegada, não é, madame? Agostinho e eu faremos o mesmo com as nossas picas. Vou começar e ainda será o cu o primeiro a receber minhas homenagens. Enquanto ela gozar, cada um de vocês lhe poderá infligir o suplício que quiser; mas devagar para que ela não morra logo. Agostinho, encabe-me para me consolar da obrigação que me cabe de sodomizar esta vaca velha. Enquanto isso, Eugênia, quero lambe seu lindo cu e acariciar o de Madame de Saint-Ange. Preciso estar circundado por cus, para agüentar o que sou forçado a penetrar.

EUGÊNIA - Enquanto você esporra nesse cu velho, a que suplício a condena?

DOLMANCÉ, que já começou a flagelá-la -A coisa mais natural que há no mundo: vou arrancar-lhe os pelos e machucar-lhe as coxas com beliscões.

MADAME DE MISTIVAL - Ai que infame, que dor! Celerado imundo! Ó Céus!

DOLMANCÉ - Grite a vontade, o céu é surdo à sua voz, como à de todos os homens; nunca o céu poderoso se incomodou com cu algum...

MADAME DE MISTIVAL - Que dor insuportável!

DOLMANCÉ - É bizarro o espírito humano; quanto mais esta vaca grita, melhor eu esporro. Com que prazer a esganaria, se não devesse deixar algum gostinho aos outros amigos. Vamos, Saint-Ange. (Madame mete-lhe o consolador no cu, dá-lhe tapas, Mirvel faz o mesmo logo depois. Chega a vez de Agostinho que também lhe dá bofetadas. Enquanto isso, Dolmancé já enfiou o membro no cu de todos os companheiros, excitando-os com palavras e gestos).

DOLMANCÉ - Agora quero ver Eugênia foder a mãe. Atenção, primeiro na velha boceta.

EUGÊNIA - Venha cá, minha linda mãe, quero lhe servir de macho. Embora este consolador seja de maior calibre que o membro de meu pai, ele entrará, não duvide. Não grite enquanto sua filha estiver a fodê-la! Enquanto isso, que Dolmancé me enrabe! Ó delícia, sou ao mesmo tempo adúltera, incestuosa, sodomita, e tanta maravilha junta, no próprio dia em que perdi o cabaço! Quantos progressos! Não pode haver marcha mais rápida na estrada florida do vício; estou completamente perdida! Ai, sinto que minha mãe está gozando também, veja bem, Dolmancé, pelo olhar vê-se que está gozando. Safada, há de aprender a ser libertina! (Aperta-lhe a garganta). Ai, Dolmancé querido, foda-me e encabe-me com mais força! Assim, eu morro de gozo! (Eugênia, ao acabar, assenta dez ou doze murros no seio e nas costas da mãe).

MADAME DE MISTIVAL - Piedade, tenham dó de mim. Morro! (Cai em vertigem, Madame de Saint-Ange quer socorrê-la, mas Dolmancé se opõe).

DOLMANCÉ - Qual o quê, deixem-na assim, é excitante ver uma mulher desfalecida. Vamos dar-lhe umas pancadas para que recupere os sentidos. Venha cá, Eugênia, deite-se sobre o corpo da vítima; quero tirar a prova da sua coragem. Mirvel vai fodê-la em cima do corpo de sua mãe, e ela há de fazer uma punheta em Agostinho e outra em mim. Enquanto isso, Madame de Saint-Ange titilará o clitóris de Eugênia.

MIRVEL - Na realidade, é demasiado o que Dolmancé nos obriga a fazer: ultrajamos ao mesmo tempo a natureza, o céu, e as mais santas leis da humanidade.

DOLMANCÉ - Nada mais divertido do que as fumaças de virtude que, de vez em quando, atacam Mirvel. Quem poderá vislumbrar no que estamos fazendo o menor ultraje à natureza, ao céu, à humanidade? Só os hipócritas é que ainda falam nisso! Já expliquei mil vezes: a natureza só pode viver em equilíbrio quando a virtude e o vício se misturam, se equivalem. Ela nos

inspira o bem e o mal, pois vive desse balanço. Só há um motor em todo o universo: a natureza que age. Os milagres, ou antes, os efeitos físicos dessa mãe do gênero humano, diferentemente interpretados pelos homens, foram por eles deificados sob mil formas, cada uma mais extravagante do que a outra. Os intrigantes e hipócritas, abusando da credulidade de seus semelhantes, propagaram as mais ridículas fantasias; é a isso que Mirvel chama de céu, e que receia ofender, homem simples e pusilânime; o que os imbecis chamam de humanidade C apenas uma fraqueza proveniente do temor e do egoísmo. Essa quimérica virtude só acorrenta os fracos; os estóicos, os corajosos, os filósofos, têm o caráter bem formado e desconhecem essa baboseira. Aja sempre, Mirvel, sem temor nem receio. Poderíamos reduzir a pó esta puta, que não haveria nisso o menor crime. É impossível ao homem cometer um crime. A natureza, embora tenha dado ao homem o desejo de cometê-los, afastou prudentemente dele as ações que pudessem prejudicar suas leis. Afirmando que tudo o mais é permitido. Nunca a natureza seria imprudente ao ponto de conceder que a perturbemos ou a atrapalhemos na sua marcha certa. Somos os instrumentos cegos de sua inspiração; todos celerados da terra não passam de agentes dos seus caprichos. O único crime estaria em desobedecer ou resistir, mesmo no caso dela nos ordenar que incendiássemos o universo. Vamos, Eugênia, deite-se sobre sua mãe. Como está pálida!

EUGÊNIA, obedecendo - Eu, pálida? Mas que idéia; bem pode ver que não! (A foda supermatre tem lugar. Quando Mirvel acaba, o grupo se desfaz).

DOLMANCÉ - Que vertigem longa, a dessa puta! Depressa, tragam-se varas de marmelo! Agostinho, colha algumas hastes espinhosas no jardim. (Dando-lhe bofetadas). Receio que já tenha morrido, tão depressa!

EUGÊNIA, zangada - Que horror! Teria que trajar luto no estilo, eu que mandei fazer tão lindos vestidos leves!

MADAME DE SAINT-ANGE, às gargalhadas - Eugênia é um monstro, que saiu melhor do que a encomenda.

DOLMANCÉ, tirando os espinhos da mão de Agostinho - Vamos ver o efeito deste santo remédio. Eugênia, chupe-me a pica enquanto faço o possível para lhe restituir a mãe, e que Agostinho me devolva os golpes que desfiro. Gostaria também de ver Mirvel enabar a irmã... Coloque-se de modo que eu possa beijar-lhe as nádegas durante a flagelação da Mistival.

MIRVEL - Obedecemos, pois não consigo convencê-lo de que tudo quanto nos ordena é horrível. (O grupo obedece Dolmancé. A Mistival açoitada volta à vida).

DOLMANCÉ - Não disse que é um santo remédio? Tinha confiança plena no seu poder.

MADAME DE MISTIVAL, abrindo os olhos - Por que não fiquei no túmulo? Por que voltar aos horrores deste mundo?

DOLMANCÉ, sempre flagelado - Ah, mãezinha, era cedo demais para morrer... É preciso que ouça sua sentença e que ela seja executada. Vamos rodear a vítima, que se ajoelhará no meio do círculo. Madame de Saint-Ange começará. (Obedecem).

MADAME DE SAINT-ANGE - Condeno-a a ser enforcada!

Mirvel - Condeno-a a ser cortada em vinte e quatro mil pedaços, costume chinês.

AGOSTINHO - Quanto a mim, basta que a rasguemos de alto a baixo.

EUGÊNIA - Minha linda mãezinha poderia ser regada com pólvora, à qual eu poria fogo.

DOLMANCÉ, em pleno sangue frio - Pois bem, amigos na minha qualidade de preceptor, comuto a sentença, mas a diferença é esta: suas sentenças eram o efeito duma mistificação, a minha tem que se realizar. Tenho um criado, possuidor dum dos mais belos membros que há na terra, mas que destila um vírus horrendo corroído por uma das mais terríveis sífilis que se possa ver nesse mundo. Ele há de lançar seu veneno nos dois condutos naturais dessa dama cara e amável, afim de que, enquanto durarem as impressões dessa terrível doença, a puta se lembre de nunca mais atrapalhar as alegrias de sua filha quando ela foder e se entregar à libertinagem. (Todos aplaudem, o tal criado aparece).

DOLMANCÉ - ao criado - Foda essa mulher que tem ótima saúde. Talvez essa foda lhe seja propícia e você lhe passe o mal; esse remédio já deu bons resultados.

LAFLEUR - Devo fodê-la diante de todos, senhor?

DOLMANCÉ - Claro, tem receio de exibir sua pica?

LAFLEUR - Claro que não; ela é de se tirar o chapéu, é linda de verdade. Vamos, senhora, aproxime-se.

MADAME DE MISTIVAL - Que horrível suplício a que sou condenada!

EUGÊNIA - É melhor isso do que morrer, mamãe. Ao menos assim, neste estilo, porei meus lindos vestidos leves...

DOLMANCÉ - Minha opinião seria que todos nós nos flagelássemos, enquanto isso Madame de Saint-Ange faria com que Lafleur metesse com mais ardor nessa velha babaca; eu flagelaria Madame, Agostinho me flagelaria, Eugênia flagelaria Agostinho, que será vigorosamente flagelado por Mirval. (Assim fazem. Quando Lafleur acaba de foder na frente, o patrão ordena-lhe que o faça no traseiro).

DOLMANCÉ, quando tudo está consumado - Muito bem, Lafleur, tome lá dez luizes. Essa inoculação é melhor que as de Tronchin!

MADAME DE SAINT-ANGE - Esse veneno assim inoculado não deve sair, seria conveniente que Eugênia costurasse com cuidado o cu e a boceta maternas, assim o vírus concentrado será menos sujeito a se evaporar e calcinará os ossos mais prontamente.

EUGÊNIA - Ótima idéia, depressa! Agulha e um fio longo. Afaste as coxas, mãe; vou costurá-la para que não me dê mais irmãozinhos. (Madame dá-lhe uma agulha grossa da qual pende um fio vermelho e encerado. Eugênia cose).

MADAME DE MISTIVAL, gemendo - Ai que dor!

DOLMANCÉ - Idéia genial; meus parabéns! Confesso que não me teria ocorrido.

MIRVEL -A putinha nova fará sair sangue da puta velha!

EUGÊNIA, dando largos pontos nos grandes lábios, na parte interna da vulva, no púbis e na barriga - Não é nada, mamãe, é só experimentar a agulha.

DOLMANCÉ, fazendo-se punhetear-se por Madame durante essa operação - Vejam só que tesão! Eugênia, mais pontos para que os efeitos se multipliquem.

EUGÊNIA - Darei duzentos se você exigir. Mirvel, enquanto trabalho, faça-me punheta...

MIRVEL, comprazendo-a - Onde se poderá encontrar putinha mais depravada e perfeita!

EUGÊNIA, inflamada - Basta que me punheteie também, as invectivas são inúteis. Se continuar, pingo você também. Não lhe resta uma mão para me titilar o cu? Ai, assim, está tão gostoso que não enxergo bem; darei os pontos atravessados. Veja minha agulha, foge para as coxas, para as mamas. Que fodaça, que festança!

MADAME DE MISTIVAL - Celerada, como pôde pôr no mundo semelhante monstro?

EUGÊNIA - Pronto, mãezinha, já acabei.

DOLMANCÉ, em ereção completa - Eugênia, dê-me o cu, preciso dele; que seja meu!

MADAME DE SAINT-ANGE - Você vai martirizá-la, com semelhante ereção.

DOLMANCÉ - Pouco me importa. (Joga a Mistival de braços e começa a coser-lhe o cu. Enfia a agulha o mais possível, ouvindo-a gritar). Cale-se, diabo, demônio, senão farei uma marmelada deste cu de puta. Eugênia, faça-me punheta, menina!

EUGÊNIA - Farei, se você der pontos mais profundos ainda. Não a poupe! (Punheteia-o).

MADAME DE MISTIVAL (gritando) - Ai! Ai!

MADAME DE SAINT-ANGE - Trabalhe bem nessas nádegas!

DOLMANCÉ - Vou picá-las como se fosse um lombo de boi. Eugênia, você já se esqueceu da minha lição? Está cobrindo o meu caralho, menina!

EUGÊNIA - As dores dessa puta de tal modo me falam à imaginação que nem sei o que estou fazendo...

DOLMANCÉ - Perco de todo a cabeça! Quero imediatamente que Agostinho enrabe Madame de Saint-Ange, enquanto seu irmão lhe meterá pela boceta. Quero ver, contemplar, observar os cus e acabar assim. Tome, velha, receba mais esta... (Dá-lhe grandes agulhadas enquanto os outros se arranjam).

MADAME DE MISTIVAL - Ai, estou morrendo... Morro! DOLMANCÉ, louco de prazer - Quem me dera assim fosse, nunca fiquei tão tesudo depois de ter gozado tantas vezes. Que tesão hercúleo!

MADAME DE SAINT-ANGE, solicita - Estamos executando bem o que você ordenou, Dolmancé?

DOLMANCÉ - Agostinho, que se volte um pouco, não lhe vejo bem o cu; que se incline para eu apreciar o orifício. Assim! Como sangra esta velha puta! Vamos amigos, estão prontos para gozar? Eu vou já regar com o bálsamo da vida todas as chagas que abri neste cu de velha.

MADAME DE SAINT-ANGE - Também eu estou gozando, chegamos à meta todos ao mesmo tempo.

DOLMANCÉ - que goza aumentando as picaduras na bunda da vítima - Veja como corre a minha porra. Eugênia, dirija o jato sobre as nádegas que estou martirizando! Ó que foda deliciosa! Agora não aguento mais... Por que a fraqueza sucede a tão fortes sensações, a tão gostosas paixões?

MADAME DE SAINT-ANGE - Foda-me, irmão, estou acabando! (A Agostinho): Mexa-se bem, vadio, já está farto de saber que quando eu gozo quero que penetre mais fundo no meu cu. Como é delicioso ser fodida ao mesmo tempo por duas boas picas! (Terminam.)

DOLMANCÉ - Tudo está consumado. Esta puta velha pode se vestir quando quiser. E pode nos agradecer. Saiba que estávamos autorizados, por seu marido, a fazermos tudo o que fizemos e a mais ainda se quiséssemos. Se não acredita, leia. (Mostra a carta a Mistival). Há de se lembrar sempre que sua filha está em idade de ser senhora do seu nariz. Gosta de foder, nasceu para isso. Saúde a todos, sua putança! De joelhos diante de sua filha peça perdão por sua abominável conduta para com ela. Vamos, Eugênia, mais duas bofetadas, e quando chegar ao lumiar da porta, dê-lhe mais dois pontapés no eu. (Eugênia obedece). Mirvel, reconduza essa puta e não a foda mais; lembre-se de que está contaminada. (Mirvel e Madame de Mistival saem). Agora, amigos, uma boa refeição e nos deitaremos os quatro na mesma cama. Eis o que podemos chamar uma linda e agradável jornada. Nunca como com tanto apetite e nunca durmo com tanta tranquilidade do que quando me farto daquilo que os imbecis têm o mau gosto de chamar "crimes".

CRONOLOGIA

1740. 2 de junho. Nasce em Paris no "hôtel" de Condé, Donatien-Alphonse-François de Sade.

1744-1750. Seu tio paterno, o abade d'Ébreuf, encarrega-se da sua educação no castelo de Saumane, na Provença.

1750. Retomo a Paris. Estudos no colégio Louis-le-Grand, mantido pelos jesuítas.

1755-1763. Durante a guerra dos Sete Anos, Sade, fazendo valer seus certificados de nobreza, obtém as patentes de subtenente, oficial porta-bandeira e capitão, sendo reformado em 15 de março de 1763, no fim da guerra.

1763. 17 de maio. Casa-se com Renée-Pélagie Cordier de Launay de Montreuf, com quem terá dois filhos e uma filha. 29 de outubro. Encarcerado em Vincennes durante 15 dias por excesso de libertinagem numa casa de prostituição.

1764. Retomo a Paris. Ligação com a Beauvoisin. Sempre vigiado.

1767. Morre seu pai, em 24 de janeiro. Em 16 de abril, promovido a capitão comandante, recebe ordem de reunir-se a sua companhia e parte para Lyon com a Beauvoisin. Em 27 de agosto nasce seu primeiro filho, Louis-Marie.

1768. 3 de abril. Sade conduz uma mendiga, Rose Keller, à sua casa de Arcueil e flagela-a. Ela escapa e, mais tarde, desiste da sua queixa em troca de uma indenização. Mas o Parlamento de Paris ordena a retomada do caso.

Decretada a prisão, Sade é detido por 15 dias em Saumur, e em seguida transferido para a fortaleza de Pierre-Encise, onde permanece por 7 meses.

1769. 27 de junho. Nasce Donatien-Claude-Armand, segundo filho do marquês.

1771. 17 de abril. Nasce sua filha, Madeleine-Laure. Sade é aprisionado por dívidas no Fort-1'Évéque, de onde sai em 1^o de setembro. Em dezembro parte para o castelo de La Coste.

1772. Em fins de junho, em Marselha, Sade e seu criado Latour promovem uma orgia seguida de flagelação com jovens prostitutas, uma das quais acredita ter sido envenenada com afrodisíacos. No dia 4 de julho é decretada a prisão de ambos. Em agosto, Sade foge com sua cunhada para a Itália. Em setembro, Sade e Latour são condenados à morte, à revelia, e executados em efígie, em Aix. Em 8 de dezembro, finalmente, são presos.

1773. 12 de maio. Sade foge da prisão com Latour e um companheiro de detenção, dirigindo-se a Grenoble.

1774. Procurado pela polícia em La Coste, onde sua mulher tinha vindo encontrá-lo. No castelo, Sade abandona-se a excessos com rapazes e mocinhas.

1775. Ameaçado, viaja para a Itália.

1776. No final de janeiro, ele está em Nápoles. Em junho: Roma, Bolonha, Grenoble. Em novembro volta a La Coste.

1777. Em 8 de fevereiro, retomando a Paris com sua mulher, recebe a notícia da morte de sua mãe. No dia 13 é preso e conduzido a Vincennes.

1778. Em junho é autorizado a comparecer a Aix para anular a condenação de Marselha. Advertido por deboche excessivo, deixa a cidade sob escolta em 15 de julho,

mas foge na parada de Valence e toma a esconder-se em La Coste, onde é novamente preso em 26 de agosto. Em 7 de setembro retoma a Vincennes.

1781. Em 13 de julho, Madame de Sade recebe, pela primeira vez, permissão para visitar o prisioneiro.

1782. Em 12 de julho, o *Dialogue entre un prêtre et un moribond* é concluído. Em 25 de setembro, as visitas de Madame de Sade são suspensas.

1784. Em 29 de fevereiro, Sade é transferido para a Bastilha; sua mulher será autorizada a vê-lo duas vezes por mês.

1785. De 22 de outubro a 28 de novembro, passa a limpo, sobre um rolo de papel de 12 metros de comprimento, as *120 journées de Sodome*.

1787. Conclui *Infortunes de la vertu*, em 8 de julho.

1788. De 1º a 7 de março redige o conto *Eugénie de Franval*. Em 1º de outubro, redação do *Catalogue raisonné des oeuvres de Pauteur*.

1789. Em dois de julho, Sade grita pela janela que estão degolando os prisioneiros. No dia 4 ele é transferido ao hospício dos religiosos de Charenton.

1790. Liberado em 2 de abril, sua mulher recusa-se a recebê-lo. A separação é pronunciada em 9 de junho. No dia 17 de agosto ele apresenta na Comédie-Française o seu *Mari crédule* se une à jovem atriz Marie Constance Quesnet que o acompanhará até sua morte.

1791. Cinco peças encenadas em diversos palcos. *Justine ou les Malheurs de la vertu* no prelo (em junho). No dia 22 de outubro, primeira representação do drama *Le Comte Oxtiern ou les Effets du libertinage*, no Teatro Molière. Em novembro, leitura de *Jeanne Latsné ou le Siège de Beauvais* no Teatro Francês.

1792. Em 17 de outubro é nomeado comissário para a organização da cavalaria da seção de Piques; em seguida comissário na assembléia administrativa dos hospitais. Representação e fracasso de *Suborneur*.

1793. Em 26 de fevereiro, relatório de inspeção de vários hospitais. Desde o outono de 1792 Sade tenta obter uma indenização pela pilhagem de La Coste. No dia 2 de agosto, presidindo uma reunião da sua seção, recusa-se a aplicar uma pena desumana. Em setembro, *L)iscours aux mânes de Marat et de Le Pelletier* Em novembro *Pétition de la section des Piques aux représentants du peuple français* No dia 5 de dezembro é preso nas Madelonnettes.

1794. No dia 13 de janeiro é encarcerado nos Carmes, em seguida, na prisão de Saint-Lazare. No dia 27 de março é transferido, doente, para a casa de saúde de Piepus. Libertado em 15 de outubro.

1795. No dia 25 de agosto, termina de imprimir os oito volumes de *Aline et Valcour*. No outono, é publicada *La Philosophie dans le boudoir*.

1796. Outubro: venda de La Coste. Publicação clandestina de

Histoire de Juliette.

1797-1798. Sade luta contra a miséria.

1799. Em fevereiro, ganha 40 sous por dia como empregado no espetáculo de Versailles. Em dezembro, reapresentação de *Oxtiern*, desempenhando papel de Fabrice.

1800. Seus bens continuam sequestrados e ele quase morre de fome. Em outubro o *Journal de Paris* o ataca. Publicação oficial de *Les crimes de l'amour* e clandestina de *La nouvelle Justine*.

1801. No dia 6 de março ele é preso por *Justine* e *Juliette*. Detido, no dia 2 de abril, em Saint-Pelagie, e depois em Bicêtre.

1803. Transferido em 27 de abril para Charenton. No hospício, organiza espetáculos com os loucos.

1806. No dia 5 de março, começa a passar a limpo a *Histoire d'Émilie*, cujo primeiro volume ele conclui em 10 de julho: *Mémoires d'Émilie de Valrose ou les Égarements du libertinage*.

1807. Conclui o manuscrito em 25 de abril. A *Histoire d'Émilie* forma os quatro últimos tomos de uma grande obra em dez volumes, cujo título geral será: *Les Journées de Florbelle ou la Nature dévoilée, suivies des Mémoires de l'abbé de Modose et des Aventures d'Émilie de Volnange, etc.*

1810. Em 7 de julho, morte da marquês de Sade.

1813. Publicação oficial de *La Marquise de Ganges*.

1814. Em 2 de dezembro, morte do marquês de Sade, em Charenton.